



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÕES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

EDVALDO CAVALCANTI DE AZEVEDO FILHO

**TRANSFORMAÇÕES MUSICAIS E HIBRIDAÇÕES CULTURAIS
NO BOI DA MACUCA**

Recife
2023

EDVALDO CAVALCANTI DE AZEVEDO FILHO

**TRANSFORMAÇÕES MUSICAIS E HIBRIDAÇÕES CULTURAIS
NO BOI DA MACUCA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em música.

Área de concentração: Música e Sociedade.

Orientador: Professor Doutor Amilcar Almeida Bezerra

Recife

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

A994t Azevedo Filho, Edvaldo Cavalcanti de
 Transformações musicais e hibridações culturais no Boi da Macuca /
 Edvaldo Cavalcanti de Azevedo Filho. – Recife, 2023.
 113f.: il.

 Sob orientação de Amilcar Almeida Bezerra.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
 Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em
 Música, 2023.

 Inclui referências e anexo.

 1. Música tradicional nordestina. 2. Cultura popular. 3. Hibridismo.
 4. Contracultura. 5. Boi da Macuca. I. Bezerra, Amilcar Almeida
 (Orientação). II. Título.

780 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-219)

EDVALDO CAVALCANTI DE AZEVEDO FILHO

**TRANSFORMAÇÕES MUSICAIS E HIBRIDAÇÕES CULTURAIS
NO BOI DA MACUCA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em música.

Área de concentração: Música e Sociedade.

Aprovada em: 30/08/2023.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Amilcar Almeida Bezerra (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Carlos Sandroni (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Professor Doutor Lucas Victor Silva (Examinador externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Na intenção de preservar-me das agruras da culpa imputadas a mim e por mim, devido a eventuais desídias, apelo para a reconfortante e libertadora condição de imperfeito. Evocando a expressão *Verba volant, scripta manent*¹, registro, sem temores, minha mais abrangente gratidão à misteriosa e incompreensível, porém mais que perfeita combinação que chamamos de *tudo*.

¹ *Verba volant, scripta manent*, do latim, “Palavras voam, escritos permanecem”.

“A fascinação frente à beleza anula o assombro frente ao diferente.”

(Canclini, 2008, p. 175)

RESUMO

Este trabalho versa sobre a temática das culturas populares com ênfase no universo de alguns dos aspectos da música tradicional nordestina costumeiramente presentes no cenário dos ciclos carnavalesco e junino. Tendo como objeto de estudo a agremiação Boi da Macuca, a pesquisa propõe reflexões sobre os conceitos de hibridação, que contará com o aporte teórico a partir dos escritos do antropólogo social Néstor García Canclini; as concepções sobre contracultura, cujo referencial teórico se dará a partir das leituras do autor Carlos Alberto Messeder Pereira e, como terceiro conceito aplicado neste estudo, lançaremos um olhar sobre as tradições, que terá o debate teórico embasado nas ideias do historiador Eric Hobsbawm. O estudo propõe um cenário para um entendimento no qual os conceitos estão articulados com diversas manifestações da agremiação investigada. Nos capítulos 1 e 2, o texto apresenta um breve panorama sobre uma etnografia do Boi da Macuca. Desta forma, entendemos que, apresentados alguns traços que caracterizam a Macuca, a leitura poderá oferecer maior solidez e situar melhor as reflexões ao chegar ao terceiro e último capítulo, quando a pesquisa procura estabelecer conexões entre a prática do Boi da Macuca e a fundamentação teórica abordada. Considerando a trajetória do Boi, que teve inflexões em seu fazer musical ao longo dos anos, o trabalho abraça a ideia de contribuir com uma reflexão sobre as transformações ocorridas na música produzida nas festas da Macuca — no palco e na rua — como uma possível fonte para a compreensão do significado para as manifestações de brincantes.

Palavras-chave: música; culturas populares; hibridismo; contracultura; tradição.

ABSTRACT

This work is the result of observations drawn from popular cultures with an emphasis on the universe of some aspects of traditional northeastern music usually present in the scene of the carnival and June parties. Taking the carnival block Boi da Macuca as its object of study, the research proposes reflections on the concepts of hybridization, which will be based on the theoretical framework supported by the writings of the social anthropologist Néstor Garcia Canclini; the conceptions about counterculture, whose theoretical reference will be based on the readings of the author Carlos Alberto Messeder Pereira and, as a third concept applied in this study, we will investigate the traditions, which will have the theoretical debate based on the ideas of the historian Eric Hobsbaw. The study proposes a scenario for an understanding in which the concepts are articulated with different manifestations of the carnival block investigated. In chapters 1 and 2, the text presents a brief panorama of an ethnography of Boi da Macuca. Thus, we understand that, by presenting some features that characterize Macuca, the reading can offer greater solidity and better situate the reflections upon reaching the third and final chapter, when the research aims to establish connections between the practice of Boi da Macuca and the theoretical framework that underlies this study. Considering Boi's trajectory, which showed alterations in its musical performance throughout the years, this work aims to trigger the reflexion upon the transformations occurred in the music produced at Macuca parties – on stage and in the street – as a possible source to understand the meaning of the participants' manifestations.

Keywords: music; popular cultures; hybridity; counterculture; tradition.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MACUCA - UM PRIMEIRO RECORTE	20
2.1	UM RELATO SOBRE O BOI DA MACUCA	20
2.2	VAI, VAI, VAI, COMEÇAR A BRINCADEIRA...	21
2.3	ZÉ DA MACUCA: O CAPITÃO DO BRINQUEDO	26
2.4	RUDÁ ROCHA: PERMANÊNCIA E EXPANSÃO PARA A MACUCA	32
2.5	ONDE E QUANDO O BOI DA MACUCA SE MANIFESTA	33
2.5.1	<i>O Boi no Carnaval</i>	34
2.5.2	<i>A Macuca no São João</i>	40
2.5.3	<i>Os Festivais na Macuca</i>	41
2.6	O PÚBLICO: <i>MACUQUEIROS</i> E PERSEGUIDORES	45
2.6.1	<i>Os cortejos de rua do Boi</i>	48
2.6.2	<i>As festas de salão da Macuca</i>	52
3	UM BOI “ORQUESTRANDO” OUTROS TEMPOS?	56
3.1	AS SONORIDADES DO BOI DA MACUCA	55
3.1.1	<i>De Luiz Gonzaga a Otto</i>	57
3.1.2	<i>De Benedito a Oséas</i>	59
3.1.3	<i>A Macuca “Digital”</i>	61
3.2	OUTROS PÚBLICOS	66
3.2.1	<i>Um Boi “pop”</i>	67
3.2.2	<i>Com a Macuca, o carnaval em Olinda é outro</i>	69
3.3	O ATIVISMO CULTURAL DA ENTIDADE	71
3.3.1	<i>A Macuca como Ponto de Cultura</i>	73
3.3.2	<i>As ações da Entidade para captação de recursos</i>	74
3.3.3	<i>Para além da música</i>	76
4	OS CONCEITOS DE HIBRIDAÇÃO, CONTRACULTURA E (RE)INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO BOI DA MACUCA	78
4.1	SIGNIFICADOS HÍBRIDOS: À LUZ DE CANCLINI	78
4.2	ASPECTOS DA CONTRACULTURA NO UNIVERSO DO BOI	83
4.3	O BOI E SUA DINÂMICA: TRADIÇÕES REINVENTADAS	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

A intenção de realizar um trabalho de pesquisa no campo da música tradicional encontra suas motivações, em grande parte, em minha vivência pessoal de músico folião. Um sujeito que se considera verdadeiramente atraído pelos encantos da apreciação e, em certa medida, pelas práticas que envolvem as diversas manifestações musicais presentes na cultura popular do Nordeste do Brasil. Foi a partir de oportunidades de imersão que pude perceber, ainda que preliminarmente, a dimensão e a potência que a cultura popular exerce sobre indivíduos bem como sobre os diversos coletivos reconhecidos nas sociedades contemporâneas. Meus primeiros contatos com estudos de música, quando ainda bem jovem, já aconteceram dentro do âmbito das festas populares. Àquela época, iniciei a prática musical sob a orientação do maestro Nunes de Souza, ícone do frevo pernambucano. Embora, por ser inapelavelmente muito imaturo², não pudesse compreender, com a devida profundidade, a grandeza daquele domínio no qual acabara de adentrar, fiquei impressionado ao perceber o quanto encantadora é a relação entre a música das culturas populares e os usos e costumes das pessoas que com ela interagem. Sem falsa modéstia, nunca neguei um orgulho manifesto pelo fato de que minha iniciação musical, assim como uma expressiva parte de minha formação continuada, têm seus alicerces edificadas a partir da observação, estudo e prática no universo das complexas sonoridades do carnaval, especialmente de Recife e Olinda. O inflamado interesse pelas festas de Momo permanece comigo até hoje e continua movendo minhas ações, tanto no campo profissional, onde atuo como docente, quanto no desenvolvimento de pesquisas.

Ao ingressar na vida acadêmica, ainda estudante no curso de graduação do Departamento de Música da UFPE, já me percebi motivado a pesquisar aspectos ligados ao carnaval pernambucano. Naquelas circunstâncias, a temática que me despertou o interesse estava ligada ao gênero musical frevo de bloco. Após finalizada aquela breve pesquisa, realizada dentro das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – PIBIC/CNPq, percebi que o horizonte de estudo havia se ampliado como eu jamais podia imaginar. Em minha primeira pós-graduação³, novamente recorri à cena dos brincantes. Desta vez, o objeto de estudo foi um folguedo oriundo da Zona Oeste do Recife, do bairro da Várzea. Como costuma acontecer à medida em que avançamos em pesquisas diversas, as perspectivas se expandem e, não raro, somos levados pela

² Minhas primeiras aulas de música aconteceram quando tinha 15 anos de idade.

³ O curso de Especialização no âmbito lato sensu, foi realizado no Programa de Pós-graduação em Música do Departamento de música da UFPE.

tendência de buscar alçar novos e mais ousados voos. Concluído aquele trabalho, passei a observar outras manifestações ligadas ao Carnaval mais atentamente, a partir de então, sob novas e mais apuradas lentes. As ideias confluíam em abundância, numa avalanche de possibilidades envolventes. As perspectivas se avolumaram de modo que se tornou difícil considerar apenas um ponto de partida para uma nova investigação.

Após maturar sobre as reais — e viáveis — oportunidades para a execução de uma pesquisa em nível *stricto sensu*, iniciei a procura por alguma manifestação que pudesse contemplar uma gama maior de características musicais e que tivesse uma estreita ligação com o carnaval.

Foi então que resolvi iniciar um estudo sobre a Agremiação Boi da Macuca⁴. A partir de uma observação participativa, na qual estive, em certa medida, imerso no fazer musical do grupo supracitado, pude decidir que aquela seria a matéria sobre a qual buscaria desenvolver uma investigação mais minuciosa. Minha relação com a Entidade Cultural Macuca teve início há pouco mais de duas décadas. O brinquedo me foi apresentado por um colega, também docente na UFPE, que já conhecia o Boi de perto. Nos intervalos entre as aulas, o professor Paulo Cristóvão de Lima, que já participava da brincadeira desde *outros carnavais*, comentava com entusiasmo sobre algumas das características do grupo. Foi mesmo naquela ocasião que imediatamente voltei minha atenção ao folguedo. Sobre esta passagem, trago, com a devida vênica, um rápido registro pessoal: recordo de ter sido presenteado com uma camiseta da agremiação que, àquela época, marcava os dez anos de sua fundação. A arte exibida na peça foi assinada pelo artista plástico Peter M. Bauer.

Figura 1 – Imagem estampada na camiseta do Boi da Macuca em 1999



Fonte: acervo do autor

⁴ A agremiação Boi da Macuca será referida, em algumas passagens deste trabalho, pela expressão *Entidade Cultural*. A locução foi utilizada pelo próprio Rudá Rocha, filho de Zé da Macuca e atual Diretor da agremiação.

Enquanto docente no Departamento de Música da UFPE, pude constatar que aquele segmento da Instituição, de algum modo também se fez presente na história do Boi. Além de pessoas interessadas oriundas dos corpos docente e discente, que tinham presença marcada nas festividades da entidade — tanto no carnaval quanto nos eventos realizados na fazenda —, a Macuca também recebeu apresentações de música erudita performadas por instrumentistas vinculados ao Departamento. Notamos, a partir da participação do DEMUS/UFPE, mais um traço desta entidade que sempre procurou dialogar e mesmo acolher as expressões musicais em sua pluralidade, estejam os artistas no campo da música popular ou no continente da chamada música erudita. A Macuca realiza suas brincadeiras, mormente nos festejos dos ciclos junino e carnavalesco. Meu primeiro contato com seus brincantes aconteceu em um carnaval no Sítio Histórico de Olinda. Logo percebi que se tratava de um grupo *sui generis*: me chamou a atenção a empolgação das pessoas que participavam do cortejo ao som do mais “autêntico” forró nordestino. O entusiasmo dos foliões que se acercavam do pequeno grupo que tocava instrumentos tradicionais me pareceu um aspecto a ser observado mais atentamente, e a partir do ano seguinte passei a compor as fileiras dos perseguidores do Boi. No que concerne à menção aos *perseguidores*, convém registrar que o termo será utilizado neste trabalho para fazer referência a pessoas que acompanham diversas agremiações de forma itinerante sem que tenham, necessariamente, qualquer ligação mais profunda com os grupos. Perseguidor assumido, lá estava eu, no carnaval de Olinda, inserido no contexto da folia e acompanhando a Macuca. Não tardou para que minha participação na brincadeira avançasse à condição de músico, tocando meu pandeiro e cantando a plenos pulmões as canções que eram anunciadas pelo líder do grupo, o Capitão Zé da Macuca.

Embora não tenham sido estabelecidos vínculos mais profundos, para além do espírito de brincante carnavalesco, hoje não me furto a reconhecer-me como um seguidor da agremiação. De fato, considerando todos os momentos em que estive junto aos cortejos — e por consequência, participando dos momentos de concentração que os precedem —, durante algum tempo degustei a ingênua impressão de que conhecia o folguedo suficientemente para discorrer, sem inseguranças, sobre a maior parte das suas características essenciais. O Boi da Macuca é uma manifestação com suas dinâmicas próprias e por isso percebi, a partir de um olhar mais cuidadoso — e, é mister registrar, com a ajuda de valiosos colegas — que para atender aos critérios de tempo impostos para uma pesquisa neste formato, o estudo deveria ser realizado a partir de recortes. Desta maneira, finalmente pude perceber que estava diante de uma chance real para desenvolver um trabalho sobre o grupo.

Naturalmente, como trata-se de uma manifestação cultural que figura entre as agremiações sobre as quais reservo inegável admiração, é importante destacar que foi estabelecido o necessário distanciamento nos momentos de observação e análise, tanto na compilação do material levantado alusivo à Entidade, quanto nos momentos de registro dos dados empíricos *in loco* durante a investigação. Pelo exposto, é importante marcar que embora eu reconheça minha posição de frequente participante das celebrações do grupo, as conclusões do estudo não agregam nenhum tipo de posicionamento iníquo que possa ter distorcido ou comprometido a seriedade de sua execução. Por outro lado, reconhecemos e por isso mesmo, redobramos a atenção aos desafios enfrentados no trabalho de etnografia em contextos como este. Não obstante, quero deixar dito, que os aspectos musicais da festa carnavalesca e suas relações com a sociedade estão – e, quero acreditar, sempre estarão – em lugar de destaque no que se refere aos meus estudos e interesses acadêmicos.

O Boi da Macuca se apresenta como um objeto de estudo com uma particular variedade de elementos. Estando esta pesquisa situada no campo de música e sociedade, entendemos que as concepções sobre cultura popular defendidas pelos que fazem a agremiação expõem, na forma de suas manifestações, um conjunto de componentes musicais que reclamam uma observação mais cuidadosa. A música, que em nosso entendimento se mostra como principal força motriz das brincadeiras, é vivenciada — nos âmbitos da apreciação, produção e performance — de maneira bastante singular. As sonoridades oferecidas ao público da Entidade abarcam gêneros típicos de diversas matrizes tradicionais. O amálgama presente no repertório da Macuca foi um dos principais motivadores para dar início a este trabalho. Atualmente, a *setlist* que a agremiação costuma oferecer ao público tem seus pilares mais representativos no frevo e no forró, e eis que chegamos a uma das características singulares da Entidade Macuca: numa mesma execução temos os timbres característicos do frevo com sua orquestra de metais e os arranjos que identificam os contornos daquele estilo, por outro lado percebemos um repertório que é composto por peças do cancionário nordestino com ênfase em sucessos de dois artistas eminentes, a saber, Luiz Gonzaga e Dominginhos. Mas, nem sempre foi assim. Em seus primórdios, a música do Boi era performada por um “típico” conjunto de forró, com sanfona, zabumba, triângulo e outros instrumentos característicos do gênero. Analisar alguns dos aspectos que envolvem as transformações no modo de fazer música que a Macuca apresenta se tornou o principal objetivo do presente estudo. A partir de suas ações culturais, a Macuca estabelece um elo entre o interior e o litoral do estado. No que se refere às suas tradições musicais, em certa medida, as festas promovidas pela Entidade reúnem alguns dos mais representativos aspectos identitários destas duas regiões. Este traço da diversidade musical,

muito marcante nesta agremiação, já dividiu opiniões, especialmente entre os seguidores que acompanham o brinquedo há mais tempo. De fato, nos primeiros momentos em que a música do Boi experimentou a mudança de vários dos seus elementos constituintes — como timbre, intensidade, andamento etc. —, a transição gerou alguma perplexidade. Ora, neste caso, estamos falando das diferenças entre a música produzida por um trio de forró *pé de serra*, que tende a oferecer sonoridades mais intimistas, e a massa sonora proveniente de uma “autêntica” orquestra de frevo de rua. A transição foi marcante, mas o grupo seguiu em frente.

Observando os cenários nos quais agremiações como o Boi da Macuca entram em cena, temos como horizonte o estado de Pernambuco, que é conhecido nacional e internacionalmente por sua música, fato reafirmado com a titulação de Cidade Criativa no campo da música, concedida ao Recife pela UNESCO em 2021⁵. A cena musical pernambucana segue experienciando os processos de hibridação que há tempo envolve as sociedades contemporâneas, processos estes, instalados sobretudo nos grandes centros urbanos. Aqui percebemos outro traço significativo. A mistura entre tradição e contemporaneidade se faz presente nas ações do ativismo cultural da Entidade como em poucos nichos. Entendemos que configura um destaque relevante o fato de que aspectos da contemporaneidade como, por exemplo, o reconhecimento de um mercado cultural e suas relações com fazer artístico devam ganhar visibilidade para as devidas reflexões. Sobre este particular, a pesquisadora Aline Carvalho coloca: “Constata-se que o conceito de cultura vem sendo expandido e de que forma a cultura passa a ser apropriada não mais como um fim em si mesma, mas como ferramenta política, social e econômica.” (Carvalho, 2009, p. 89).

Como sabemos, devido à natureza de suas próprias dinâmicas — alimentadas pelo diálogo permanente e irrefreável entre os costumes —, as tradições populares experimentam processos de reconfiguração ao longo do tempo. Estes processos, assim como suas consequências, acabam atingindo uma expressiva visibilidade nos festejos dos diversos ciclos das festas tradicionais brasileiras. No estado de Pernambuco, um exemplo deste trânsito se faz notar, quando percebemos elementos estéticos característicos de manifestações da cultura popular inseridos em um contexto de música urbana, como, por exemplo, o trabalho da banda Nação Zumbi. Na proposta musical da Macuca — que não se restringe aos momentos dos cortejos nas ruas — percebemos a confluência de muitas concepções. O fazer musical do Boi

⁵ Publicação da Prefeitura da Cidade do Recife alusiva ao reconhecimento do título de Cidade Criativa no Campo da Música, concedido pela UNESCO. <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/08/11/2021/recife-recebe-titulo-de-cidade-criativa-da-unesco#:~:text=Cidade%20que%20tem%20na%20m%C3%BAica,da%20Unesco%2C%20na%20categoria%20M%C3%BAica>. Acessado em 20/04/2023.

da Macuca propõe uma combinação que busca levar aos brincantes, muitos dos elementos característicos das sonoridades tradicionais e modernas. Um dos autores que fundamentam as reflexões teóricas deste trabalho, o antropólogo social Néstor García Canclini, comenta sobre o conceito de hibridação:

Frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida quotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se reconverter⁶ um patrimônio [...] para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (Canclini, 2008, p. XXII).

Como agentes culturais, os organizadores da brincadeira produzem eventos que, embora estejam relacionados com os dois principais ciclos de festas contemplados pela Entidade — o carnavalesco e o junino — se configuram como uma proposta que atende a públicos com outros perfis, para além daquele composto majoritariamente por foliões de rua. Em suas festas realizadas com estrutura de palco, a Macuca oferece opções com espetáculos de artistas que se apresentam com uma infraestrutura específica, o que possibilita que a experiência estética seja vivenciada numa outra perspectiva. À luz desta complexidade de elementos, o estudo nos provocou sobre uma questão: como o diálogo entre atores musicais e os demais grupos sociais envolvidos se relaciona com as mudanças ocorridas na brincadeira ao longo de sua história?

Portanto, o trabalho abraça a ideia de contribuir com uma reflexão sobre as transformações ocorridas na música produzida nas festas do Boi da Macuca — no palco e na rua — como fonte de significado para as identidades pessoais e coletivas.

Considerando um grupo com suas peculiaridades, os movimentos que o Boi da Macuca vem proporcionando ao cenário dos festejos populares ganharam uma dimensão particular no que se refere aos seus adeptos, sejam estes *veteranos* ou *calouros*. A agremiação que apresenta em seus cortejos uma proposta musical ornada de canções juninas que se somam em um mesmo repertório aos clássicos do frevo, também percebeu uma sensível diferença no que se refere ao perfil ou melhor dizendo, aos diversos perfis de seu público, que recebeu novos sujeitos, que ao que parece, se identificaram com as novidades.

Sobre sua fundamentação teórica, este trabalho teve como principais referências os conceitos de hibridação cultural, contracultura e tradições inventadas. Deste conjunto, considerando que a pesquisa pretende observar os processos de hibridação no objeto estudado, a principal referência teórica a ser seguida se apoia nas concepções do antropólogo social Néstor García Canclini. Entendendo as culturas populares como um produto das ideologias

⁶ O significado de *reconverter* por Canclini: “o termo é utilizado para explicar as estratégias mediante as quais um pintor se converte em designer, por exemplo. (Canclini, 2008, p.XXII)

hegemônicas e das fragilidades agravadas pelas contradições entre as classes oprimidas, o autor propõe um olhar atento às culturas híbridas no contexto latino-americano, o que dará suporte ao estudo aqui apresentado. Os demais conceitos que atravessam o trabalho foram tratados a partir da leitura dos teóricos Carlos Alberto Messeder Pereira, na matéria sobre contracultura e Eric Hobsbawm, que nos dará suporte nas reflexões sobre tradições. Como leituras complementares sobre as temáticas aqui tratadas, também abordaremos as ideias dos autores Durval Muniz de Albuquerque Jr, em seu livro *A Invenção do Nordeste* e do historiador e acadêmico Theodore Roszak em sua obra *A Contracultura - Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*; além de artigos de outros autores que, versando sobre as temáticas focadas, possam contribuir com este estudo.

Entendemos que as concepções que a Macuca agrega às suas práticas se aproximam de alguns ideais da contracultura. A própria sede da Entidade, que se localiza geograficamente no agreste do estado — portanto, distante das grandes urbes — e que recebe centenas de pessoas nos eventos ali produzidos; de certo modo corrobora este ponto de vista. A Fazenda Macuca se configura como um cenário propício para a vivência de vários aspectos daquela filosofia de vida. Traços do ideário da contracultura são notados na agremiação quando percebemos refletidos nela os ideais de seu próprio fundador, que tinha uma concepção de existência que defendia o modo de vida inserido no universo rural que, segundo ele, aproximava as pessoas de uma vivência mais próxima das culturas tradicionais em oposição ao espaço tecnocrático e ao ritmo do cotidiano urbano. Em uma de suas falas sobre este assunto, o próprio Zé da Macuca declara:

“Morar na fazenda dos meus pais... quero voltar. Aí fui largando emprego, largando tudo e voltar pra cá [Fazenda Macuca]. Pra saber onde estavam meus familiares, saber onde era a terra, como é a terra, como é o cavalo, o que é uma vaca o que é agricultura, o que é viver no mato, o que é a luz do candeiro.”⁷

Trazendo a reflexão sobre este aspecto da contracultura que se vincula às concepções da entidade Macuca, temos as palavras de Pereira:

Esta [a contracultura], por sua vez, se concretizou através de inúmeras manifestações surgidas em diferentes campos, como o das Artes (...), o da organização social, aparecendo em primeiro plano a ênfase dada pelo movimento hippie à vida comunitária, na cidade ou no campo; e, ainda, o da atuação política (Pereira, 1988, p.26)

E mais adiante, o autor conclui:

⁷ Zé da Macuca em depoimento A vida de Zé antes do Boi da Macuca <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> acessado em 18/04/2023)

Este era, portanto, o verdadeiro sentido da crítica do movimento hippie à repressão que, do seu ponto de vista, caracterizava o modo de vida do Ocidente: a busca às vezes desesperada e nem sempre muito consciente de um novo espaço onde fosse possível viver uma outra vida. [...] No seu interior, a própria organização econômica se torna comunal, surgindo, por exemplo, inúmeras “comunidades agrícolas”. (Pereira, 1988, p.55)

Naturalmente, os conceitos associados à contracultura serão colocados e refletidos para que possamos estabelecer possibilidades de entendimento sobre as conexões entre as propostas do ativismo cultural da agremiação e os traços mais representativos dos ideais contraculturais.

Explicitando, nesta introdução, de uma maneira preliminar porém objetiva, elucidamos que neste trabalho, os referenciais teóricos deverão estar articulados na seguinte disposição: Ao longo de sua história, nas dinâmicas do Boi da Macuca, os processos de hibridação serão considerados e analisados sob a ótica das influências do ideário da contracultura — diga-se, de passagem, um elemento de peso nesta análise — e do trânsito que a agremiação realiza no campo das tradições, vivenciando e, não raro, apontando na direção da reinvenção de novos costumes. Conforme descrito, o conceito de hibridação (Canclini, 2008) ocupará uma centralidade e será ladeado pelos conceitos de contracultura e invenção das tradições que darão o devido respaldo ao estudo aqui proposto.

No que se refere à metodologia aplicada nesta pesquisa, a coleta de dados se deu em sua maior parte a partir de leituras do material disponível na internet. Por estes meios virtuais, a Macuca veicula parte de seus registros, incluindo as *lives* realizadas durante o período de isolamento físico imposto por ocasião da pandemia de covid-19. Relatos de personagens entendidos como relevantes, assim como breves documentários também foram examinados. Observando as redes sociais Youtube, Instagram e Facebook, a Entidade conta com mais de seis horas de material em vídeo além de centenas de publicações em outros formatos.

Para além das leituras provenientes de fontes como a narrativa oficial da Entidade publicada em sua *home page* e outras fontes como matérias de fontes jornalísticas, também foram realizadas entrevistas, gravações e registros audiovisuais.

Pela característica desta proposta de investigação, que se aproxima do campo das ciências sociais, os dados serão analisados considerando o devido olhar atencioso, que a subjetividade que ali subjaz exige. O trabalho etnográfico foi parte da estratégia da pesquisa. Observando aspectos dos diversos segmentos que compõem a brincadeira do Boi da Macuca, o estudo pôde reunir alguns elementos que proporcionaram os meios para alcançar suas conclusões.

Sobre a estrutura desta dissertação propriamente, o texto foi organizado no seguinte formato: no primeiro capítulo, apresentamos um panorama que se propõe a descrever a Entidade Cultural Macuca em várias camadas. Foram dados destaques a elementos como, público, atores envolvidos na produção artística, histórico da agremiação e personalidades percebidas como relevantes para a construção e manutenção do brinquedo. Nesta primeira parte, apresentaremos os momentos e locais nos quais a entidade se manifesta; sua participação e ações culturais nos ciclos junino e carnavalesco, assim como levaremos ao leitor um breve panorama dos festivais promovidos pelo grupo. Como no recorte temporal analisado tivemos o contexto da pandemia de Covid-19 e o consequente isolamento físico imposto à população, entendemos que foi importante apresentar um destaque sobre este momento particular, quando a agremiação realizou algumas ações no período.

No segundo capítulo, demos seguimento à apresentação do Boi da Macuca tendo como principal marco temporal a sensível mudança de grande parte de sua proposta musical: as participações do sanfoneiro Benedito da Macuca e da orquestra do maestro Oséas Leão nos diferentes momentos históricos e contextos nos quais os festejos da agremiação se realizaram e se mantêm em atividade. Aqui trataremos de aspectos relativos ao universo musical do Boi, não apenas no que se aplica às sonoridades nos cortejos, mas também no que se refere às festas realizadas no formato de espetáculos fechados, onde diversos artistas se apresentam diante de um público atento. Ainda neste capítulo o texto traz um tópico alusivo ao ativismo cultural da entidade como Ponto de Cultura reconhecido institucionalmente. Em síntese, trata-se de mais um capítulo voltado para que o leitor possa se apropriar dos contornos que definem a agremiação aqui estudada e assim, possa acompanhar as reflexões com maior embasamento ao prosseguir na leitura do texto.

No terceiro e último capítulo, trazemos uma abordagem realizada à luz dos referenciais teóricos já mencionados. Nesta parte do texto teremos a discussão sobre os conceitos e a sua aplicação para a análise do objeto dentro do contexto da Entidade Boi da Macuca. Apresentamos as ideias sobre hibridação, contracultura e tradições inventadas, de maneira articulada com o perfil da agremiação. Evocando Canclini, buscamos situar o Boi da Macuca onde suas práticas revelam traços do conceito de hibridação cultural, incluindo a ideia de significados híbridos, para além das considerações sobre os produtos culturais resultantes do diálogo entre estéticas diversas. Estando a música da agremiação figurando como foco central da pesquisa, o princípio da hibridação cultural, aqui salientado, confirma Canclini como principal teórico trazido à discussão. No que se refere aos ideais da contracultura, a leitura dos escritos de Carlos Alberto Messeder Pereira nos fornece o ponto de partida para estabelecermos

as conexões entre a identidade da Macuca — incluindo seus princípios éticos e políticos — e o ideário daquela concepção filosófica. E, no que diz respeito às questões das tradições, o teórico Eric Hobsbawm nos abastece dos elementos para alimentarmos a discussão sobre o movimento dialógico entre tradições *atávicas* e contemporaneidade que, no universo da Macuca, conflui favorecendo o surgimento (ou a invenção) de novos costumes que inclusive, podem ser percebidos como uma modalidade de *reinvenção*. Entendemos que esses três pilares estão articulados e compõem uma tríade adequada para sedimentar o arcabouço teórico no contexto deste trabalho.

No segmento *Considerações Finais* apresentaremos algumas conclusões e buscaremos identificar algumas questões relativas a uma possível continuidade dos estudos sobre a Entidade, lançando proposições que percebemos como relevantes para serem abordadas em um nível de análise mais aprofundado.

Por fim, entendemos que é salutar o empenho em nutrir o corpus documental sobre dinâmicas que envolvem a cultura popular pernambucana, e, por extensão, a brasileira. O Boi da Macuca é um exemplo de manifestação que revela as incontáveis nuances que este universo comporta. Este estudo se propõe a contribuir no sentido de que, a partir dos seus resultados, outros trabalhos investigativos possam contar com mais uma referência, ainda que modesta.

2 MACUCA - UM PRIMEIRO RECORTE

2.1 UM RELATO SOBRE O BOI DA MACUCA

“A Macuca é uma Entidade Cultural de Pernambuco que mexe com cultura popular, com arte de vanguarda, que faz cortejo na rua, que tem festival, tem São João, tem Carnaval, tem tudo isso junto.” Embora a agremiação aqui estudada se apresente em um contexto inegavelmente complexo, esta apresentação da Entidade Cultural Macuca, nas palavras de seu diretor Rudá Rocha⁸, expressa, com apurada lucidez e síntese, uma descrição concisa e certa, com poucas palavras.

Em meio a um cenário de variadas manifestações artísticas que em sua diversidade, corroboram a construção de tendências que, em certa medida identificam o Carnaval de Pernambuco destacamos uma agremiação colorida, predominantemente de vermelho, azul e amarelo⁹. Escrevendo uma história que já somam trinta e quatro anos, o Boi da Macuca é uma brincadeira singular, *sui generis*. Em seus cortejos e demais eventos, este brinquedo apresenta, em recortes combinados, aspectos oriundos de algumas das expressões artísticas mais representativas que atravessam as culturas populares, com destaque para os festejos carnavalescos e juninos. Os perseguidores do Boi vivenciam uma experiência particular ao participarem das festas. Como uma de suas tradições, em sua saída principal, considerada como o ponto alto nos festejos de Momo, o Boi da Macuca realiza uma concentração que costuma durar algumas horas, costumeiramente animada ao som de dançantes timbres musicais nordestinos. Em 2023¹⁰, por exemplo, o músico Benedito da Macuca integrou um trio *Pé de serra*¹¹ que iniciou a festa ao som de clássicos do forró em plena segunda-feira de Carnaval. A brincadeira começou na sede do Clube Vassourinhas de Olinda e reuniu centenas de pessoas no salão, revelando um dos traços marcantes daquela entidade cultural: um diálogo entre interior e litoral que se faz presente no campo musical, mostrando que a mistura atrai e agrada a um segmento significativo de foliões. Após horas de concentração com música e dança, o cortejo

⁸ Entrevista concedida ao apresentador e fotógrafo Kelvin Andrad no podcast É noisy <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFml3E>. Acessado em 15/03/2023.

⁹ As cores foram escolhidas recentemente, em 2018, quando a Diretoria resolveu adotar, oficialmente, as três cores primárias que, inclusive, sempre estiveram presentes na composição visual dos chapéus de fita que os participantes usavam em toda a história da brincadeira.

¹⁰ Registre-se que em 2023, o Boi da Macuca foi homenageado pelo Clube de Alegoria e Crítica Homem da Meia Noite, uma das mais tradicionais e representativas agremiações do Carnaval de Pernambuco. Uma outra homenagem, concedida pela prefeitura de Olinda, *in memoriam*, teve como personagem José Oliveira Rocha, o Zé da Macuca, idealizador e fundador do Boi da Macuca, que veio a falecer em 21 de maio de 2021.

¹¹ *Pé de serra*: grupo formado, costumeiramente por sanfona(acordeom), zabumba e triângulo, além de vozes.

do Boi da Macuca ocupa as ruas do Sítio Histórico de Olinda — expondo sua alegoria maior, o próprio boneco do Boi — e dá início ao seu desfile, que, como de costume, arrasta uma multidão animada ao som da orquestra de frevo do maestro Oséas Leão. Assim, a folia da Macuca segue com suas sonoridades próprias: em seus préstitos, o Boi da Macuca, confia sua animação aos cuidados de uma orquestra que executa um repertório diferenciado. Para além dos clássicos do frevo de rua que compõem o cânone do gênero, Oséas e seus músicos performam peças antológicas do repertório tipicamente junino arranjadas para as sonoridades do frevo. A cada canção tocada ouvem-se as vozes de centenas de pessoas entoando versos das composições de Luiz Gonzaga e Dominginhos, entre outros nomes presentes no panteão da música nordestina. Mas, nem sempre o Boi da Macuca ofereceu este modelo de festa, como veremos a seguir.

2.2 VAI, VAI, VAI COMEÇAR A BRINCADEIRA...

Tendo como criador, e artífice primeiro, José Oliveira Rocha — que se tornaria o Capitão Zé da Macuca —, a *Entidade Cultural Macuca* surgiu na cidade de Correntes, município do agreste meridional pernambucano, a cerca de 257 km da capital. Foi no dia 18 de fevereiro de 1989, um sábado, no contexto de uma festa em comemoração pelo aniversário dos 35 anos de seu idealizador, em plena Fazenda Macuca, que temos o marco inicial da fundação da agremiação. Há que se registrar sobre o caráter agregador das festas que Zé promoveu em seu sítio. Não por acaso, eventos como o Festival Macuca Brinquedos Populares vieram a surgir a partir do entusiasmo presente naqueles festejos, que sempre aconteceram emoldurados pelos adornos das culturas populares. Em seu artigo de conclusão do projeto de pesquisa sobre o Boi da Macuca, o pesquisador Francisco Rodrigo Simões Alves Silva também apresenta um olhar nesta direção:

“(...)assimilando os elementos da cultura popular local, como por exemplo o elemento imagético do boi, extremamente importante para a base da economia local e num processo sempre presente nas tradições, inventa um elemento simbólico popular bumba meu boi que alimenta-se desses mesmos elementos configurando-os numa forma nova de tradição, que absorve a dinâmica do tempo e do contexto social contemporâneo.” (Silva, 2014, p. 6)

Ainda sobre a fazenda, vale sublinhar que é lá que a Macuca mantém, oficialmente instalada, a sua sede física. Em nosso entender, trata-se de uma atitude coerente com suas origens: as lideranças do brinquedo, zelam pela manutenção daquele cenário. Naquele espaço o Boi continua fazendo festa, mas também é lá que ele “descansa”.

Figura 2 – O Boi da Macuca na Fazenda em Correntes/PE



Fonte: Redes sociais da entidade

Em seus primórdios, a brincadeira acenava para o reforço das tradições culturais da localidade em que surgiu. Nos seus discursos, Zé da Macuca revela sua percepção sobre o universo das culturas populares daquele lugar que, a partir do seu olhar de nativo, oferecia diversidade e riqueza particulares. Na perspectiva do seu fundador, conceitos como origem e essência sempre estiveram presentes nas ideias que deram concretude à brincadeira. Era o momento de ir além. Zé estava avançando da posição de apreciador da cultura popular passando a figurar entre seus agentes ou, como também podemos nomear, como mais um ativista cultural.

No contexto de trabalho de Zé Oliveira, o próprio via-se ladeado por colegas ligados ao universo da arte, como cartunistas, desenhistas, músicos e compositores. A partir da interação com essas pessoas, Zé percebeu que aquela multiplicidade de influências poderia ser canalizada para ações de maior repercussão. Em Aracaju, Zé se aproximou de outro grupo ligado a interesses artísticos nas áreas de teatro e música, entre outras. Nesta passagem se iniciam as movimentações que darão forma à entidade Macuca.

Naquele mesmo ano de 1989, no mês de novembro, a Macuca sai às ruas com sua primeira bandeira. Em tecido amarelo, a flâmula expôs a arte e a atitude que sempre acompanhou a agremiação. O primeiro estandarte da Entidade foi apresentado no Festival de Artes da cidade de São Cristóvão, no estado de Sergipe, e nomeava o brinquedo como

Movimento Anárquico Cultural da Macuca. O próprio Zé da Macuca, em entrevista, descreve a simplicidade e a intensidade do acontecimento: “Era uma sanfona e uma zabumba, e o povo atrás, a galera atrás.”¹²

Figura 3 – Primeiro estandarte da Macuca



Fonte: Redes sociais da entidade

No carnaval de Olinda, em 1990, a agremiação recebe o nome — que motivará a caracterização — de Boi da Macuca, como conta Rudá Rocha:

E aí em 1990, no carnaval de Olinda, se eu não me engano era numa quarta-feira de cinzas. Porque naquele tempo meu pai fazia os cortejos todos os dias. Ele adorava sair com Benedito tocando forró pela cidade. E aí, um morador de rua, que tava bêbado com uma trouxinha nas costas, chegou perto deles e começou a entoar a música do Boi, que é aquela: “boi, boi, boi, boi... Eu vou deixar minha burrinha, vou montado no meu bôoi...” E, a partir de então, meu pai se tocou: “É um Boi!” Aí é que ele começa a chamar de Boi da Macuca.¹³

¹² Val visita especial Zé da Macuca. <https://www.youtube.com/watch?v=vtSgx2-aTCg> Acessado em 17/04/2023.

¹³ A Invenção de Zé: o Boi da Macuca <https://www.youtube.com/watch?v=6wm-kWIEDBo>. Acessado em 17/04/2023

Foi em fevereiro de 1991 que se materializou a figura mais icônica da brincadeira: o boneco do Boi. Criado pelas mãos do artista plástico pernambucano Sávio Araújo, o primeiro Boi da Macuca — enquanto alegoria — desfilou pelas ruas do Sítio Histórico de Olinda-PE, naquele carnaval. O símbolo, enquanto imagem que melhor representa a ligação da entidade com a cultura popular, ganhou outra forma no ano de 1992. O artista plástico paraibano Breno Mattos trouxe, ao universo das culturas populares, a representação visual do Boi da Macuca, em uma obra de arte sobre o elemento intenso que, visualmente figura como poderoso elo simbólico entre o novo e a tradição. A obra de Breno Mattos é o Boi que se mantém até os dias atuais brilhando nos cortejos do brinquedo.

Como o próprio nome da agremiação anuncia, o folgado tem como principal elemento referencial, no que se refere ao cânone folclórico, a brincadeira do *bumba-meu-boi*. Sobretudo nos seus anos iniciais, a agremiação contava com a participação de personagens típicos, como o Capitão e sua burrinha — interpretado pelo próprio Zé da Macuca —, o Mateus, o Bastião, a Catirina, o padre, o jaraguá, a caipora e o *morto carregando o vivo*, para citar alguns.

Atualmente, com a atual configuração, a brincadeira não mantém os personagens, tradicionais daquele folgado — o boi-bumbá —, contudo há, por parte da Diretoria, a intenção de que seja retomada a participação das figuras em uma ala, durante os cortejos. Convém registrar que, ainda que com muitas variações, as brincadeiras com a temática do boi estão presentes em várias regiões do Brasil.

Historicamente, o surgimento do Boi da Macuca ocorreu no chamado período da redemocratização brasileira, contexto sobre o qual a maioria dos participantes do Boi — em seus posicionamentos políticos — sempre demonstraram entusiasmo. Embora não se trate de uma entidade filiada ou vinculada a nenhuma instituição político-partidária, a Macuca, ao longo de toda a sua jornada sempre deu sinais de um posicionamento político alinhado com os ideais da democracia. Seu idealizador registrou, em entrevista à Folha de São Paulo Ilustrada em fevereiro de 2000, que “a criação da brincadeira do Boi foi uma maneira de resgatar a cultura pernambucana e de pular o Carnaval de Olinda de um jeito diferente”¹⁴. Entendemos que nesta declaração, Zé da Macuca ilustra um compromisso com o reforço de identidades culturais e com a concepção de liberdade de expressão.

Com o passar dos anos, a manifestação cresceu e acabou por ultrapassar limites físicos e simbólicos, de modo a levar a folia a outros contextos e com novas ideias. Aqueles que fizeram

¹⁴ Folha de São Paulo Ilustrada em 09 de fevereiro de 2000. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0902200021.htm> acessado em 14/03/2023.

a brincadeira se mantiveram em pleno movimento e, em suas ações pela defesa e permanência de tudo aquilo em que acreditavam, consolidaram uma concepção de celebração que passou a acolher brincantes que encontraram na Macuca um contexto ímpar, no qual se viam diante de um manancial matizado de elementos da cultura popular e do qual, as lideranças do brinquedo se valeram para propor uma junção, que presta-se a reunir tradição e contemporaneidade. Sim, traços de um certo tradicionalismo presente na cultura popular misturado com elementos da vanguarda contracultural produzem o *resultado/efeito* vivenciado nas propostas desta agremiação.

Sob a perspectiva de lentes oficiais, o brinquedo *gestado e nascido* em 1989, é uma Entidade Cultural pernambucana certificada oficialmente como Ponto de Cultura desde 2005¹⁵ e contemplada nacionalmente pelo Prêmio Culturas Populares no ano de 2017. Para além dos reconhecimentos e premiações que a agremiação recebeu, resta dizer que desde o ano de 2021, a Macuca torna-se a empresa Instituto Boi Da Macuca, uma empresa matriz, do tipo Associação Privada. A título de informação, trazemos uma sucinta descrição sobre o modelo no qual o Boi da Macuca se insere:

“Associações são organizações sem fins lucrativos e entidades de direito privado que reúnem pessoas em favor de um bem comum em prol do bem estar, do social, da cultura, política, filantropia ou realização de processos produtivos de bens e/ou serviços coletivos.”¹⁶

A partir de outra fonte, complementamos a referência:

“Na associação, a criação segue rumos diferentes (...). Ela se caracteriza como a união de pessoas, organizadas com o objetivo de beneficiar uma causa, sem fins lucrativos, conforme determinado no Código Civil, artigo 53 (*Art. 53. Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos.*). Ao serem criadas, elas devem deixar claro a qual finalidade se dedicarão. Não é proibido que associações desenvolvam atividades econômicas para manter ou aumentar seu patrimônio.”¹⁷

Vale frisar que, em se tratando de uma agremiação comprometida com a cultura popular, percebemos uma movimentação da Entidade no sentido de manter o foco nas ações autossustentáveis para dar seguimento e promover a expansão no que se refere aos princípios,

¹⁵ Em 2005, a certificação foi concedida pelo então Ministério da Cultura, que, àquela época tinha à frente o cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical, político e escritor brasileiro Gilberto Passos Gil Moreira. Como registro de uma curiosidade; o nome do artista está no elenco das festas da Macuca a serem realizadas em 2023.

¹⁶ Informação obtida através do site <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/quais-os-tipos-de-associacao-sem-fins-lucrativos,27b597daf5c55610VgnVCM1000004c00210aRCRD>, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Acessado em 16/07/2023.

¹⁷ Informação obtida através do site <https://brasil.impacthub.net/terceiro-setor-conheca-os-conceitos-de-ong-osc-instituto-fundacao-e-associacao/>. Acessado em 16/07/2023.

sempre nitidamente estabelecidos e defendidos pelo seu fundador. Mesmo considerando que a questão será retomada de modo mais pormenorizado mais adiante neste trabalho, adiantamos que, no tocante à sua autossustentabilidade, o Boi da Macuca reafirma a argumentação de que suas ações estão direcionadas para o momento maior das festas, ou seja, os cortejos de rua da agremiação, que, diga-se de passagem, é — para quaisquer foliões presentes — totalmente aberto e gratuito, estando, portanto, em alinhamento com o perfil das celebrações mais democráticas.

É importante deixar dito que a história do Boi da Macuca também é, em certa medida, parte da história do próprio José Oliveira Rocha, como bem falou em entrevista seu filho — e “companheiro de sonhos”, segundo ele próprio — Rudá Rocha, atual diretor da entidade:

Por que a Macuca é o meu pai né? Meu pai era assim. Então ele criou uma coisa. Ele não inventou algo que ele programou pra fazer de um jeito ou de outro. Foi uma coisa totalmente espontânea. Então, a Macuca é a materialização ou, na verdade, é a imaterialização do meu pai e do gosto do meu pai.¹⁸

Como dizem os versos de uma das músicas entoadas em cortejos passados: “O Boi da Macuca, ele é lindo, eu sei que é! É o Boi de Zé! É o Boi de Zé!”

2.3 ZÉ DA MACUCA: O CAPITÃO DO BRINQUEDO

Um cidadão do interior que sempre teve os sentimentos sobre sua terra marcados com uma clareza solar. José Oliveira Rocha nasceu em 18 de fevereiro de 1954 no município de Palmeirina, localizado no agreste meridional de Pernambuco. Teve sua formação escolar na cidade de Garanhuns onde foi estudante no Colégio Quinze de Novembro. Após concluídos os estudos no âmbito da educação básica, prestou o exame vestibular para ingressar no curso de graduação. Aprovado no certame, migrou para o Recife para cursar geologia, campo no qual iniciou sua carreira profissional quando viajou e trabalhou em diversos estados do Brasil. Entre as facetas que ilustram o modo de vida do Capitão da Macuca, destacamos uma curiosidade: Zé foi jogador profissional na categoria de futebol de salão, competiu por grandes equipes e chegou a ser convocado para a seleção pernambucana da modalidade. No ano de 1984 jogava pelo clube de sua preferência, o Clube Náutico Capibaribe. Na cidade de Garanhuns chegou a jogar na modalidade de futebol de campo pelo Independente Atlético Clube, o “Iaque”.

¹⁸ Entrevista de Rudá Rocha em 2021, no podcast É noisy (máquina 3), concedida ao entrevistador e fotógrafo Kelvin Andrad. <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFml3E> acessado em 14/03/2023.

Em sua juventude, Zé esteve em um contexto socialmente e culturalmente efervescente, como ele próprio relata em um depoimento: “A gente foi embora pra Recife estudar geologia [...] Enquanto estava no curso era muito bom: [vida de] estudante, cerveja, movimento estudantil na época, tempo da ditadura, aquele agito todinho, né?”¹⁹. A certa altura de sua carreira, o geólogo resolve romper com o estilo de vida urbano, se afasta da empresa nacional do setor de produção de cimento na qual trabalhava e retorna à Fazenda Macuca, em cujo território se instala definitivamente e onde aprofundaria — e legitimaria — suas conexões com a cultura popular e de onde, naturalmente retiraria seu sustento material. A respeito desta passagem, o próprio Zé relata numa entrevista em 2016:

“Saí daqui [da fazenda] criança: Garanhuns, depois, estudar em Recife, terminei o curso de geologia e trabalhei, acho que em dez estados do Brasil como geólogo numa grande empresa nacional. E depois de doze anos eu voltei aqui e a casa estava abandonada, meu pai já tinha morrido. E uns amigos poetas, músicos, artistas disseram: ‘por que você não mora nessa casa?’ outro disse: ‘você não tem a terra que seu pai deixou? Por que não cuida dela e vive dela?’ Aí, eu passei um ano pensando e disse: é, eu vou conseguir fazer isso. Eu vou largar a cidade, vou largar o emprego e vou cuidar do que mais interessa, que é a minha origem, a minha raiz, a minha essência.”²⁰

À luz desta narrativa constatamos que a imersão de Zé Oliveira na vivência dos valores ligados ao seu lugar foram determinantes nas escolhas abraçadas pelo criador da Macuca e, como consequência natural, foram ali implementadas. Como cidadão do mundo, jamais perdeu de vista as referências relativas à sua terra, consideradas por ele como basilares. Zé sempre esteve ligado às ações de afirmação e reafirmação de elementos identitários que valorizassem aspectos percebidos por ele como autênticos. A dicotomia cultura-natureza foi uma constante no cotidiano de Zé como parte de um todo indissociável. Elementos considerados naturais/concretos — o solo, o verde, os animais — assim como as expressões percebidas nos movimentos culturais — a música, a dança, a festa — fizeram parte do modo de vida do Capitão que, procurou manter o contato com a terra e o universo da cultura, nos sentidos mais amplos possíveis.

Na década de 1970, época reconhecidamente determinante no que se refere ao surgimento e expansão do fenômeno da contracultura (Roszak, 1972), José Oliveira Rocha estava *na casa* dos seus vinte anos de idade. O Brasil experimentava tempos politicamente

¹⁹ A vida de Zé antes do Boi da Macuca. <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> acessado em 14/03/2023.

²⁰ Entrevista de Zé em 13 de abril de 2016 concedida à rede globo de televisão. <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2021/05/21/ze-da-Macuca-fundador-do-boi-da-Macuca-morre-aos-67-anos-no-recife.ghtml> acessado em 15/03/2023.

conturbados, porém — e, talvez por conta desta realidade — culturalmente efervescentes. Muitos dos aspectos da contracultura estavam sendo absorvidos pela juventude brasileira, como um reflexo do que ocorria, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra. O filósofo e pesquisador Celso Fernando Favaretto faz uma análise que nos parece pertinente sobre o período:

A produção artístico-cultural dos anos 1970, longe de um suposto vazio, instaurou um processo extensivo de invenção, que incluía a reelaboração das experiências anteriores, à margem da política oficial de cultura e da indústria cultural. As manifestações de cultura alternativa, particularmente a direção contracultural, configuraram, entre o final da década de 1960 e meados da década de 1970, uma atitude e ações de grande vitalidade em que se percebia uma descrença em relação ao alcance revolucionário da arte propugnado na década anterior, afirmando outras formas e modos de assimilação e mesmo de militância política. (Favaretto, 2017, p.184-185)

Nesta conjuntura, e, naturalmente, motivado por suas posições políticas, Zé não esteve à margem daqueles movimentos. Foi uma época de questionamentos sobre a realidade que se apresentava, muitas vezes de maneira opressora, como ocorreu no caso do Brasil. Enquanto estudante de graduação na UFPE, o fundador da Macuca esteve mergulhado em círculos de amizades nos quais pôde participar de reflexões sobre várias questões ligadas à cultura. A forma de se relacionar com o mundo demonstrada por Zé da Macuca, ao nosso ver, demonstra sua estreita ligação com os ideais da contracultura. Nas realizações do grupo, percebemos traços contraculturais nítidos, ainda que as lideranças do folguedo não tenham se declarado, frontalmente e objetivamente, como defensores e militantes daquele ideário. No recorte histórico mencionado, as práticas e representações contraculturais estavam se inserindo no cotidiano dos jovens — embora não exclusivamente entre estes — como forma de expressar questionamentos à época, mesmo que de uma maneira, digamos, sub-reptícia. Novamente, Favaretto ilustra:

Depois do AI-5, o desânimo pela cessação dessa atividade cheia de paixão, toda feita de rupturas artísticas, “indícios esparsos” estariam sugerindo, ou possibilitando o vislumbre, de “sensíveis modificações de atitude”, fruto de um processo de autoanálise da cultura que estava aos poucos produzindo o abandono da lamentação das derrotas e da autopiedade quanto às contingências das tentativas de reação à violência e violentações da ditadura e, especialmente, a crítica das estratégias amparadas em equívocos na análise da situação cultural. Mas nenhuma menção se fazia, nesses “indícios esparsos”, da atividade contracultural que tomava impulso desde 1969. (Favaretto, 2017, p.187)

As atitudes contraculturais tiveram como foco o questionamento e oposição às formas de expressão tradicionais, e neste campo estão incluídas as múltiplas possibilidades de atuação das diversas linguagens artísticas. Havia um interesse em uma certa quebra dos padrões

impostos pela sociedade tecnocrata hegemônica (Lima, 2013). Em seu círculo de amizades, Zé Oliveira teve a oportunidade de partilhar ideias sobre representação cultural que iam além daquilo que a estrutura cultural hegemônica buscava impor à sociedade. Em toda a sua história, a Macuca, mesmo consciente da importância relativa à manutenção de aspectos da tradição, se apresenta, através de suas ações, como questionadora de padrões e articulada com novas possibilidades de representatividade cultural e, por consequência, política. Em entrevista, o comunicólogo, radialista e artista DJ PatrickTor4²¹ expõe sua opinião sobre o Capitão Zé da Macuca:

“A Macuca é criada por um velho punk. Por um cara punk da classe média, oriundo da classe média que acessou informações do universo da música pop, do universo alternativo underground lisérgico do rock progressivo e tal, mas se volta pra onde ele enxerga potência, ele vê Dominginhos e Luiz Gonzaga como o Jimmi Hendrix dele. E aí ele tenta cooptar esse perfil do brincante nele. Ele é a encarnação desse brincante e a festa que ele faz é a celebração desse questionamento social que o movimento punk faz e que o brincante do carnaval faz. E aquela descrição poética que a gente tem do carnaval, que bota a sociedade ponta-cabeça, que questiona o padre, questiona o rei, né? A Macuca é isso. Ela não pode deixar de ser isso.”²²

Observando suas ações como agente cultural, percebemos que Zé da Macuca sempre esteve no *front* ao lado daqueles que lutam por uma cultura que não se submete a padrões impostos por amarras de cunho político-ideológico. E, como se pode perceber, o Boi da Macuca herdou estes traços.

Após vivenciar toda a ebulição dos cotidianos urbanos e, naturalmente, absorver elementos daquelas experiências, em um dado momento, Zé da Macuca se distancia das urbes e se instala no interior, envolvendo-se com o cotidiano dos trabalhos rurais e com as dinâmicas e responsabilidades de fazendeiro. Zé sentia uma intensa ligação com seu lugar — a Fazenda Macuca. Em depoimento, ele próprio revela:

“[...] daqui eu não quero sair. Num tem... não tenho pra onde ir. Eu não tenho pra onde ir. Eu já achei o lugar. Aqui é o lugar. Eu não tenho pra onde ir. Eu não tenho mais pra onde ir. Eu achei o lugar. Ir pra onde? Esse... o lugar que tem uma energia poderosa como tem esse lugar, que é sabido. Que as pessoas sentem quando chegam aqui nesse lugar. Essa energia, essa energia... ? Que não é a minha energia, é a energia desse espaço

²¹ PatrickTor4 é natural de Paulo Afonso (BA), DJ há quase 30 anos, radialista, formado em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe, com experiência em emissoras públicas de rádio. É pesquisador interessado nas expressões urbanas, tradicionais, modernas e de vanguarda. Como artista, o DJ PatrickTor4 iniciou sua participação nos eventos da entidade há cerca de 20 anos.

²² Entrevista concedida ao autor no ano de 2023.

físico que... Que as festas... né? Acontecem porque a energia do lugar é muito poderosa, e eu vou pra onde? Eu fico aqui.”²³

Revelando uma aparente contradição, a Entidade Boi da Macuca, por um lado costuma mover-se absorvendo novas ideias, se modernizando e aproximando-se do universo urbano, mas ao mesmo tempo mantém-se ligada às suas raízes interioranas, o que, segundo algumas perspectivas também agrega elementos na defesa de uma suposta "autenticidade" rural. Embora se anuncie a contradição entre o universo urbano e o rural, é no trânsito e no diálogo destes elementos distintos e, em certa medida distantes, que se realiza um dos traços mais singulares idealizados por José Oliveira Rocha: o contato entre territórios representativos das culturas populares, que, embora geograficamente afastados, constituem um domínio de interseção, neste caso, “chancelado” pelas sonoridades musicais que a Macuca faz soar em seus diversos eventos.

Em nossa análise, quando José Oliveira Rocha se torna o Capitão Zé da Macuca, o personagem, líder do brinquedo, incorpora grande parte das idiossincrasias acumuladas ao longo da formação pessoal do jovem Zé. Observando por este prisma, encontramos, e com relativa facilidade, possíveis explicações sobre os porquês de algumas das ações do grupo transpassarem uma atmosfera costumeiramente jovial. Em suas realizações a Entidade demonstra um apetite voraz para acolher novas ideias na defesa da cultura numa perspectiva cada vez mais criativa. Este foi um dos principais legados que Zé deixou como herança para a *Macucada*²⁴.

Foram muitos os anos de ativismo cultural²⁵ e compromisso com a arte popular em diversas frentes e através de variadas trajetórias, até que, lamentavelmente, o Capitão da Macuca, José Oliveira Rocha veio a falecer em decorrência de uma insuficiência cardíaca aos 67 anos de idade a 21 de maio de 2021, uma sexta-feira, no Hospital Santa Joana, na cidade do Recife.

A memória do Capitão Zé da Macuca se mantém intensamente reverenciada. Em dezembro de 2021 foi realizada uma celebração a Zé. A Cerimônia de Cinzas foi uma manifestação que recebeu grande público na Fazenda Macuca para homenagear o criador do

²³ Depoimento registrado no acervo da entidade <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ>. Acessado em 16/04/2023.

²⁴ O termo *Macucada*, bem como suas variações — *macuqueiros*, *macuqueiras* etc — serão usados neste trabalho para se referir a brincantes ou quaisquer outros aspectos próximos e que, de algum modo, possam estar ligados às propostas da entidade.

²⁵ O próprio Zé da Macuca, assim como Rudá Rocha — atual diretor da Macuca — percebem em suas ações como difusores de tradições populares, um movimento de ativismo cultural.

brinquedo. Naquela ocasião, o evento foi totalmente colaborativo e gratuito. Cabe o destaque de que o próprio Zé deixou registrado que era essa a sua vontade.²⁶

Figura 4 – Festejo Viva Zé – Fazenda Macuca 2021 – Correntes /PE



Fonte: Redes sociais da entidade

A seguir, apresentamos algumas falas de pessoas que conviveram com o Capitão de perto. Este extrato é oriundo do vídeo “O que Zé da Macuca significa por centenas de pessoas”, disponível no canal oficial da entidade na plataforma Youtube²⁷:

“É um acontecimento de alegria em forma de gente. É ensinamento sobre cultura e festa. É viver eternamente” (Naiara Cândido de Carvalho – Produtora cultural)

“Fomos companheiros de adolescência, amigos de vivência e camaradas de luta” (Fernando Ferro – Político pernambucano)

“É muito difícil definir meu pai, porque meu pai teve muitas, muitas vertentes, sabe? Mas eu acho que tem duas palavras que foram dois pilares muito importantes na vida dele. A coragem, porque as escolhas que ele fez pouquíssimas pessoas fazem; e outra [palavra] é a paixão, porque tudo que meu pai fazia era com muita intensidade. Então, você juntar coragem e paixão, alça voos muito grandes, né? Lhe leva a alcançar distâncias impercoráveis.” (Rudá Rocha – Filho de Zé e atual Diretor da Macuca)

²⁶ Em vídeo do acervo da entidade, Zé coloca: “(...) Eu falo na morte eterna. Uma grande festa aqui nessa casa, nesse lugar. Todos os tambores, todas as sanfonas, todos os pífanos, todas as rabecas, todas as fantasias num grande carnaval pra que a morte seja eterna.” <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ> acessado em 16/04/2023.

²⁷ O que Zé da Macuca significa por centenas de pessoas <https://www.youtube.com/watch?v=ypekzVFEho> acessado em 10/05/2022.

Mas as concepções e as ações do Capitão Zé da Macuca, relativas à preservação e difusão dos valores culturais tiveram — e continuam tendo — um fiel seguidor, que, naturalmente, coaduna de ideais profundamente semelhantes.

2.4 RUDÁ ROCHA: PERMANÊNCIA E EXPANSÃO PARA A MACUCA

Natural de Olinda, Pernambuco, Rudá Rocha, filho de Zé da Macuca, é músico profissional, servidor público e o atual diretor da entidade.

Sua proximidade — e mesmo sua imersão — com a cultura popular se deu de uma maneira espontânea, visto que sempre esteve próximo à influência de seu pai, que como criador daqueles divertimentos, sempre estimulou o filho a estar presente e participando de várias formas.

Rudá esteve envolvido nos momentos da Macuca, muito antes de assumir os compromissos e competências como produtor e diretor da agremiação. Segundo o próprio, praticamente desde a fundação do Boi, ele se faz presente como brincante que participava da música que era tocada para animar os cortejos. Manifesta quando ainda era criança, sua participação junto ao conjunto de músicos que tocava nas *saídas* da Macuca²⁸ foi se tornando frequente até se estabelecer como permanente. A sua formação de músico profissional teve, nestes momentos, valiosos ganhos técnicos e estéticos. Rudá se tornou instrumentista profissional a partir de sua apreciação e performance musicais vividas nos contextos mais genuínos. No que se refere à sua prática como músico, é especializado no naipe das percussões. Considerando o universo da música regional, com ênfase no forró e no frevo — embora a prática profissional do músico não esteja circunscrita a estes gêneros —, o atual líder da Macuca domina praticamente todos os instrumentos que podem ser aplicados às execuções dos diversos gêneros concernentes ao contexto popular. As orientações do músico Benedito, sanfoneiro da Macuca desde sempre, foram significativas para Rudá, que o considera como seu primeiro mestre no universo da arte dos sons.

Tendo dividido palcos ao lado de artistas como Maciel Salú, Renata Rosa e Cristina Amaral (entre outros), Rudá esteve em turnês nacionais e internacionais. Embora o músico ratifique a robusta ligação que sempre o manteve na órbita da música tradicional, ele participou de trabalhos representativos do campo de estilos musicais modernos e contemporâneos, no que

²⁸ Neste trabalho, usaremos o termo *saída* em algumas passagens, para nos referirmos aos cortejos de rua. A palavra é costumeiramente usada neste sentido por foliões de agremiações diversas, nos carnavais de Olinda e Recife.

se refere a um certo distanciamento dos padrões estéticos da música ocidental. Entre as produções alinhadas a propostas neste sentido, Rudá destaca projetos que culminaram em realizações com Geraldo Maia, Zé Rocha e com o grupo Azabumba. Estes momentos vivenciados em inequívocos contextos profissionais, naturalmente sedimentaram um conhecimento que somou perspectivas significativas para sua experiência como produtor, diretor e, não em raras vezes, quando figurou como músico de uma entidade da dimensão da Macuca que, inegavelmente carrega um brilho nas suas performances, mas que por outro lado, também revela suas complexidades em diversos contextos.

Sua relação com o universo das festividades remonta os tempos de criança. Ainda muito jovem foi passista. Teve aulas sobre as coreografias do frevo — o *passo* — com o famoso passista Nascimento do Passo. Sua paixão pelos movimentos do Carnaval de Olinda foi decisiva para a incorporação das sonoridades do frevo, através da orquestra do maestro Oséas, nas concepções musicais propostas pela Entidade.

Foi no ano de 2015 que Rudá iniciou sua participação como produtor de eventos da Macuca. Naquele momento histórico para a agremiação, foi realizada a primeira prévia junina, o Arraial da Macuca, em plena Marim dos Caetés.

Após sua *estreia* oficial como produtor da Macuca, Rudá permaneceu à frente, ao lado de Zé da Macuca, como diretor e produtor dos diversos eventos que a Entidade realizou, tanto na Região Metropolitana do Recife, quanto em outros espaços. Como ele próprio relata:

“Então, existe uma trilha de sonhos que vai perpassar gerações e gerações e gerações. É como se na minha cabeça tivesse um mapa mental desenhado conjuntamente com meu pai e que a partir de agora é só percorrer essas estradas que estão no mapa, e que isso vai significar a perpetuação, a eternização da Macuca”.²⁹

De fato, ao observar os caminhos percorridos pela agremiação, percebemos que a Diretoria tem toda a consciência e entusiasmo para dar concretude às ideias e seguir na realização de projetos vindouros.

2.5 ONDE E QUANDO O BOI DA MACUCA SE MANIFESTA

Tendo como horizonte de sua principal proposta, a Macuca oferece a maior parte das suas ações — deveras articuladas com elementos das culturas populares — nos festejos carnavalescos e juninos. Para além desses dois momentos, acontece, anualmente o Festival

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ> acessado em 16/04/2023

Macuca das Artes. No que se refere à questão musical, as festas são animadas, por diversas personalidades, referendando, mais uma vez a concepção sobre a diversidade estética defendida pelo grupo. Contudo, nas duas festas, digamos, mais tradicionais, é certa a presença da orquestra do maestro Oséas, que a propósito, costuma performar as mesmas composições. Sobre o repertório comum, o diretor da entidade coloca:

“É a mesma coisa. O repertório da orquestra e os cortejos. Musicalmente são iguais, tanto aqui em Olinda como lá [em Correntes], no Carnaval ou no São João, é a mesma coisa. Inclusive, a primeira vez que a orquestra saiu com a gente não foi nem no Carnaval, foi na prévia de São João de 2015.”³⁰

Para além do universo musical, registre-se que a entidade Macuca com seus integrantes, mantém o movimento de ativismo cultural com base em concepções abalizadas por aquilo que entendem pertencer ao âmbito de uma cultura popular autêntica, buscando desta maneira apresentar, em diversos momentos e espaços, um leque que visa contemplar o máximo número de linguagens artísticas.

Esta pesquisa adere à premissa de que, para os que fazem a Macuca, o conceito de cultura popular autêntica está relacionado, de um lado, com o reconhecimento de aspectos tradicionais — que possam estar ancorados em épocas passadas, mas que, no entanto, permanecem podendo sofrer mudanças — e, por um outro ângulo, com a percepção e acolhida de expressões contemporâneas e de vanguarda, entendendo-as como resultado do fluxo natural das dinâmicas culturais.

2.5.1 *O Boi no Carnaval*

Atualmente o Carnaval de Olinda, rico em sua diversidade de agremiações com suas muitas variantes — blocos, troças, la ursos etc. — compõe a atmosfera momesca de um dos locais mais procurados por quem sente paixão pela brincadeira. Os grupos mais tradicionais que figuram nos carnavais da cidade, alguns destes profundamente enraizados naquele cenário, como o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, a Troça Carnavalesca Mista Cariri e a Troça Carnavalesca Ceroula representam uma fatia de peso quando se fala do Carnaval de rua de Pernambuco. A entidade cultural Boi da Macuca se reúne a este conjunto que tem como um dos pontos em comum, em grande parte, a música que os movem: todas essas agremiações,

³⁰ Entrevista de Rudá Rocha, Diretor da Macuca, veiculada no canal Venezacast <https://www.youtube.com/watch?v=1FjzhqRgg6A> em 14 de fevereiro de 2022 <https://www.youtube.com/watch?v=1FjzhqRgg6A> acessado em 22/03/2023.

aqui mencionadas como exemplos, são animadas pela orquestra do maestro Oséas Leão, que naturalmente observa qual o repertório mais adequado para cada ocasião. No caso dos cortejos do Boi, a orquestra executa uma *setlist* mais particularizada, que contém, além dos frevos de rua, peças do cancioneiro de outros estilos, com ênfase na música que representa o universo junino no Nordeste brasileiro. Hoje — e desde o Carnaval do ano de 2016 — o Boi da Macuca realiza seus cortejos ao som de uma consagrada orquestra de frevo arrastando multidões pelas acolhedoras ruas do Sítio Histórico de Olinda. Entretanto, nem sempre foi assim.

Em seus anos iniciais no Carnaval de Olinda, o Boi da Macuca fazia seu cortejo ao som de um instrumental característico do forró que era enriquecido pelas animadas vozes das pessoas que o seguiam em seu desfile. Instrumentos como sanfona, triângulo, zabumba, ganzá, pandeiro e pífano faziam o acompanhamento das canções *puxadas*³¹ pelo capitão Zé da Macuca, costumeiramente montado em sua burrinha. Naquele cenário, a brincadeira contava com um quantitativo menor de perseguidores, em comparação com a multidão que hoje percorre as ruas do Sítio Histórico junto à agremiação.

Com o passar dos anos o trajeto se iniciava a partir de lugares diferentes, como Bonsucesso, Guadalupe e Bonfim. Estas localidades figuram como cenários de apoteóticos momentos carnavalescos. Além do Boi, Agremiações como Cariri de Olinda, Clube Vassourinhas, Homem da Meia Noite e Elefante de Olinda levam suas cores e sons a estes corredores que vêm *abraçando* foliões ao longo de décadas. A montagem de polos culturais descentralizados³² com estrutura de palco durante os festejos é outro destaque que confere a esses territórios o status de célebres para o carnaval de Olinda. Em horário pré-definido, tinha início uma concentração, costume mantido até os dias atuais, com algumas modificações, sobretudo na logística de sua realização. Neste momento, que antecedia o cortejo, foliões se reuniam no local anunciado para a saída do Boi e começavam com a cantoria com parte do repertório a ser tocado no desfile. Naquele contexto, o repertório era praticamente composto de músicas do cancioneiro do forró, visto que, além do fato de que a instrumentação utilizada atendia a este propósito adequadamente, sempre ficou declarada a incontestável preferência do estilo por parte da organização. Cabe registrar que era habitual que, entre brincantes comuns — não integrantes do conjunto musical principal, naquelas ocasiões —, algumas pessoas aderissem ao grupo de músicos com seus instrumentos na hora da concentração. O momento

³¹ Neste contexto, o verbo *puxar* sofre um ajuste semântico para significar o anúncio e o início das canções.

³² A Prefeitura de Olinda instala, em diversas localidades da cidade, polos culturais para apresentações de artistas locais e nacionais durante o carnaval.

de “aquecimento” sempre foi considerado importante para a recepção dos foliões e para proporcionar um acolhimento que se propõe a envolver as pessoas na atmosfera da brincadeira.

Quando os organizadores da festa percebiam que era chegada a hora de ganhar as ruas, no meio de uma multidão, o cortejo do Boi saía mantendo sua unidade com sua música, que, em meio ao gigantesco volume sonoro da cidade *carnevalizada*, era ouvida apenas por quem estava nas proximidades do conjunto. Em bloco, brincantes passavam abrindo caminho pela multidão que se encontrava nas ruas à espera de outras agremiações ou que já estavam perseguindo grupos maiores. Conhecedores do espaço geográfico do Sítio Histórico da cidade, os líderes da Macuca conduziam o cortejo por vias alternativas na intenção de proporcionar maior fluidez ao trânsito da festa, favorecer uma audição mais nítida de sua música e, naturalmente, buscar o bem-estar para *macuqueiros*, ainda que no meio da folia olindense.

Presente em festividades pernambucanas após tantos anos como agremiação *sui generis*, foi no carnaval de 2016 que o Boi da Macuca ofereceu a Olinda mais um traço de sua marca singular. Oséas e sua orquestra ficaram encarregados de inflamar o cortejo da Macuca. Uma novidade que provocou estranhamento, sobretudo na fatia de brincantes com maior apego às cantorias anteriores, igualmente vivenciadas intensamente. Convém lembrar que apesar de experimentar as sonoridades do frevo de rua, com seus metais, suas palhetas e sua percussão, numa combinação que valida a morfologia e estética do frevo — com seus ataques e contracantos, por exemplo —, o evento da saída oficial do Boi da Macuca não excluiu os timbres intrínsecos ao “forró autêntico”. Benedito da Macuca com sua sanfona ao lado de seus pares continua animando a concentração da festa e, de certo modo, abre os trabalhos carnavalescos da entidade para, em seguida, repassar a batuta ao maestro Oséas com seus comandados.

Figura 5 – Concentração da saída oficial 2023 – Olinda /PE



Fonte: Redes sociais da entidade

Embora tenha, em um primeiro momento, dividido opiniões, é inegável o fato de que, considerando o movimento de expansão das ações da entidade, a inserção da massa orquestral somou maior adesão por parte do público, como relata Rudá Rocha:

E o público gostou muito da ideia, né? Porque, afinal de contas, são os dois, se você for falar [em] Pernambuco, provavelmente, se não forem os dois, são dois dos mais populares ritmos pernambucanos, o frevo e o forró. E um domina o carnaval, reina no carnaval e o outro reina no São João, que são as duas maiores festas populares do povo pernambucano. Então é uma mistura muito popular que agrada muito facilmente o público em geral. Então, todo mundo curtiu muito de você tá ali no meio da rua no carnaval e estar cantando “olha pro céu, meu amor” ou estar cantando “a fogueira tá queimando...”, estar cantando “Eu só quero um xodó”, “Pedras que cantam” e outras.³³

Ainda no cenário Carnavalesco, a Macuca foi mais além. Em sua música, performada pela orquestra do maestro Oséas, o grupo introduziu composições de artistas oriundos da cena local de Pernambuco. Entre as músicas ouvidas nos cortejos, soam obras de Otto, Banda Eddie e Academia da Berlinda.

Tratando ainda dos festejos de Momo, a Macuca também realiza festas no período das prévias. Seu primeiro Baile foi realizado em janeiro de 2016, no Clube Atlântico de Olinda, no bairro do Carmo. A exemplo do que fazem outras agremiações, esses eventos são realizados

³³Entrevista de Rudá Rocha em 2021, no podcast É noisy (máquina 3), concedida ao entrevistador e fotógrafo Kelvin Andrade. <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFmI3E> acessado em 23/03/2023.

em espaços fechados cujo acesso se dá mediante ingresso pago. O Clube Atlântico, em Olinda e o Clube Português do Recife são exemplos desses ambientes onde acontecem as festas. A realização de eventos fechados está alinhada com a ideia de que as manifestações de ativismo cultural possam se tornar cada vez mais abrangentes e que do ponto de vista da estrutura, possam ser oferecidos serviços e, naturalmente, atrações que contemplem às expectativas do público. Considerando as propostas musicais de artistas como Alceu Valença, por exemplo, fica patente a necessidade de uma estrutura de palco com todos os recursos próprios dos sistemas de sonorização utilizados para eventos desse porte. Em entrevista, Zé da Macuca discorre sobre este particular:

O que simboliza o baile da Macuca? “Esse ano [2018] a gente já tá completando 29 anos de experiência carnavalesca, né? Primeiro com a sanfona e, de três anos pra cá que a gente está com Oseas, sem perder a sanfona. E a gente nunca tinha feito prévias carnavalescas. Sempre a gente fazia os cortejos carnavalescos. E essas prévias quando a gente [pensou] “vamos fazer uma prévia?” a gente sentiu que tinha um público que se aproxima mais do momento fechado, interno, com os músicos da cena de Pernambuco e com um palco com som de qualidade, com a maior percepção da qualidade desses músicos. [...] Para a gente é uma experiência nova e para o público também, e o que a gente tá vendo hoje, que é interessante, é Oséas no palco tocando essas músicas. Vai significar muito para o público jovem. [...] Boa parte do público da Macuca é mais ligada ao movimento cultural da cena, diríamos, mangue ou posterior/mangue, que está acompanhando esse processo. Acho que faz com que una a rua e o palco, o fechado e o aberto numa atividade bem tranquila e festiva. Muito massa!”³⁴

Vale lembrar que projetos culturais dessa monta necessitam de recursos financeiros para que possam ser empreendidos a contento. Neste caso, entendemos que a Macuca buscou um meio que pudesse tornar as suas ações autossustentáveis de modo a promover a plena realização de seus projetos que, por sua vez, se apresentam em permanente expansão,

Em nossa análise, a Direção da Macuca dá sinais de que tem consciência das mudanças e de que busca lidar com o devido respeito no que se refere aos traços tradicionais da música pernambucana. Lançando um olhar sobre o frevo assim como sobre o forró³⁵, verificamos gêneros musicais consagrados por sua imprescindível presença em festas populares desde longa data, e que, não estando blindados contra as mais variadas influências, experimentam mudanças sutis com o passar dos tempos. Um exemplo do fenômeno é a aceleração de andamento no frevo, notadamente percebida pelos ouvidos mais atentos nas últimas décadas. O bojo de

³⁴ JC TV Ponto de entrevista, entrevista concedida em 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=diz4Odlg3UY&t=6s> acessado em 02/04/2023.

³⁵ Na intenção de ilustrar a solidez dos dois estilos, destacamos que o gênero *forró* foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do Brasil em 2021. Por sua vez, o *frevo* foi declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade, pela Unesco, no ano de 2012.

características fundamentais do frevo se mantém, como arcabouço de sua identidade, por outro lado, pequenas novidades tendem a ser experimentadas, e eis que então, em dado contexto surge algo de diferente, ainda que este ou aquele traço não seja necessariamente inédito em sua totalidade.

Tendo, como um dos seus princípios mais defendidos, a liberdade de expressão artística em tantas linguagens quantas sejam possíveis e o seu incansável ativismo cultural; o coletivo que faz o Boi da Macuca em suas diversificadas manifestações percebeu que as conexões entre interior e litoral, entre o rural e o urbano, entre o tradicional e a vanguarda mostram-se como possibilidades de expansão da cultura popular, sem que haja quaisquer máculas nessas práticas vivenciadas e em processo de expansão. Percebemos aqui um traço do fenômeno do hibridismo, trazido a nós por um dos principais autores que sustentam os referenciais teóricos utilizados neste trabalho, o antropólogo social Néstor García Canclini. Entendemos que a entidade Macuca, em sua complexidade e como locus de processos de hibridação se apresenta propositiva de outras vivências ainda que sem ter, necessariamente, um compromisso com uma possível *reescrita* da história da tradição carnavalesca pernambucana. Perceptiva de seu papel como artífice da cultura e do caráter dinâmico que este elemento agrega, a organização do Boi de Zé apresenta suas festas como um exemplo de manifestação em defesa da cultura popular de maneira, diríamos mesmo corajosa, pois orbitando em um universo de tantas intensidades e potências como o carnaval, trazer *novidades* significa, muitas vezes, se expor a críticas e até mesmo, em certa medida, ao risco de alguma rejeição. Ilustrando parte desta reflexão, Canclini coloca: “Ocorre-me que a nossa primeira responsabilidade é resgatar estas tarefas propriamente culturais de sua dissolução no mercado ou na política: repensar o real e o possível, (...) reconstruir, a partir da sociedade civil e do Estado, um multiculturalismo democrático. (Canclini, 1997, p. 265)

É notória a representatividade que o Boi da Macuca construiu e continua sedimentando no universo do carnaval pernambucano, com ênfase em sua participação nos festejos olindenses, ao lado de tantas outras agremiações analogamente icônicas, tais como o Clube Carnavalesco Misto Elefante de Olinda, a Troça Carnavalesca Mista Cariri e a Troça Carnavalesca Ceroula. Embora trate-se de um grupo de menos idade, quando em comparação com esses aqui mencionados³⁶, vale ressaltar que atualmente a saída do Boi, não apenas faz parte da programação do autêntico carnaval pernambucano, como está figurando entre os blocos mais tradicionais da festa.

³⁶ A Troça Carnavalesca Mista Cariri, por exemplo, completou 100 anos de sua fundação em 2021.

2.5.2 A Macuca no São João

Procedente do interior do estado de Pernambuco, região reconhecida como anfitriã de tradicionais festejos juninos, a Macuca jamais negou — muito pelo contrário, sempre ressaltou — esse traço, entre tantos que consolidam suas origens. Cabe salientar que uma das características mais marcantes da brincadeira está na sua música onde encontramos o elemento principal que leva a *marca registrada* das canções juninas. Não por acaso que a orquestra do maestro Oséas adaptou seu repertório tendo como tônica das novas sonoridades, uma parte representativa dos clássicos das composições de Luiz Gonzaga e Dominginhos que, como foi dito, podem ser considerados referências basilares da proposta musical da Entidade.

Levando o forró como o gênero arauto de suas propostas, a Macuca realizou seus movimentos sempre fiel ao estilo. Já no ano de sua fundação, 1989, a Entidade vivenciou o São João com um modelo que se iniciava com um cortejo que partia da Fazenda Macuca e seguia até o povoado de Baixa Grande, na cidade de Palmeirina, onde a festa continuou com muita dança e animação. Nesta perspectiva, o Boi da Macuca seguiu realizando suas festas juninas em formatos similares, costumeiramente na fazenda e adjacências.

Foi em 2015 que houve uma das mudanças mais relevantes, do ponto de vista do *modus operandi* da folia. No entendimento do próprio Diretor da Entidade, Rudá Rocha, o ano é considerado por ele como um marco por variados motivos. Aquele sábado 30 de maio³⁷, foi o primeiro momento em que a Macuca contou com a participação da orquestra de frevo do maestro Oséas Leão, abrindo o evento com um cortejo que teve início na Bodega de Véio, estabelecimento comercial localizado no Amparo, Sítio Histórico da cidade de Olinda. O desfile foi finalizado no Clube Atlântico, no bairro do Carmo, onde já estava montada toda a estrutura para o início da segunda parte do evento: o Primeiro Arraial da Macuca, naquela cidade, que contou com a música de Benedito da Macuca, Quarteto de Olinda e Conjunto Bole-bole. Convém destacar que, durante o cortejo, a orquestra apresentou o repertório próprio da agremiação. Canções como “Olha pro céu” (Luiz Gonzaga/José Fernandes), “Pedras que cantam” (Dominginhos/ Fausto Nilo), “Lamento Sertanejo” (Dominginhos/Gilberto Gil) e “Vida do Viajante” (Luiz Gonzaga/Hervé Cordovil) foram ambientadas na estética e na estrutura orquestral do frevo. A maior parte do novo repertório apresentando versões de canções

³⁷ De início, o evento foi planejado para a sexta-feira, 29 de maio, contudo, em virtude de uma forte chuva, entre outros fatores, a realização da festa ficou inviabilizada, sendo adiada, nos mesmos moldes, para o dia seguinte.

juninas, foi entoada com animação pelo público que acompanhava o trajeto. Considerando o contexto, é inegável que no quesito repertório, aquela foi uma ação sem precedentes.

Mais uma vez, se evidencia o diálogo entre as duas festas tradicionais. Neste trânsito de influências, a Macuca figura como importante protagonista, não só no que se refere ao pioneirismo, mas também — e talvez, principalmente — em relação à própria ideia da festa, que em certa medida, tem parte de seus contornos redesenhados e recriados de modo que, embora ornados de novas concepções, corroboram sua manutenção e permanência.

Ainda na órbita dos festejos juninos, a Macuca realiza, a exemplo do que ocorre nas prévias carnavalescas, o Forró da Macuca, no formato de festa fechada com acesso mediante ingresso pago, tal como ocorre em eventos similares promovidos por outros grupos. Naturalmente, agindo na mesma perspectiva, esses eventos têm seu funcionamento justificado pelas mesmas razões daqueles que entram em cena no carnaval, tendo como destaque as questões da autossustentabilidade e as questões ligadas à estrutura de palco com todas as suas especificidades.

No ciclo junino, é inegável que as brincadeiras da Macuca apresentam uma ênfase na música do repertório tradicional do São João, como um aspecto de peso e reconhecido nas tradições do meio rural. Contudo, se no conteúdo temos o elemento junino, na forma, também se fazem presentes os contornos de outras festas e brincadeiras.

2.5.3 *Os Festivais na Macuca*

Para além dos principais ciclos nos quais se inserem as festas populares enfaticamente celebradas no Nordeste do Brasil, — o carnaval e o São João — a Macuca inseriu em seu calendário eventos que movimentam a visitação do espaço físico/territorial da fazenda, na zona rural de Correntes; assim como de parte de seu entorno, como os vilarejos de Baixa Grande, localizado na cidade de Palmeirina e Poço Comprido, povoado da própria Correntes. Sendo realizado a 35 quilômetros da cidade de Garanhuns, aquela urbe também experimenta as influências do evento, ainda que em menor intensidade. Nestes eventos, uma parte do terreno da fazenda é ocupado pelos visitantes que armam suas barracas de *camping* nos gramados, estabelecendo estreita conexão com os elementos naturais do local. Em virtude desse particular, que se mantém até hoje, há quem compare os eventos realizados na Fazenda Macuca com o festival de Woodstock.³⁸

³⁸ O referido festival de música foi realizado em agosto de 1969 na cidade de Bethel, no estado de Nova York, nos Estados Unidos.

Figura 6 – Camping na Fazenda Macuca (Festival Jazz e Improviso 2014) – Correntes /PE



Fonte: Redes sociais da entidade

Contudo, segundo Rudá Rocha, não havia, por parte de Zé da Macuca nenhuma inspiração *hippie*. Neste contexto, observamos mais uma particularidade dos ideais da contracultura: a interação com a natureza e seus elementos: uma perspectiva que propõe uma concepção do popular/rural como bucólico em contraposição ao urbano/moderno *artificial*, supostamente eivado pela atmosfera densa das grandes metrópoles. Vale o registro de que nas primeiras festas realizadas na Fazenda Macuca a iluminação era feita por candeeiros, que como Zé da Macuca dizia, proporcionavam uma melhor contemplação das estrelas.

Afinada com a perspectiva de “quanto mais linguagens artísticas melhor” e com sua identidade musical, a Macuca move-se na direção de propor eventos *in loco*, no sítio, na zona rural de Correntes. No ano de 2000 foi realizado o festival Concerto na Macuca. O evento foi de proposta musical livre, sem estabelecer rigores no que se refere a nenhum tipo de exclusividade sobre gêneros musicais específicos. Percebendo a experiência como exitosa, os organizadores avançaram e, já em fevereiro de 2004 foi realizado o Festival Macuca Brinquedos Populares, cujas ações na verdade já tinham lugar nas festas de aniversário do Capitão Zé da Macuca, que sempre teve a cultura popular presente em seus momentos de celebração. Naqueles eventos, aconteciam apresentações de folguedos tradicionais, como reisado e coco, entre outras manifestações das culturas populares. A seguir, a Direção da Macuca realiza, o primeiro Festival Macuca Jazz e Improviso. Com proposta análoga ao Festival Concerto na Macuca, o

acontecimento deu ênfase ao segmento da música instrumental, embora, garantindo mais uma vez o respeito à diversidade cultural, outras vertentes musicais também foram contempladas.

Em outro marco temporal de sua trajetória, a entidade realiza o Primeiro Festival Macuca do Mundo, em dezembro de 2016, com a concepção voltada para espetáculos de música livre, sem quaisquer balizamentos quanto a gêneros musicais. O evento aconteceu em parceria com outro festival, que, costumeiramente ocorre na cidade do Recife, o *Rec-Beat*³⁹. Sobre esta primeira edição do evento, Rudá Rocha conta que, considerando a complexidade dos elementos inerentes a uma festividade daquela envergadura, a execução dos trabalhos para o sucesso da empreitada representou um valioso momento para o aperfeiçoamento da experiência da equipe de produção. O evento foi um desafio para as pessoas envolvidas, mas também uma oportunidade de aprendizado diante das dificuldades.

No mês de outubro de 2019 a Entidade inaugura o modelo de festival que vem sendo realizado desde então. O Festival Macuca das Artes, que, em certa medida aglutina as concepções aplicadas anteriormente nos festivais sediados e acolhidos na Fazenda. O *Macuca das Artes* é um acontecimento que oferece ações envolvendo várias linguagens artísticas. Neste Festival, ganham visibilidade trabalhos na área de música, cinema, artes visuais e, naturalmente das diversas nuances da cultura popular, que muitas vezes apresentam um amálgama que combina aspectos de diversas linguagens, valendo-se de seus variados códigos.

Além das ações voltadas para o ativismo cultural, princípio maior da brincadeira, os festivais da Macuca também figuram como uma das formas para captação de recursos financeiros a serem utilizados tanto no próprio evento assim como em outras ações do grupo — incluindo os cortejos de rua, que pela própria natureza, são totalmente gratuitos para macuqueiros ou perseguidores.

O acesso aos festivais e demais ações realizadas na Fazenda Macuca se dá, em geral, por meio de ingresso pago. Nos festivais, há a opção de prestigiar cada um dos dias em separado ou toda programação global do evento, que costuma ser composta em três dias de atividades; neste caso, o público interessado tem a opção de adquirir o acesso de forma mais particularizada. Observando a demanda de público e, naturalmente percebendo a necessidade de um aprimoramento na oferta de produtos e serviços, no ano de 2023, a organização da entidade lançou a proposta do “Passaporte Macuca”. A ideia possibilita a oportunidade de se

³⁹ O Rec-Beat, que em 2023 completou sua 27ª edição, é um festival que tem como uma de suas premissas apresentar novas propostas artísticas pernambucanas e nacionais. Parâmetros como contemporaneidade, diversidade, territorialidade e ineditismo estão no horizonte da curadoria do evento. <https://www.recbeatfestival.com/> acessado em 01/04/2023.

adquirir um bilhete que concede ao portador o direito de acesso a todos os eventos no decorrer do ano. É verificado que o valor do investimento para a aquisição desta forma de acesso se torna mais atraente do ponto de vista financeiro, sobretudo para as pessoas mais fiéis e frequentes aos festejos macuqueiros. Assim, a Macuca oferece mais uma opção para facilitar a presença de um número maior de pessoas presentes em seus eventos. Cabe registrar que, embora a *novidade* tenha sido implementada, as demais condições para a compra de ingressos feita individualmente para cada um dos eventos continua em funcionamento. Assim sendo, há sempre a possibilidade de receber os diversos públicos e, considerando suas peculiaridades, acolhê-los nos momentos nos quais se identifiquem melhor. Inferimos, portanto, que parte do crescimento do público do Boi da Macuca se deve à diversidade na oferta de entretenimento que a agremiação apresenta e não apenas ao fato de tratar-se de uma Entidade Cultural relevante no cenário no qual está inserida.

Foi na intenção de realizar projetos de maior monta que se deu o processo de profissionalização dos eventos da Macuca. No que se refere às festas *fechadas*, incluindo seus festivais, a Macuca já recebeu artistas como Hermeto Pascoal, Arnaldo Antunes, Chico César, Azabumba, Flaira Ferro, Otto, Marcelo Jeneci, Siba, Luedji Luna, Mariana Aydar, Academia da Berlinda, DJ Patricktor4, Alceu Valença, Banda Eddie, Cidadão Instigado, Duofel, Karina Buhr, Coco Raízes de Arcoverde e Ave Sangria; para mencionar alguns nomes.

Entendemos que a realização dos festivais na fazenda, proporciona um ambiente de confraternização que envolve as pessoas presentes, assim como o usufruto da atmosfera rural e os benefícios que a interação direta com elementos da natureza pode oferecer. Contudo, há uma perspectiva que entendemos como sendo merecedora de destaque. Sob a ótica da organização, os locais para a realização dos encontros são muito importantes de modo que se configuram em um ponto determinante, do qual depende parte de seu sucesso. Eventuais problemas da logística aplicada à preparação e execução de festivais não são incomuns; e quando eventualmente surgem tais adversidades nos festivais da Macuca, o encaminhamento de sua resolução, em virtude da distância geográfica dos centros urbanos, pode oferecer reais desafios, como nos lembra Rudá Rocha:

Lá [na fazenda] a gente tá distante de um centro urbano, tá no meio do mato, qualquer probleminha vira um problema maior porque as soluções logísticas são mais complicadas. Então é uma coisa totalmente diferente. Aqui, [em Recife] quando acontece um problema você consegue resolver rapidamente. Lá, quando acontece um problema, se você der sorte, a solução vai estar em Garanhuns [...] e aí só pra você chegar a Garanhuns é meia hora pra ir e meia hora pra voltar. Já é uma hora de ida e volta, isso se você conseguir resolver o problema na mesma hora e voltar, se não, vai ser mais do que isso. E muitas vezes o problema só é resolvido com uma solução que

está em Recife, e aí são três horas e meia de distância, sete horas; então é uma coisa muito mais complexa de se fazer.⁴⁰

Este depoimento do diretor e produtor dos eventos da Macuca revela indicativos sobre a seriedade com a qual a entidade vem lidando com os projetos e desafios que vem sendo assumidos ao longo da trajetória do grupo. Na intenção de apurar sua expertise no campo da produção de eventos, a Macuca segue buscando aprimorar suas ações buscando oferecer espetáculos de alta qualidade para o público.

2.6 O PÚBLICO: *MACUQUEIROS* E PERSEGUIDORES

Uma agremiação com o perfil do Boi da Macuca, que tem propostas ancoradas nas culturas tradicionais e ao mesmo tempo conectadas a elementos da contemporaneidade, se mostra como um movimento capaz de agregar diversas plateias. Em seus eventos, a organização do grupo promove atrações — assim como disponibiliza produtos e serviços — que cativam o interesse de pessoas com variados perfis que, manifestando suas preferências, encontram no brinquedo um ponto de interseção, seja nos momentos de rua ou nos demais eventos propostos pela entidade.

Ocorre que, como ao longo de sua história, a festa experienciou mudanças em sua maneira de apresentar-se ao público, naturalmente os coletivos consumidores também apresentaram esse movimento dinâmico. Há aquelas pessoas que seguem fiéis desde os anos do surgimento da brincadeira, abraçando com entusiasmo as transformações que chegavam; assim como também há outros grupos que se aproximaram do Boi mais recentemente, obviamente, também por interesses específicos, por certo não reconhecidos outrora. Há que se considerar ainda que existam foliões que, em virtude de um suposto distanciamento de suas propostas iniciais, a Macuca possa ter desestimulado de seu convívio porque não estaria mais oferecendo uma manifestação com elementos considerados “genuínos” da “cultura tradicional”, nos moldes idealizados por este ou aquele segmento de brincantes.

Concretamente, em suas festas principais, o Boi da Macuca tem reunido um quantitativo crescente de adeptos. Contudo, uma vez desviando a perspectiva de público em seu quantitativo, percebemos a multiplicidade de *tribos* presente na legião de brincantes que seguem — e, neste contexto, fazem — a brincadeira. Ora, no próprio repertório apresentado nos diversos eventos

⁴⁰Entrevista de Rudá Rocha em 2021, no podcast É noisy (máquina 3), concedida ao entrevistador e fotógrafo Kelvin Andrade. <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFml3E> Acessado em 01/04/2023.

que produz, a Macuca evidencia uma postura que pode ser entendida como democrática. Por exemplo, no que se refere à cena das agremiações carnavalescas, citamos Elefante de Olinda, Pitombeira dos Quatro Cantos, Cariri Olindense, John Travolta, Trinca de Ás, Ceroula de Olinda, O Homem da Meia Noite entre tantas outras troças que costumam ser homenageadas quando da execução de seus respectivos hinos. Entendemos que estes são indicativos de que o Boi não “toma partido” em favor de nenhum grupo em particular. Mas não é só dos adeptos e perseguidores das diversas manifestações do carnaval que o público é formado. Em seus festejos, a Macuca faz soar um repertório repleto de composições de personalidades do quilate de Siba, Otto, Moraes Moreira e Caetano Veloso. Embora ocorra que, em algumas situações as performances possam não agradar a admiradores mais fervorosos destes artistas (sobretudo por causa do distanciamento estético que os arranjos para frevo evidenciam em relação às composições e registros fonográficos originais), ainda assim entendemos que a inserção destas canções com a roupagem de carnaval acaba por expor e, além disso, tornar acolhedora a proposta singular da música da Macuca para plateias mais variadas.

Convém lembrar que, para além da orquestra do Maestro Oséas, que anima os cortejos do Boi — enfatizamos, nos ciclos carnavalesco e junino —, a Macuca costuma promover eventos — que aqui chamaremos de *festas de salão*⁴¹ — onde artistas com propostas musicais bem diferentes apresentam seus trabalhos a partir de suas concepções estéticas próprias. A primeira festa neste formato aconteceu em 2015, quando a entidade realizou sua primeira prévia junina, no Clube Atlântico de Olinda.

Parte do público destas celebrações fechadas pode comparecer com interesses descolados da atmosfera do carnaval ou do São João, como afirmou um dos presentes ao evento Forró da Macuca, realizado no Clube Português do Recife, no dia 24 de abril de 2022: “A festa tá bacana, cheia de gente bonita e uma boa estrutura, mas pra falar a verdade, meu interesse hoje é ver Alceu Valença”⁴². Esse depoimento do cidadão que anunciou seu interesse particular em uma das atrações para seu entretenimento na festa do Forró da Macuca, nos remete a outro perfil de público diferente daquele que compõe grande parte da massa foliã que acompanha o Boi da Macuca, especialmente nos cortejos de carnaval pelas ruas de Olinda.

Embora esteja muitas vezes no segmento de pessoas *anônimas* — em comparação com brincantes seguidores dos blocos, que, costumeiramente comparecem aos cortejos

⁴¹ Neste trabalho, a expressão *festa de salão* será usada para fazer referência a eventos realizados em clubes e espaços análogos.

⁴² A título de informação, naquele evento estiveram no palco, além do artista pernambucano mencionado; DJ Patricktor4, Claudio Rabeca, Otto, Mariana Aydar, Maestro Oséas e sua orquestra e a banda Academia da Berlinda.

caracterizados com adereços, camisetas e outros elementos visuais alusivos a cada grupo — a figura dos chamados perseguidores tem sido de fundamental importância para a caracterização do carnaval pernambucano. Deste universo momesco, queremos destacar um recorte referente ao carnaval de rua do Sítio Histórico de Olinda que, em circunstâncias normais, recebe milhares de pessoas todos os anos. A cidade se tornou famosa, entre outras razões, por acolher, no ciclo carnavalesco, foliões de várias regiões do Brasil e, não raro, de outros países. O fenômeno reforça a tradição de que, pelo exposto, trata-se de um lugar onde acontece um dos carnavais mais democráticos — e, por extensão, criativos — de que se tem notícia.

O Boi da Macuca *arrasta* uma multidão⁴³ através de ruas estreitas, que comportam, no seu limite de espaço, a festa itinerante. O fenômeno é alimentado pelo envolvimento coletivo, a exemplo de outras manifestações culturais movidas, em sua maior parte pela espontânea adesão popular. O público participante, composto em grande parte pelos perseguidores é essencial para que os contornos que definem a festa sejam traçados e permanentemente revisitados, promovendo uma atividade que retroalimenta a pluralidade, *marca registrada* das ações da Macuca.

Figura 7 – Saída oficial no carnaval – Olinda 2023



Fonte: Redes sociais da entidade

⁴³ Embora não tenham sido divulgados números oficiais, podemos inferir, a partir da observação sobre os registros de imagens aéreas, que no carnaval de 2023, uma referência mais atual, cerca de duas mil pessoas acompanharam o trajeto.

Em outras palavras, considerando a frequente adesão que *converte* perseguidores em macaqueiros, percebemos que neste movimento de fluxo contínuo de recepção de novos adeptos, reside um dos traços marcantes da entidade: a recepção de foliões e a responsabilidade de observar em que medida, o coletivo que contempla a Macuca leva inspiração aos que constroem sua concepção, no sentido mais ampliado.

2.6.1 *Os cortejos de rua do Boi*

O Boi da Macuca apresenta-se como uma manifestação cultural cuja referência folclórica mais manifesta encontra-se ligada a um folguedo de tradição popular bastante difundido, o Boi Bumbá ou Bumba-meu-boi. Este aspecto da cultura nacional subjaz a muitas outras manifestações disseminadas pelo território brasileiro, que em alguma medida se conectam a este elemento simbólico e imagético⁴⁴. A alegoria do Boi, imagem imponente e ricamente adornada — com as três cores da entidade destacadas no conjunto da obra — segue com seus apolíneos chifres dourados e sua estrela na face, compondo o abre-alas da agremiação em suas festas inegavelmente dionisíacas. Rudá Rocha descreve bem os momentos de cortejo da agremiação: “O cortejo sempre foi o principal momento da Macuca. É quando a Macuca vira artista. É diferente de quando a Macuca faz uma festa e os artistas tocam no palco. Nesse momento, quem ocupa o palco é a Macuca. No cortejo, o Boi é o grande artista.”⁴⁵ Em nossa análise, de fato, é nos momentos de desfile que a agremiação recebe a maior adesão e participação de seu público, o que, sobre este particular nos leva a um alinhamento com a percepção do diretor.

Tratando da questão do boi enquanto representação do imaginário da cultura local, cabe ressaltar que este *personagem* também está muito ligado ao cotidiano daquela localidade. Para além de sua representação nos folguedos, em certa medida, o próprio animal está presente na economia local, por exemplo no uso de carros de boi. A este respeito, o próprio Zé da Macuca declara, em um depoimento bem-humorado e um tanto pitoresco:

“É o seguinte: ali tem um riacho. Aquele riacho ali ele tinha uma pinguela. Pinguela é uma coisa que ninguém fala mais. Pinguela é um pau atravessando o riacho e outro em cima pra a pessoa se equilibrar no pau e passar. Aí meu amigo Massilon lá de Garanhuns [...] foi atravessar a pinguela e caiu no riacho. Se lascou o camarada! Aí eu digo: ‘Massilon, só por causa disso eu vou fazer uma ponte!’ Aí, numa cidadezinha aqui,

⁴⁴ Um exemplo desta conexão é percebido no Boi de Máscaras, manifestação cultural originária da cidade de São Caetano de Odivelas/PA. Neste exemplo temos uma manifestação de um *Boi* notoriamente diferente do Boi da Macuca.

⁴⁵ As fases do cortejo e o futuro da Macuca daqui por diante. <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ> acessado em 16/04/2023.

Palmeirina, onde eu nasci, [...] aí um primo meu: ‘eu faço a ponte!’ Ah! Vamos pensar na ponte... Aí ele começou a fazer, aí medimos o vão da ponte, ele trabalhou a ponte e fez. Aí ele disse: ‘Zé, a ponte está pronta. Aí tu pode vir buscar, agora tem uma condição pra levar a ponte... são dois carros de boi e vinte bebo (sic), porque os carros de boi, quando chegar lá no lugar de colocar, precisa de vinte bebo. Tu faz uma rabada, dois litros de cana e a gente leva a ponte!’ Aí a gente veio em cima da ponte passando em povoado, uma ponte ambulante.”⁴⁶

Fato interessante e passível de registro, é a presença dos referidos carros de boi em algumas edições dos festejos, quando figuram nos cortejos da entidade que são realizados no agreste. Percebemos o real e o imaginário em um mesmo acontecimento, de modo a reforçar as ligações entre cultura e natureza. Em depoimento, Rudá discorre:

(...) o São João era completamente diferente do que acontece hoje, né? Já foram várias fases, mas inicialmente o cortejo era um dia só de festa e o cortejo saía da Fazenda para Baixa Grande. Era um cortejo de carros de boi, muitos carros de boi, acho que já chegou a ter perto de 100 carros de boi, porque o carro de boi era um meio de transporte muito usado pra carregar cargas aqui na região, né? E aí na festa, eles transportavam pessoas, daqui da fazenda até Baixa Grande.⁴⁷

Observando esta interseção entre o *Boi* como alegoria/brinquedo e o *boi* enquanto recurso para o dia-a-dia daquelas populações, constatamos que é necessário enxergar o contexto para além de algo supostamente exótico ou pitoresco; e por fim, considerar que há novas direções e funções sociais da arte (Holanda, 2012), neste caso, o Boi da Macuca se configura como uma agremiação que protagoniza ações com potencial de fortalecimento do sentimento de pertencimento a um determinado contexto, de modo a favorecer, em certa medida, o autorreconhecimento dos moradores como sujeitos sociais e críticos.

Nos momentos nos quais o Boi é *o artista*, ou seja, nos préstitos das saídas de carnaval, verificamos que na grande maioria das vezes, parte dos seguidores só ganha as ruas após uma concentração onde, por horas, a festa começa a *aquecer*. Ao som de forró e frevo, Benedito da Macuca prepara o público para a folia nas ruas. Como integrante do grupo que o acompanha desde a fundação — que inclusive, tem seu nome artístico alusivo à Entidade Cultural —, Benedito figurou como um dos principais responsáveis pela música de todo o cortejo de rua por muitos anos, até que, em 2015, a orquestra do maestro Oséas assumiu esse compromisso. Em outras épocas, o Boi da Macuca reunia um público quantitativamente mais modesto. Em resumo, os cortejos seguiam com a aprazível condução do Capitão Zé da Macuca, que indicava

⁴⁶ A vida de Zé antes do Boi da Macuca <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> . Acessado em 16/04/2023.

⁴⁷ “A invenção de Zé_ O boi da Macuca” <https://www.youtube.com/watch?v=6wm-kWIEDBo> Acessado em 16/04/2023

as canções durante o desfile cujas melodias eram acompanhadas por sanfona, zabumba, pífano, triângulo, ganzás e pandeiros. O público que acompanhava a brincadeira compunha um “segmento satélite” em torno do *foco* de onde música soava. Por costume, ao ouvir os primeiros versos das canções entoadas pelo Capitão, as pessoas imediatamente se somavam ao coro, o que, naturalmente provocava um efeito multiplicador nas vozes cantantes. Além da adesão ao canto, não era incomum que, entre os seguidores e perseguidores da Macuca também participassem instrumentistas, predominantemente do naipe de percussão.⁴⁸

No que se refere aos cortejos no ciclo junino, há uma equivalência. E aqui se reconhece outro pormenor peculiar que a Macuca agrega a seus traços identitários. A agremiação consegue, e a julgar pela adesão do público, de maneira exitosa, se utilizar de uma mesma proposta musical em seus cortejos. Oséas e seus músicos performam um idêntico repertório com a mesma instrumentação ao se apresentarem nas ruas, em ambas as festas. Brincantes chegam aos festejos da Macuca e deparam-se com a possibilidade única de experimentar as sonoridades híbridas advindas de duas tradições — a carnavalesca e a junina — vivenciadas em momentos intensos como são, por natureza, os cortejos nas manifestações da cultura tradicional.

Figura 8 – Cortejos juninos em Olinda e em Correntes



Fonte: Redes sociais da entidade

⁴⁸ O autor deste trabalho, em pessoa, já esteve nestas posições por alguns anos nos cortejos do Boi.

Observando os momentos dos cortejos do Boi, destacamos algo que, inclusive, a própria Diretoria da Entidade reconhece. Ocorre que, embora a fase tenha passado ou arrefecido consideravelmente, houve momentos em que uma fração do público manifestou algum desagrado, fosse porque, segundo aquelas pessoas, no carnaval não seria adequado tocar forró, ou porque no São João não seria considerado de bom tom que se ouvissem as sonoridades do frevo. O teórico Néstor García Canclini, em seus escritos sobre os processos de hibridação das culturas, ao que nos parece, sugere uma reflexão sobre essas ações da Macuca, no que se refere à sua proposta musical:

A hibridação, como processo de interseção e transações é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade. As políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências [...]. Podemos escolher viver em estado de guerra ou estado de hibridação (Canclini, 2008, p. XXVI-XVII).

Entendendo os cortejos como momentos de rua, que, portanto, configuram as situações mais democráticas que a Macuca oferece — gratuitamente, vale lembrar —, percebemos os desfiles como um dos pontos altos da concretização dos ideais estéticos da agremiação. Nas ruas, o Boi franqueia a oportunidade para que seus foliões possam degustar diversos timbres revisitando clássicos de dois gêneros representativos da cultura musical pernambucana tradicional, além de apresentar novas leituras a partir do trabalho de representantes das cenas musicais contemporâneas local e nacional. Considerando que essa mistura de elementos e sua ampla difusão se realizam numa atmosfera de contextos agregadores como os festejos carnavalescos, não nos parece, portanto, inadequada a ilação sobre um inegável potencial de expansão das propostas da Macuca, sobretudo quando percebemos que, embora se apresente como cenário para celebrações — pelo fato de dispor da estrutura adequada para contextos específicos —, não é no *paço* que as sonoridades mais próprias da agremiação ganham maior visibilidade social. Em nossa análise, é essencialmente no contexto do *passo*, com toda sua dinâmica de movimentos e outras experiências sensoriais plenas, que a potência deste *ativismo* musical da Macuca se revela mais nitidamente. Para além de uma oferta de apreciação e entretenimento degustada por brincantes; na folia das ruas promovida pela Macuca subjaz uma ação em outro nível de profundidade. Sobre contextos análogos, sublinha a pesquisadora Natalia Bieletto-Bueno :

Territorializando determinados espaços urbanos através de sons (alguns emblemáticos e outros de uso cotidiano) não só se contribui para estabelecer uma nova relação com

as materialidades urbanas, como também se estimula o “rearranjo dos sentidos” (Bioletto-Bueno, 2022, p. 358)

Pelo exposto, entendemos que os cortejos do Boi da Macuca configuram-se como as ações mais expressivas dos que fazem a brincadeira como agentes culturais, cuja prática tem demonstrado movimentos que aproximam os fazeres da entidade com o conceito de *ativismo cultural*.⁴⁹

2.6.2 *As festas de salão da Macuca*

Vinculadas às temáticas dos dois ciclos de festas brasileiras que a Macuca contempla em seu calendário, as festas de salão da entidade realizam-se nos períodos das prévias que antecedem aos zênites dos ciclos carnavalesco e junino. Não por acaso, as celebrações ocorrem nesses momentos, visto que um dos objetivos desses eventos é arrecadar recursos financeiros para a realização das passagens mais *apoteóticas* de seus festejos.

No que se tange aos aspectos da disposição visual e logística, a organização costuma preparar um ambiente bem estruturado e equilibrado, tanto do ponto de vista da funcionalidade quanto da estética. Em evento recente — o Baile da Macuca 2023 — a equipe de produção que trabalhou na montagem do espaço concebeu uma decoração que reforçou a identidade visual da agremiação. No teto do salão principal, por exemplo, foram dispostas as três cores da Macuca em longas peças de tecido. Já no plano de fundo do palco foram apresentadas projeções de imagens em alta resolução durante a maior parte da festa.

⁴⁹ Entendemos que o conceito de ativismo cultural (Heschmann *et al.*, 2022) é algo que atravessa as práticas do objeto de estudo aqui abordado. Contudo, considerando os objetivos e as limitações desta pesquisa, uma análise à luz desta concepção não poderá ser aprofundada e aplicada no âmbito deste trabalho.

Figura 9 – Forró da Macuca 2022 – Clube Português do Recife



Fonte: Redes sociais da entidade

Mais uma vez, neste caso, em relação ao uso de tecnologias eletrônicas, percebemos a Macuca em constante diálogo e articulação com a modernidade sem perder de vista seus laços com os aspectos da cultura popular, que, embora seja dotada de inegável potência estética e cultural, costuma vivenciar suas realizações de modo mais simplista.

Nessas festas, a entidade também oportuniza aos seus frequentadores a compra de produtos caracterizados com sua marca, numa espécie de *merchandising*. Entre os itens mais procurados estão camisetas, copos e pôsteres.

Levando em conta todas as propostas musicais apresentadas pela produção do Boi da Macuca, nota-se que para além da plenitude alcançada nos cortejos, há que se registrar que nos eventos realizados em outros cenários, nos quais a produção conta com estrutura adequada para espetáculos de outra ordem; as atividades ali verificadas também agregam valores estéticos muito potentes. Nessas ações empreendedoras — assim compreendidas quando direcionamos o olhar para a perspectiva do mercado de consumo de produtos e serviços — não é incomum que os *Forrós* e os *Bailes* da Macuca⁵⁰ ofereçam seus palcos para uma pluralidade de estilos musicais que, muitas vezes transcende às ruas nos cortejos levando parte de suas concepções

⁵⁰ Esses são os termos usados pela Entidade para nomear as festas nas prévias de São João e de carnaval, respectivamente.

artísticas, como é o caso de canções de artistas como Otto ou Banda Eddie, que têm obras de sua autoria adaptadas para o repertório da orquestra do maestro Oséas.

Colocando a realização das festas de salão como ação que corrobora a autossustentabilidade, é importante considerar que em seus anos iniciais, as festas da Macuca contavam com a participação entusiasmada de seu público, todavia, provavelmente motivados pela atmosfera dos festejos, Zé da Macuca e suas amizades mais próximas acabavam por financiar as folias pessoalmente, a partir de seus recursos financeiros pessoais, quando se cotizavam para que os eventos tivessem uma estrutura adequada para os objetivos daquele contexto inicial.

Na fase de profissionalização da Entidade Cultural, a organização da Macuca enfrentou algumas críticas de seus seguidores mais ligados às práticas e contextos originais da festa. Em atitudes apoiadas numa crítica mais severa, uma parcela de brincantes chegou a se distanciar das festas sustentando discursos sobre um suposto distanciamento radical das propostas originais dos que fazem a brincadeira. Sobre essa questão, a reação da Diretoria foi de compreensão. Nos anos iniciais os encontros na Fazenda Macuca se davam em um formato mais intimista e mesmo filantrópico, mas não porque eram assim necessariamente planejados. Com o foco na brincadeira, Zé recebia as pessoas por acreditar na importância do gesto para a cultura popular, movimentando suas ações de ativista cultural. Portanto, a rigor, a realização dos festejos naquele modelo não era uma escolha, como explica Rudá Rocha:

Então, nesse período que era muito espontâneo, a coisa acontecia sendo rachada a conta entre meu pai e os amigos mais próximos. E ele depois passou a cobrar o ingresso pra que o evento se tornasse autossustentável, até pra que pudesse realizar outros sonhos, outros passos. Porque a fazenda era daquele jeito, o evento era daquele jeito não porque a ideia era fazer daquele jeito. Era daquele jeito porque era possível fazer daquele jeito.⁵¹

Neste recorte de sua fala, o diretor da Macuca nos faz refletir sobre uma dinâmica, em nossa percepção, óbvia: para que determinadas ações se concretizem, são necessários investimentos materiais e financeiros — buscando superar uma suposta romantização que, não raro, envolve a temática da cultura popular quando a matéria é trazida ao debate. Vistos como a realização de projetos de maior envergadura, os eventos da Macuca se configuram como empreendimentos bastante complexos, pois envolvem a necessidade de uma logística ampliada que prescinde da atuação de profissionais de áreas diversas, que tratam desde a oferta de serviços de gastronomia e bar, até equipes técnicas encarregadas de transporte, montagem e

⁵¹ Entrevista de Rudá Rocha em 2021, no podcast É noisy (máquina 3), concedida ao entrevistador e fotógrafo Kelvin Andrad. <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFmI3E> acessado em 13/04/2023.

operação de equipamentos de sonorização e iluminação. Convém lembrar que a contratação de artistas de renome também demanda um investimento relativamente alto e que, portanto, é considerado como parte notável dos custos envolvidos.

Desta maneira, a Macuca seguiu na direção de sua profissionalização a partir de um modelo que inclusive é bastante comum a outros grupos no âmbito das agremiações carnavalescas de Pernambuco. Os eventos de salão que a Entidade promove são ações nas quais visualizamos ao menos dois objetivos principais. De um lado há uma oferta de entretenimento que busca manter uma real coerência com a cultura popular apresentando espetáculos com estrutura de palco, e ao mesmo tempo, aproveitar a oportunidade para captar recursos financeiros visando à sustentabilidade — e expansão — de outras ações do Boi.

Em relação à compra dos ingressos para os diversos eventos, macuqueiros e simpatizantes contam com algumas opções para a aquisição dos bilhetes. Servindo-se de plataformas que operam *on line* na venda de ingressos, a produção da Macuca oferece diversas condições de pagamento para seus clientes. Por exemplo, os interessados que se antecipam, dispõem da opção de obter suas entradas comprando em lotes promocionais. O “Passaporte Macuca”, já mencionado neste trabalho, se configura como uma outra opção para o público.

Observa-se que esta entidade cultural, em todas as suas ações, pressupõe a presença de um expressivo quantitativo de adeptos. Nas festas de salão, percebemos uma real *vitrine* capaz de agregar novos potenciais brincantes por vezes provenientes de outras *tribos*, mas que acabam por se identificar com as concepções *macuqueiras*.

3 UM BOI “ORQUESTRANDO” OUTROS TEMPOS?

Seguindo o fluxo, a dinâmica das manifestações populares, o Boi da Macuca deu um passo que, mais uma vez, confirmou sua condição *sui generis*. Quando apresenta uma proposta de mudança no fazer musical que ganha visibilidade em seus momentos mais emblemáticos — os cortejos de rua — a entidade inova mais uma vez. Seria temerário, entendemos, apontar o Boi da Macuca como um tipo de brinquedo que se percebe como uma espécie de arauto de um novo paradigma sobre a tradição musical dos festejos carnavalescos e juninos; contudo, a potência desta agremiação, assim como a notória adesão de um expressivo número de seguidores, representa indícios de que há apreciação e, convém lembrar, mercado para a referida proposta musical. A chegada da orquestra do maestro Oséas Leão, em 2015, representou o início de um novo momento e, por consequência, de outra dinâmica para as festas do Boi da Macuca.

Observando os movimentos da agremiação em suas *vitrines musicais* e considerando que as tradições se modificam e podem ser reinventadas, a indagação trazida no título deste capítulo suscita elucubrações sobre a permanência ou mesmo outras transformações inusitadas no fazer musical da Entidade.

Tendo como foco esse momento de transformação musical, a seguir, trataremos de uma maneira mais pormenorizada da música apresentada e produzida nos diversos festejos da Macuca.

3.1 AS SONORIDADES DO BOI DA MACUCA

Embora também conte com elementos visuais intensos, e naturalmente representativos, como, por exemplo, a própria alegoria que dá nome à entidade; é inegável que, a exemplo do que ocorre com todas as agremiações carnavalescas tradicionais do estado, a Macuca encontre em suas sonoridades a matéria-prima mais influente de suas realizações.

Buscamos trazer dois recortes sobre a questão musical. Em um primeiro momento, um panorama alusivo à concepção e construção do repertório executado em momentos históricos distintos e, em seguida um breve apanhado sobre o trabalho de personalidades historicamente relevantes para a realização da trajetória musical da entidade, que vem sendo construída ao longo de seus 34 anos de história.

3.1.1 *De Luiz Gonzaga a Otto*

Para quem conhece e ainda mais para quem acompanha os movimentos do grupo desde longa data, torna-se inconcebível apartar o forró do frevo, em quaisquer ocasiões em que o Boi da Macuca se faça presente. De fato, esta peculiaridade estética configura o traço de maior solidez da entidade no quesito música. Esta formulação que é original — ao menos no horizonte dos folguedos tradicionais dos ciclos carnavalesco e junino — se apresenta, a partir das reflexões propostas pelo teórico Eric Hobsbawm, como uma tradição inventada a partir da própria dinâmica dos fenômenos das culturas populares (Hobsbawm, 2021). Não obstante esta referência teórica venha a ser aprofundada no capítulo seguinte, antecipamos uma passagem dos escritos do autor sobre o tema:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo — às vezes coisa de poucos anos apenas — e se estabeleceram com enorme rapidez. (Hobsbawm, 2021, p. 7)

Como revelam os primeiros acordes quando soam nas festas da Macuca, a célula primordial que motiva o contagiante entusiasmo da *nação macuqueira* está sedimentada nos sucessos de Luiz Gonzaga, que, como é do conhecimento da audiência que aprecia o forró, teve seus passos seguidos por seu discípulo José Domingos de Moraes, o compositor, instrumentista e cantor Dominginhos. Este segundo nome fecha a díade basilar que edifica a concepção musical original que anima a Macuca.

Embora nos pareça inquestionável a presença da obra desses dois artistas pernambucanos, é justo sublinhar que o repertório inicial⁵² da Entidade também contava com composições de outros músicos que também figuram no rol de estrelas da música brasileira. Deste conjunto, podemos citar Flávio José e Gilberto Gil, como exemplos.

Nos parece interessante deixar dito que a dinâmica do Boi da Macuca, sobretudo em seus momentos de rua, pode proporcionar situações peculiares. No que se refere à questão musical, encontramos uma passagem que nos parece particularmente curiosa. Há um verso que durante muitos anos foi cantarolado, a plenos pulmões, pelos seguidores da agremiação: “Eu vou deixar minha burrinha, e vou montado no meu Boi... Boi, boi, boi, boi! Boi, boi, boi, boi!”.

⁵² Neste contexto, a expressão “repertório inicial” refere-se às músicas tocadas nos anos iniciais da Macuca, especialmente no período que antecede à participação do maestro Oséas e sua orquestra.

Como registrou o jornalista Victor Augusto Tenório da revista *Continente*, “A cantoria pinguça (*sic*), junto com a Ciranda de Maluco, de Otto, integra os hinos não oficiais da agremiação”.⁵³

Observando algumas questões de timbre, percebemos que embora a sanfona — e todo o universo simbólico que suas sonoridades evocam — tenha reinado absoluta no início da brincadeira, é mister destacar que esse instrumento musical se mantém firme e forte em todas as festividades, atravessando o tempo e fazendo-se presente em contextos específicos. Composições como Pagode Russo (Luiz Gonzaga/ João Silva) que já fazem parte do cânone do carnaval de rua em Olinda têm sua inserção em estreita ligação com as concepções musicais da Macuca aplicadas à cena da Olinda carnavalesca. Essa canção representa um exemplo acerca de uma singularidade: estamos falando de uma peça que soa nos cortejos do Boi e que esteve animando foliões em diferentes épocas tendo sido apresentada em diferentes roupagens.

As sonoridades da Macuca passaram por uma mudança importante no ano de 2015, com a chegada da orquestra de frevo, porém, as transformações foram além da questão timbrística.

Considerando o novo projeto musical, o repertório da agremiação pôde receber composições mais distanciadas da música tradicional e mais alinhadas com concepções contemporâneas. As possibilidades de arranjos para orquestra de frevo ampliaram o leque de artistas contemplados pela proposta musical da entidade, que passou a oferecer a seu público, especialmente nos cortejos de rua, uma *setlist* inédita contendo, por exemplo, obras de Caetano Veloso, Moraes Moreira e Otto. Essas composições foram todas apresentadas após as devidas adaptações para a paisagem sonora do frevo.

Finalizando este tópico, queremos frisar que o objeto de estudo aqui investigado oferece experiências musicais em diversas perspectivas e em diferentes eventos. Contudo, os destaques aqui registrados referem-se aos momentos dos cortejos de rua, quando, distantes do brilho de artistas de renome nacional que se apresentam nos palcos, o Boi da Macuca está em destaque como o próprio artista. E enquanto sumidade, o Boi conta com dois personagens fundamentais para aqueles contextos, que, respondendo pelas sonoridades da agremiação, *assinam* as performances musicais oferecidas ao seu público. O frevo e forró se encontram conduzidos pelas mãos de dois músicos pernambucanos ilustres.

⁵³ O verso costumava ser cantado como uma espécie de interlúdio entre canções icônicas do cancioneiro nordestino, ricamente representado no repertório da entidade. Disponível em <https://revistacontinente.com.br/secoes/curtas/boi-da-Macuca> acessado em 14/04/2023.

3.1.2 De Benedito a Oséas

Valendo-nos de uma analogia, percebemos que, à luz de sua conexão com alguns dos costumes presentes na cultura popular nordestina, o universo musical da Macuca surge a partir de sonoridades relacionadas⁵⁴. Logo, nos parece que foi — e continua sendo — legítima a utilização de instrumentos como sanfona, zabumba, pífano, triângulo e pandeiro desde os primórdios da brincadeira, que teve seu berço no agreste pernambucano. Quando Zé da Macuca deu concretude aos seus ideais de ativista cultural, ele arregimentou pessoas para levar a música e a festa, reunidas em um contexto por ele concebido, a outros cenários. Deste modo, valorizando seu lugar, reuniu brincantes da região para que, a partir de lá, pudesse chegar a outras localidades. Foi neste cenário que veio à cena o músico Benedito Belo da Silva — o Benedito da Macuca, como passou a ficar conhecido — o acordeonista que participou da prática musical da Entidade desde os seus primórdios e que ajudaria a traçar os primeiros contornos musicais da brincadeira com seu fole. Rudá Rocha discorre sobre o mestre Benedito:

“Benedito é do começo *da coisa*. Ele morava em Baixa Grande, que é um povoado que fica a dois quilômetros da fazenda e era o sanfoneiro do lugar. Foi por morar lá e por estar tocando nas festas da Macuca foi que ele passou a ser o sanfoneiro oficial. Ele tocou numa época que era só ele, o Boi era praticamente só ele e meu pai. (...) Então, ele tem uma participação na minha formação cultural e musical muito decisiva, muito profunda e, consequentemente, na vida da Macuca também.”⁵⁵

Durante muitos anos, ao lado do Capitão Zé da Macuca e outros músicos, Benedito levou a música da agremiação do agreste ao litoral do estado traçando as linhas da identidade musical da Macuca. Como foi dito, em 2015 a agremiação recebeu *reforços*⁵⁶ que configuraram novas concepções que se somaram à expressão musical marcada pela música tradicionalmente associada ao universo rural.

Natural da Zona da Mata de Pernambuco, Benedito carrega uma experiência de mais de cinquenta anos do ofício como músico. O sanfoneiro conta que a primeira festa em que tocou

⁵⁴ Cabe a ressalva de que, embora a música de Luiz Gonzaga, assim como a de seus seguidores, desfrutem hoje, em certa medida, do status de referenciais, é importante lembrar que o estilo foi *consolidado* na década de 1940 no meio urbano — e midiático — e que, naturalmente, muitos outros aspectos relativos à tradição musical nordestina anteriores ao sucesso do Rei do Baião, embora de equivalente relevância do ponto de vista da tradição, não tenham recebido as mesmas luzes.

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=1FjzhqRgg6A> Entrevista ao Venezacast em fevereiro de 2022.

Acessado em 13/04/2023

⁵⁶ Explicamos o uso do termo pelo fato de que, considerando o quantitativo de público, que vem numa crescente, de fato houve um momento em que somente um grupo orquestral atendeu às demandas da Macuca, especialmente em seus cortejos.

foi no distrito de Baixa Grande, do município de Palmeirina, localidade próxima à Fazenda Macuca. Ele conta que naquela primeira festa ele tocou por vários dias: “A primeira festa que eu toquei, eu toquei o mês todinho, trinta dias de festa a gente tocou pelos interiores. Sítio, lá é sítio.”⁵⁷ Durante sua permanência no estado de Alagoas, que durou doze anos, o músico também manteve sua atividade de instrumentista e forrozeiro. Ultrapassando fronteiras, Benedito recorda de sua visita à França, quando fez parte da comitiva do Boi da Macuca que visitou aquele país. Como curiosidade, a sanfona que ele usa com frequência foi um presente de um admirador residente na França. Nas festas de Carnaval e do São João no ano de 2023, ele usou o referido instrumento ao se apresentar nas concentrações desses dois eventos. Como profissional da música, Benedito faz questão de expressar sua alegria durante a época dos festejos juninos, que segundo ele é uma boa época para arrumar trabalho. Sobre sua relação com Zé da Macuca — e, por consequência, com a própria Entidade — ele registra:

Zé foi um exemplo pra mim. Porque, vou lhe dizer, eu não tinha conhecimento sobre o Boi, né? E o Boi da Macuca fez com que eu ficasse sendo conhecido no povo, as viagens. A gente viajava trabalhando através da sanfona... através do Boi. [...] Hoje, graças a Deus, eu tenho um conhecimento muito grande através dele. Ele me botou na estrada. E eu acho que foi bom pra mim. A gente trabalhou muito até o dia em que ele foi s'imbora.⁵⁸

Como pode-se perceber, Benedito da Macuca é de fato um personagem icônico e, como músico reminescente, pode ser considerado uma memória viva da história musical da agremiação.

Voltando as lentes para outro ator decisivo na construção da identidade musical do grupo, chegamos ao igualmente eminente músico, o maestro Oséas Leão de Souza. Natural da cidade de Aliança, localizada na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, o regente e trompetista acumula uma experiência de mais de cinquenta como músico dos quais esteve por três décadas à frente de orquestras no Carnaval de Olinda. O próprio músico destaca seu trabalho junto à Troça Carnavalesca Ceroula, Agremiação na qual esteve presente durante praticamente toda a sua carreira. Oséas não se considera um folião: “Como folião, eu sou fraco... Eu gosto é de escutar o frevo!”⁵⁹ O famoso condutor da orquestra que anima os cortejos da Macuca declara que uma de suas maiores alegrias no universo da música tem como manancial

⁵⁷ Entrevista concedida ao programa *Interprograma TVPE São João 2016*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=czeVA983IQ>. acessado em 22/07/2023

⁵⁸ Depoimento publicado em *O que Zé da Macuca significa por centenas de pessoas*. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ypeksZVFEho> acessado em 16/04/2022.

⁵⁹ Entrevista publicada em *Maestro Oséas, do Ceroula*. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5wh9EbMsFzI> acessado em 16/04/2022.

justamente a sua orquestra, que segundo o mesmo, está entre os elementos mais importantes em sua vida.

Ao executar um repertório com canções de artistas como Dominguinhos, Luiz Gonzaga e Alceu Valença, a orquestra do maestro Oséas leva o recado da Entidade sobre o que seus dirigentes acreditam e defendem, a partir de suas concepções, sobre arte popular. Mas é também a partir das sonoridades do grupo de Oséas que se percebe, e talvez, com maior profundidade, um dos elementos mais fundamentais do carnaval pernambucano: a multiplicidade de expressões. Então, este Boi *nascido* no agreste do estado, reforça as fileiras das agremiações que por sua própria natureza, continuam figurando como constituintes de um campo privilegiado onde liberdade e diversidade sempre tiveram seus lugares assegurados.

Figura 10 – Benedito da Macuca e Maestro Oséas – Carnaval 2023



Fonte: Redes sociais da entidade

3.1.3 A Macuca “Digital”

O período compreendido entre os anos de 2020 e 2022 foi extraordinariamente atípico para as sociedades do mundo inteiro. A pandemia da Covid-19, instalada pela proliferação desenfreada do coronavírus SARS-CoV-2, em certa medida estabeleceu novos paradigmas. No

Brasil, lamentavelmente, a calamidade se manifestou potencializada, entre outros motivos, pelo que parece ter sido uma inadequada condução de ações para mitigar o problema, sobretudo por parte de alguns setores da administração pública.

Ocorre que, por sua natureza, o campo de atuação de grupos como a Entidade Cultural Macuca prescinde, necessariamente, de aglomerações, assim como todo e qualquer trabalho voltado para públicos diversos. A troca das impressões entre espetáculo — e, naturalmente entre as pessoas que o realizam — e público se manifesta no Boi da Macuca numa dimensão imensurável. No universo dos festejos populares não é incomum que agremiações vivenciem da mesma experiência; contudo, entendemos que em se tratando das propostas dos que fazem o Boi, estamos falando de um elemento que agrega um traço particularmente determinante para a festa.

Em meio às adversidades, a Diretoria optou pelo desafio, como relata Rudá Rocha, ao discursar na abertura da histórica *live* de carnaval no ano de 2021, transmitida no dia 15 de fevereiro daquele ano⁶⁰:

“Oi, pessoal! Eu sou Rudá Rocha, um dos fazedores da Macuca, estamos aqui gravando esse vídeo no momento da conclusão da montagem [...]. Vamos deixar o espaço porque, pra seguir os protocolos de determinação de, no máximo, dez pessoas na realização das *lives*, nem nós vamos estar aqui. Somente a orquestra do maestro Oséas e o audiovisual. Essa semana foi muito complicada para as agremiações carnavalescas. [...] De última hora, quando ninguém esperava, justamente essa restrição de fazer [as transmissões] somente com dez pessoas, que, para conseguir realizar com orquestra de frevo e equipe ao mesmo tempo, com esse limite, é um desafio bastante difícil. Mas a gente entendeu que era importante ocupar o espaço das agremiações carnavalescas de rua, que era importante resistir, que é importante gerar demanda de trabalho para os profissionais da música e da cultura, que é importante preservar a cadeia produtiva do frevo, que é importante preservar o patrimônio imaterial de Pernambuco, que é importante levar um pouco do carnaval de rua até à casa de vocês.”⁶¹

A iniciativa da Macuca teve repercussão favorável para o público, considerando aquele cenário no qual as orientações de segurança apontavam à impossibilidade de qualquer aproximação física. Na plataforma digital em que foi veiculada a transmissão — o Youtube — diversas pessoas registraram seu contentamento nos comentários, socializados em expressões como “*Live maravigold. Macuca mostra. Trouxe a energia das ladeiras pra dentro de casa. Arrrasso! Valeu família Macuca*”; “Parabéns por preservarem a nossa cultura popular. No próximo ano irei por aí, conhecer este projeto maravilhoso”; “*live linda demais!! obrigada por*

⁶⁰ A data é considerada memorável devido à coincidência com o aniversário de 100 anos de fundação da Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, agremiação do bairro de Guadalupe, que costumeiramente oferece sua sede nos cortejos do Boi, figurando como egrégia parceira da Macuca.

⁶¹ Carnaval Digital 2021 - Boi da Macuca <https://www.youtube.com/watch?v=NHAq4PiPxgo&list=RDtTGTdn2mivQ&index=4> acessado em 06/04/2023.

esse registro” e “Belo trabalho! Parabéns!”. Entendemos que o público que sempre marcou seu apoio ao grupo em circunstâncias ditas “normais”, também expôs sua anuência à ação da Macuca naquele momento excepcional.

Figura 11 – Carnaval Digital Macuca 2021– Detalhe da live



Fonte: Redes sociais da entidade

Embora não conste entre os objetivos desta pesquisa apresentar o quantitativo preciso de indivíduos que assistiram à transmissão sincronicamente, podemos inferir que houve uma adesão significativa por parte da audiência enquanto a apresentação ao vivo seguia em sua exposição. O vídeo, que teve duração de mais de duas horas e foi veiculado no canal da agremiação (Macuca Oficial - <https://www.youtube.com/@boidaMacuca/about>), contou com mais de 13.000 visualizações, segundo informação constante na própria plataforma⁶². O quantitativo da audiência nos parece algo relevante a ser destacado. Constatar que a massa carnavalesca estando apartada de sua festa maior numa histórica segunda-feira de carnaval — pela primeira vez — optar entrar em conexão com um dos vários grupos representantes dos festejos momescos sugere um ato de inquestionável fascínio pelo brinquedo.

Não obstante a crise sanitária que atingiu toda a população indistintamente, o Boi da Macuca esteve ao lado de alguns coletivos — assim como de artistas com seus trabalhos individuais — que, se reconhecendo alinhados aos princípios do ativismo cultural, buscaram

⁶² Informação atualizada em 21/07/2023.

novos caminhos na intenção de apresentar parte de suas produções que, ainda que expondo, quantitativamente, apenas uma amostra do trabalho construído, cumpriram e marcaram, genuinamente, seu compromisso na defesa pela permanência e difusão da cultura popular, mesmo em contextos tão adversos.

As *lives*, ou simplesmente, “transmissões ao vivo”, foram, provavelmente o principal canal de divulgação de artistas brasileiros. Nestes eventos, realizados em modo remoto, representantes da produção artística nas diversas linguagens e a partir de várias vertentes estéticas precisaram contar com infraestrutura diferenciada para se adequarem às severas — e, obviamente necessárias — restrições impostas pelo imprescindível distanciamento físico. O Boi da Macuca marcou presença neste *front* escrevendo seu nome na história daqueles que, segundo os que realizam a brincadeira são os três momentos mais relevantes, quais sejam, o Carnaval, o São João e o Festival Macuca das Artes.

Figura 12 – Festival Macuca das Artes Digital - janeiro de 2021



Fonte: Redes sociais da entidade

Trombones, trompetes, saxofones tenores, saxofones altos, tubas, surdos, caixas e pandeiros: eis a formação mais comum das orquestras de frevo que costumam fazer a festa nas ruas de Olinda e Recife. O conjunto, com arranjos elaborados de modo a valorizar os diversos timbres instrumentais, costuma levar ao público as sonoridades familiares ao cenário carnavalesco. Mesmo quando se trata de composições inéditas, a “marca registrada” do frevo

apresenta-se indelével. Estamos aqui tratando de um gênero que, nas lentes de parte de seu público consumidor, incluindo parte da crítica especializada, é pouco afeito a novidades. Ao rever algumas de suas práticas costumeiras e incorporar outras novas, a orquestra do maestro Oséas já havia inovado bastante. Sendo o frevo de rua uma forma exclusivamente instrumental, a partir do momento em que o repertório incorpora canções, o público passa a ser sujeito ativo no fazer musical. Sobretudo quando da execução das canções mais conhecidas, a participação do público se torna essencial. Sobre esta percepção, o etnomusicólogo americano Anthony Seeger nos oferece elementos para reflexão quando discorre, como exemplo, sobre um espetáculo realizado por seu tio, o músico Pete Seeger: “Quase todas as pessoas que já foram a um dos seus shows lembram a sensação de alegria que sentiam ao cantarem junto durante as músicas. Este formato fazia com que as pessoas participassem ativamente na criação do evento musical em si.” (Seeger, 2013, p. 19). No caso desta live, este papel do público foi confiado ao saxofonista e cantor Ricardo Santos, o que naturalmente, produziu outro resultado estético.

Na situação de exceção verificada na realização das lives, fica patente a proposição de uma nova forma de se prestigiar a música carnavalesca, embora, como foi dito, para muitas pessoas chega mesmo a ser questionável se ações como aquelas levadas a público em um contexto excepcional, seriam amostras autênticas de momentos carnavalescos. Entendendo esse episódio na história do Boi da Macuca como um embrião para possíveis criações /invenções de novas tradições, somos provocados a evocar uma reflexão proposta pelo historiador e teórico Eric Hobsbawm: “Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais.” (Hobsbawm, 2021, p. 12). Assim, ficaram marcadas algumas tentativas — bem-sucedidas, em nossa avaliação — de uma recontextualização das tradições consideradas relevantes para a permanência de parte do patrimônio cultural imaterial de Pernambuco.

Para além das ações voltadas para o ativismo cultural, as lives da Macuca também figuraram como canal para captação de doações direcionadas a profissionais da área que, em virtude da não realização dos festejos de Momo, tiveram grande parte de suas oportunidades de trabalho frustrada. Através da recepção de transferências via Sistema de Pagamento Instantâneo (PIX), a entidade se propôs a arrecadar recursos financeiros para trabalhadores que compunham a rede que tornou a realização das ações possível. Durante a live, em vários momentos foram postos na tela as informações necessárias para a realização das doações e entre os vários blocos onde as composições eram performadas, foram feitos destaques sobre a importância do gesto.

Ainda sobre este papel de comprometimento da Macuca para como os sujeitos fazedores

do carnaval, o músico Ricardo Santos registrou, em um momento de intervalo no mesmo evento:

“Parando pra agradecer um pouco à galera da Macuca que tá com essa parceria com a orquestra do maestro Oséas desde 2015, e desde então a gente mudou, a Macuca mudou um pouco da rotina. Mudou muito a rotina das ladeiras de Olinda, né? Que agora a gente tem o carnaval com a Macuca, tem o São João, tem o [Festival] Macuca das Artes, então assim, isso mobiliza os músicos, a gente tem trabalho pra fazer durante várias etapas do ano, e não só o carnaval. [...] Então, agradecendo à galera da Macuca, especialmente Zé da Macuca e Rudá [Rocha] por essa parceria com a orquestra do maestro Oséas, e com certeza, a galera, o público que agradece muito mais por a gente ter essa oportunidade de estar tocando tantas vezes durante o ano com a orquestra do maestro Oséas e com esse repertório da Macuca que tem essa particularidade, que a galera gosta tanto, então é isso aí: nosso agradecimento pra Macuca!”⁶³

Alinhada com o discurso de Rudá Rocha, a proposta da realização de lives nestes moldes configura de fato uma ação de resistência sob vários aspectos, com destaque para as questões ligadas à manutenção da cultura carnavalesca (ainda que adaptada como jamais se viu) e à cidadania, o que convém lembrar, nunca foram universos dissociados.

3.2 OUTROS PÚBLICOS

A brincadeira ganhou muitos adeptos. Observando a dinâmica das festas e o perfil do público, a organização iniciou a parceria com a orquestra do maestro Oséas em 2015. Esta mudança, uma vez consolidada, significou um marco na trajetória da entidade, além de representar, não apenas para a agremiação em particular, mas especialmente para o carnaval de Olinda, uma outra possibilidade de, enquanto manifestação tradicional do carnaval, estabelecer, ou ao menos, propor uma outra perspectiva para profissionais que produzem as sonoridades que animam as ladeiras do Sítio Histórico; como comenta em entrevista, um percussionista integrante da orquestra que animou a saída oficial do carnaval da Macuca em 2023, e experiente profissional atuante em outros grupos do gênero:

(...)A Macuca mesmo foi um bloco que sempre teve um forrozinho tal, era sanfona e tal... o Rudá, que é o presidente, agora, (...) ele criou, teve essa ideia de botar muitos músicos e tocar só forró com arranjo pra frevo, com aquela “pegada” e foi uma coisa que foi uma modificação aqui em Olinda, entendeu? Foi uma novidade. Isso foi uma boa ideia pra eles. Foi um caminho pra abrir... Hoje a Macuca, onde ela chega ela tem o público dela, tem um público muito grande. Isso aí pra gente é uma novidade que vai ser pro ano todo também. Como tem gente que gosta de ouvir frevo. Tem gente que respira frevo. Foi uma evolução boa que a Macuca criou. Foi uma coisa muito boa. A

⁶³ Carnaval Digital 2021 - Boi da Macuca
<https://www.youtube.com/watch?v=NHAq4PiPxgo&list=RDtTGTDn2mivQ&index=4> acessado em 06/04/2023.

cultura aqui é muito forte em termos de ritmo. Somos conhecidos como ritmistas que podemos adaptar muita coisa pro frevo sim.⁶⁴

Ao acolher os novos apreciadores que se avolumaram num crescente, a Diretoria da Macuca percebeu que a efetivação da mudança na música dos cortejos resultou no favorecimento de duas demandas. Por um lado, o seu repertório ocupou, ao que parece definitivamente, uma posição de evidência; e ao mesmo tempo, a entidade pôde atender, a contento, do ponto de vista acústico, um quantitativo de público expressivo e, porque não lembrar, equivalente ao que se faz presente em outras agremiações tradicionais que, de maneira análoga, costuma reunir milhares de pessoas em seus cortejos embalados pelos ataques e contracantos característicos do frevo.

3.2.1 *Um Boi “pop”*

Outra peculiaridade desta Entidade Cultural pode ser percebida com maior ênfase em seus eventos realizados com estrutura de palco, para públicos pagantes em ambientes reservados. Nestes espaços os artistas podem valer-se dos recursos técnicos para apresentarem suas propostas musicais.

Nessas ocasiões a produção da Macuca costuma elencar atrações cujas propostas estéticas mostram-se nitidamente diversas. Desta forma, a Diretoria da Entidade consegue atender a um universo bastante ampliado no que se refere às preferências musicais do seu diversificado público. Considerando toda a trajetória da agremiação, percebemos que, por exemplo, no quesito faixa etária, há pessoas de várias idades, que naturalmente tendem a manifestar um gosto musical com o qual sintam algum tipo de identificação.

Avançando para além dos gêneros musicais mais próximos do que pode ser entendido como tradicionais do Nordeste, como o forró com suas variáveis, a Macuca, que já ofereceu espetáculos de artistas como Arnaldo Antunes e o grupo Ave Sangria, mantém o curso do ecletismo musical como uma de suas marcas. No ano de 2023, por exemplo, um olhar sobre todos os eventos promovidos pela Entidade revela a atenção dos organizadores para com o repertório preferido pelo seu público. Convém registrar que por meio de enquetes, a produção dos eventos da Macuca realiza consulta com sua audiência afim de oferecer um entretenimento que possa atender às preferências de um número maior de pessoas.

⁶⁴ Entrevista concedida ao autor no ano de 2022.

Partindo do princípio de que a música Nordestina não tem necessariamente, uma sonoridade própria e única que a defina, percebemos que, embora alguns dos gêneros musicais considerados mais tradicionais da região nordeste se façam presentes — quase sempre, em todos os eventos da Macuca —, a agremiação se mostra como militante na defesa e divulgação de artistas da região, estejam estes apresentando propostas de trabalho ancoradas na chamada música tradicional, ou oferecendo suas criações baseadas em elementos contemporâneos e vanguardistas. Como exemplo desses artistas, podemos trazer os já citados Ave Sangria, Flaira Ferro e Otto. Vale ressaltar que uma composição do repertório de Otto também ocupa lugar de destaque no repertório de rua performado pela orquestra do maestro Oséas. Neste caso temos um artista cuja obra está presente em dois momentos icônicos promovidos pela Entidade.

Para além da visualização de representantes dos sons regionais, temos percebido uma atenção destacada sobre a participação de artistas que transcendem à esfera masculina, quanto à questão de gênero. Percebe-se aqui uma sensibilidade relativa às tendências estéticas e artísticas propriamente ditas, mas também podemos inferir que a curadoria da Macuca, ao que parece, está atenta à realidade do contexto social contemporâneo, que sugere uma sociedade democrática em seu sentido mais amplo, e que considera que os diversos atores numa sociedade devem ser vistos — e vistas, e vistes — para além de quaisquer binarismos.

Considerando que num primeiro momento há referência a uma brincadeira que remete ao boi-bumbá ou bumba-meu-boi, trazemos como o título deste tópico, *um boi pop*, devido à percepção de que se configura como um dos compromissos da Entidade Cultural promover a visibilidade e divulgação de diversos artistas de vanguarda, que em suas propostas profissionais aproximam-se da concepção de espetáculo à luz da qual a Macuca realiza seus eventos de palco, estejam estes em clubes fechados, ou nas festas Baile e Forró — neste caso falamos das prévias —, ou mesmo em eventos de maior envergadura como aqueles que acontecem na fazenda Macuca na zona rural.

Vale ressaltar que a presença de artistas, digamos, mais afastados da chamada música tradicional Nordestina, e que muitas vezes apresentam uma proposta mais ligada a contextos urbanos — que por sua vez, remetem à arte de vanguarda —, em nosso entendimento também configura um alinhamento com o ideário da contracultura, conceito que esta pesquisa defende como sendo uma das características das dinâmicas da agremiação aqui investigada. Além disso, também se revela, como um traço *sui generis* da agremiação, a oportunidade de audição e apreciação de peças inerentes a outros universos musicais. Canções da autoria de artistas como Moraes Moreira, Caetano Veloso, Academia da Berlinda e Banda Eddie, provavelmente só são escutadas na moldura do frevo quando se segue o caminho do Boi.

Figura 13 – Cartaz com algumas das atrações da Macuca no ano de 2023



Fonte: Redes sociais da entidade

3.2.2 Com a Macuca, o carnaval em Olinda é outro

Quando se fala do Carnaval na cidade de Olinda, é comum que as pessoas, especialmente aquelas que não têm o costume de frequentar aquele evento, elaborem imagens compostas de muitas cores, um público gigantesco presente aos festejos, uma pluralidade sonora que se aproxima de ser sentida como perturbadora, e, naturalmente, no imaginário imediatamente acessado, não poderia faltar as referências visuais e sonoras de uma autêntica orquestra de frevo de rua. Este prognóstico, de fato, não se distancia muito do que se vê nos dias de folia no Sítio Histórico, contudo, a festa com o Boi da Macuca exigiria alguns aditivos peculiares. Enquanto agremiação, o Boi da Macuca apresenta um *modus operandi* com suas particularidades. Por exemplo, por tradição do próprio brinquedo, nos dias de saída oficial de

seus cortejos, a concentração se dá ao som e um repertório que, a rigor, poderia estar alocado em outro período festivo, o ciclo junino. Mas não é só isso. Ao participar dos festejos macuqueiros, os foliões estão diante de representantes da história daquele grupo. A concentração é animada pelo músico Benedito, que é um reminiscente que esteve presente na fundação da Macuca. Embora o grupo se alinhe a algumas características comuns a outras agremiações carnavalescas, a Macuca também oferece experiências únicas a seus seguidores. Em entrevista, o brincante/folião José Maurício Cavalcanti Basante⁶⁵, fala de suas impressões sobre a festa e a Macuca naquele cenário:

Eu sou encantado por carnaval porque pra mim carnaval reúne duas coisas que eu amo [...] reúne festa e povo. É a festa do povo. É onde a cultura, é onde a arte melhor se mostra, eu diria. Um cenário que resiste em ser democrático apesar de tudo. [No carnaval da rua] brinca todo mundo e eu diria, ainda mais na Macuca. O público que ali aparece é diferente do público que está no Eu Acho é Pouco...⁶⁶

O comentário do entrevistado, embora ornado de simpatia pessoal, nos apresenta uma perspectiva bastante lúcida sobre o perfil do público que costuma comparecer fielmente ao Carnaval da Macuca. Explico: sobre a ação de resistência democrática, mencionada na fala acima, sabemos que a entidade sempre manteve um posicionamento político marcando sua adesão às questões ligadas ao sentimento de democracia plena. Em nosso entendimento, os eventos da Macuca, incluindo o Carnaval, se mostram como oportunidades nas quais identificamos várias *tribos*, e sim, mais do que isso, são ambientes nos quais todos os sujeitos têm espaço para exercer sua cidadania, neste caso numa grande festa popular, sem que venha a sofrer qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Como mais uma perspectiva sobre o público no carnaval da Macuca, apresento outro recorte da entrevista do DJ PatrickTor4:

Estamos vivendo um período no qual as pessoas não simplesmente assistem aos eventos artísticos. Elas vivenciam experiências. E ***a Macuca oferece uma experiência que é visual, é sensorial de várias formas***, que transmite e que conecta a gente com o passado. Com um passado que a gente viveu ou com um passado que a gente desejaria ter vivido.[...] A curadoria da Macuca entendeu que seu público busca vivenciar uma experiência mais plena e cativante.⁶⁷

⁶⁵ José Maurício Cavalcanti Bazante é recifense estudante de Letras na UFPE. Entre seus interesses figuram cultura, literatura e política.

⁶⁶ Entrevista concedida ao autor no ano de 2023.

⁶⁷ Entrevista concedida ao autor no ano de 2023. Grifo nosso.

Com um olhar atento sobre estas nuances que encontramos na agremiação quando desfila às ruas da Olinda *carnevalizada*, oportunizamos algumas articulações possíveis. Por exemplo, podemos intuir que a Entidade em certa medida, conta com um público que adere à ideia de uma proposta de Carnaval que agrada a muitos dos segmentos interessados nas folias de Momo. Considerando esta perspectiva, vemos os espaços públicos — as ruas, particularmente (Bioletto-Bueno, 2022) — sendo cada vez mais ocupados por sujeitos da sociedade, que percebem naquela brincadeira um contexto no qual o Carnaval, no seu sentido mais pleno, pode ser, de fato, aproveitado.

3.3 O ATIVISMO CULTURAL DA ENTIDADE

Do ponto de vista da geografia física, a Macuca tem sua base instalada na Fazenda, localizada na zona rural da cidade de Correntes, agreste de Pernambuco. Deste modo, o sítio funciona como uma referência que influencia culturalmente a dinâmica das localidades do entorno. Essa *vocação* como defensora e difusora da cultura popular que a agremiação carrega sempre esteve nítida na ótica do próprio Zé da Macuca:

“Talvez as pessoas vão perceber lá na frente, né? Muito lá na frente, o que é uma manifestação cultural, o pensamento cultural e o que significa pra uma comunidade feito essa aqui em torno de Garanhuns. Eles têm isso como uma representação cultural. Nada melhor do que um lugar como a Macuca, que quando o som toca, os sapos e os grilos se calam para ouvir o som da Macuca [...] E eu acho que a Macuca tá se achando mesmo. Caminhando um processo de arte de coisa boa, de música boa. [...] Estruturalmente tá sendo tudo corrigido, mas a essência, que é a música que é a arte, que ela é interior, a gente precisa corrigir não porque é inata, né? É nossa.”⁶⁸

Lançando o olhar além desta percepção de José Oliveira Rocha, é sabido que grande parte dos moradores do entorno da fazenda também experimenta das benesses que a dinâmica das ações da Macuca proporciona. Afinal, quando se realizam os eventos naquele recanto rural, os movimentos das localidades satélites se modificam.

Em entrevista, Rudá Rocha conta que os povoados vizinhos, especialmente Baixa Grande e Poço Comprido, experimentam um funcionamento diferenciado quando da realização dos festivais da Macuca:

“Tem impactos positivos de duas categorias, eu acho. Primeiro, do intercâmbio cultural porque tanto de você estar promovendo, levando artistas que normalmente não se apresentam naquela região, e aí você dá acesso para o público local assistir aqueles artistas, como do intercâmbio

⁶⁸ Depoimento de Zé da Macuca em 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=DI7sQQiG-B0> acessado em 14/04/2023

com os visitantes mesmo porque muita gente se hospeda nos povoados, nas casas alugadas e tal. Então você tem esse contato direto do dia a dia com as pessoas. Isso eu falo do impacto cultural. Mas tem o impacto econômico também porque, por exemplo, só de hóspedes dos dois povoados vizinhos, Poço Comprido e Baixa Grande a população dobra nos eventos da Macuca. Então, com isso dobra também todo o consumo de bens e serviços do lugar, né? [...] Então deixa um benefício socioeconômico ali, aquele evento deixa.”⁶⁹

Observa-se que, embora não seja um objetivo situado entre os projetos da Entidade, a realização dos festejos na Fazenda Macuca evidencia uma sinergia entre a agremiação e a população local, porque não dizer, alicerçando pilares para favorecer a construção de uma sociedade mais cidadã e culturalmente engajada. Em artigo publicado recentemente, a reflexão é destacada sob a ótica do conceito de *artivismo*: “Como é possível constatar, na atualidade, o “artivismo” transita pelas ambiências urbanas e digitais, pelos campos políticos, artísticos, sociais e educacionais, questionando institucionalidades e cânones do mundo atual.” (Fernandes *et al.*, 2022, p. 15).

Entendemos como fato irrefutável que a Fazenda Macuca representa um espaço onde a cultura popular encontra acolhimento e valoração com a dignidade que lhe cabe. Os eventos ali celebrados costumam tonificar as bases e os produtos — em outras palavras, os elementos *raiz* da cultura popular e os reflexos na contemporaneidade — de um abundante manancial de tradições. Para mencionar alguns destes aspectos, podemos citar, verificando como presentes ao longo de momentos distintos na história da agremiação, os personagens do Boi, as sonoridades e demais dinâmicas do frevo, a brincadeira itinerante nas ruas, a própria festa como agregadora de diversos públicos e, embora o forró, no estilo *gonzagueano*, não seja a única referência da música nordestina tradicional, a robusta presença da música de Luiz Gonzaga, Dominginhos e outros forrozeiros. Sobre o ativismo cultural, premissa do Capitão Zé da Macuca, em depoimento emocionado, Rudá Rocha declara:

"Zé deixou um legado cultural vivo! O Boi e a Macuca transpassam gerações e continuarão a missão iniciada por ele. Missão esta que não tem fim. Era este o desejo e era este o tom de muitas conversas nos últimos tempos. A Fazenda também permanecerá sendo uma fortaleza cultural pulsante.”⁷⁰

O próprio conceito de cultura tende a ser revisitado permanentemente. Além disso, é importante sublinhar que a Entidade Cultural Macuca tem demonstrado apurada sensibilidade

⁶⁹ Entrevista de Rudá Rocha ao Venezacast <https://www.youtube.com/watch?v=1FjzhqRgg6A> acessado em 15/04/2023.

⁷⁰ Matéria do Diário de Pernambuco <https://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/2021/05/morre-o-ativista-cultural-ze-da-macuca-idealizador-do-boi-da-macuca.html> acessado em 16/04/2023.

no tocante às dinâmicas concernentes aos movimentos culturais. A pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda nos propõe uma interessante reflexão:

Foi aos poucos que, nas décadas finais do século XX, começamos a assistir, inseguros, ao advento de uma onda gigante: um processo radical de desestabilização das grandes narrativas e dos grandes divisores culturais da modernidade. O advento de um fenômeno batizado pelos teóricos da cultura como a culturalização do espaço da cidade. Ou seja, a propagação e hibridização das formas culturais na nova densidade da textura urbana. (Holanda, 2012, p. 17)

O papel do Boi da Macuca frente ao fenômeno mencionado pela pesquisadora é fundamental para as comunidades onde o brinquedo se faz presente. Entendemos que, embora os festejos da Macuca estejam entre aqueles mais peculiares no Carnaval de Olinda, é especialmente nas festas que acontecem no Agreste Meridional de Pernambuco que seu papel difusor da cultura se torna mais substancial.

Pelo exposto, percebemos que ultrapassando os limites da Fazenda — enquanto espaço físico — a Entidade Boi da Macuca avança em seu engajamento para com o suporte e difusão dos valores das culturas populares.

3.3.1 *A Macuca como Ponto de Cultura*

Não obstante a adesão popular sobre as realizações da Entidade, o Boi da Macuca também teve o reconhecimento em outros patamares. Em julho de 2005 a entidade é certificada como Ponto de Cultura. A prerrogativa estabelece um reconhecimento relevante sobre o papel do grupo como difusor dos aspectos tradicionais do lugar. Situado na categoria de *Coletivo*, o Boi da Macuca foi alocado nas áreas de atuação de cultura popular, música e produção cultural.

Esta posição da Macuca como Ponto de Cultura configura-se como tópico importante a ser destacado. Naquele momento histórico, o governo brasileiro estabeleceu a institucionalização de espaços, em locais geográficos *estratégicos*, na intenção de promover as culturas populares. O historiador Célio Turino, então Secretário da Cidadania Cultural no Ministério da Cultura de 2004 a 2010 propôs e implementou esta ação nas políticas públicas brasileiras e, naquele contexto, o Boi da Macuca obteve sua certificação após ter seu cadastro devidamente aprovado para tanto. Sobre a importância desses locais, parafraseamos o autor supracitado:

Pontos que guardam o firme desejo de “desesconder” o Brasil. O objetivo é este mesmo: “desesconder” o Brasil; acreditar no povo, potenciar o que já existe, firmar pactos e parcerias com “os de baixo”, como bem apontou o geógrafo Milton Santos, nosso professor mundialmente reconhecido, mas também silenciado por aqui. [...] Cada Ponto

desenvolve suas atividades conforme suas necessidades e plano de trabalho. Em alguns pode ser a adequação do espaço físico, em outros, a compra de equipamentos ou, como na maioria, a realização de cursos, oficinas culturais e a produção contínua de linguagens artísticas e interpretações da realidade. (Turino, 2010, p. 14)

Reconhecemos, com nitidez, a patente identificação das práticas da Macuca com as diretrizes dos Pontos de Cultura. Salientamos também os olhares que o grupo direciona para práticas educativas com foco na disseminação de elementos das culturas populares. Nos festivais que promove, a Entidade oferece oficinas voltadas para várias linguagens artísticas. Vale ressaltar que embora a Macuca já desenvolva trabalhos de inquestionável solidez, é declarada — por parte da Diretoria, especialmente — a intenção de uma expansão de suas ações de modo a beneficiar projetos que, transcendendo as linguagens artísticas já efetivamente contempladas, ganhem visibilidade a partir de outras possibilidades que possam vir a surgir.

3.3.2 *As ações da Entidade para captação de recursos*

Por se tratar de uma agremiação de grande porte, figurando ao lado de Blocos, Clubes e Troças de gigantescas dimensões — e, porque não mencionar, de sedimentadas tradições — sobretudo no universo do carnaval de Olinda, a Macuca vivencia as questões logísticas que se somam a coletivos desta natureza.

Conforme aludido no primeiro capítulo deste trabalho, A Entidade Macuca se configura, do ponto de vista empresarial, como uma Associação Privada. Resumidamente, apresentamos alguns dados sobre a empresa: Situação Cadastral na RFB: Ativa; Razão Social: Instituto Boi da Macuca – IM; Nome Fantasia: Boi da Macuca; está inscrita sob o CNPJ 41.752.322/0001-74, teve sua abertura na data 16/03/2021 e tem, como atividade principal, Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e a arte.⁷¹

Observando outras particularidades ligadas à captação de recursos para a realização de suas ações, verificamos que a Entidade se apresentou como proponente em editais do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura - Funcultura/PE. No biênio 2019-2020, por exemplo, a Macuca propôs seis projetos. No ano de 2020, a agremiação contou com o incentivo do governo do estado de Pernambuco, através do referido mecanismo de fomento e difusão cultural, que participou apoiando o Boi para a realização dos desfiles no Carnaval daquele ano. Em 2014, a Entidade também contou com o apoio do Funcultura/PE para a realização do Macuca Jazz &

⁷¹ Dados atualizados em 22/06/2023. Fonte: <https://transparencia.cc/dados/cnpj/41752322000174-PE-instituto-boi-da-macuca-im/>. Acessado em 22/07/2023.

Improviso, evento realizado na Fazenda Macuca na zona rural do estado, no município de Correntes.⁷²

A partir dos exemplos acima, percebemos que este grupo cultural também opera junto a políticas públicas de incentivo à cultura. Desta forma, a execução de grandes projetos se torna viável. Sob lentes mais distanciadas, percebemos que o Boi da Macuca apresenta, em muitos momentos um retorno à sociedade, que a seu modo, participa do incentivo material/financeiro para a realização das celebrações da agremiação. A contrapartida de da qual falamos refere-se aos momentos nos quais a participação popular nos festejos é gratuita e democrática. Sim estamos falando dos cortejos que a agremiação realiza, seja no ciclo junino, ou nos dias de folia carnavalesca.

Entendemos que embora alguns dos eventos promovidos pela Macuca tenham o seu acesso liberado mediante pagamento de ingresso, este modelo comercial se mostra imprescindível por duas razões principais. De um lado, precisamos entender que, por exemplo, para garantir a presença de estrelas da música brasileira em seus eventos, a Entidade precisa repassar estes custos para seu público, que por sua vez contará com espetáculos cuja estrutura corresponde ao investimento realizado. A partir de outro ângulo — dentro de uma moldura social mais ativa e aplicada —, temos que, considerando que os cortejos realizados nas ruas se apresentam como os momentos mais intensos da agremiação em suas expressões, não podemos esquecer que, toda a estrutura para a realização dos desfiles — com uma inegável ênfase no investimento feito para contar com uma grande orquestra, como o grupo instrumental do maestro Oséas —, impõe um custo expressivo, mas que contudo, pontualmente naqueles contextos, o entretenimento é oferecido de forma gratuita e portanto, democrática para qualquer pessoa que se interesse pela experiência.

Esta análise nos coloca frente a frente com uma possível contradição: embora reconheçamos que uma das ações do ativismo cultural da Macuca se revela na franca oferta de sua folia de rua, por outro lado, o acesso a alguns eventos promovidos pela agremiação é restrito. Nossa posição é a de que, considerando todo o contexto para realização de celebrações

⁷² Fontes: Site Cultura PE: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/desfile-do-boi-da-macuca-toma-as-ruas-de-olinda-neste-fim-de-semana/> e <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/a-psicodelia-toma-conta-do-macuca-jazz-improviso/> acessados em 22/06/2023.

de grande envergadura, o Boi da Macuca segue coerente e com o apoio de seu público mais fiel.

3.3.3 *Para além da música*

Nos parece inegável que os holofotes da Macuca estejam primordialmente — mas não exclusivamente — virados para a arte dos sons. Ora, sendo a música elemento de destaque nas festas em todas as suas modalidades, é natural que lancemos um olhar mais particularizado sobre esta linguagem artística.

Ocorre que, em suas ações como agentes culturais, os artífices da Macuca transcendem às experiências ligadas à música. Nos festivais — sobretudo nas edições do Macuca das Artes — a Entidade garante espaço para dar visibilidade a diversas expressões e linguagens artísticas considerando seus códigos específicos. O cinema é uma dessas linguagens que figuram nesses eventos. No espaço da fazenda é montada uma estrutura para a projeção de obras, com ênfase na produção nacional. Nessas ocasiões, o público presente instalado no camping do gramado daquele sítio, pode apreciar as sessões de filmes a céu aberto.

Figura 14 – Festival Macuca das Artes 2019 - Sessão de cinema



Fonte: Redes sociais da entidade

As artes visuais também são contempladas nestes festivais. A título de exemplo, citamos o Festival Macuca das Artes do ano de 2019, quando várias obras estiveram em exposição na área externa da fazenda Macuca, de maneira que o público presente pudesse apreciar a mostra.

Figura 15 – Festival Macuca das Artes 2019 – Exposição de artes visuais



Fonte: Redes sociais da entidade

Como último destaque deste tópico, entendemos que é imprescindível mencionar que, entre as ações voltadas para a difusão da produção artística cuidadosamente elegida pela curadoria da Entidade — isso, para além da performance —, existe um viés que salienta a importância de práticas educativas. Como parte do grande evento, a Macuca promove oficinas orientadas por profissionais das diversas linguagens contempladas. Oficinas de figurino, artes plásticas, reisado e música já foram realizadas e contam com um público-alvo composto de jovens estudantes, em sua maioria crianças que residem naquelas localidades.

Percebemos uma atitude voltada para a construção de uma consciência sobre a importância da arte no cotidiano daquelas comunidades localizadas no entorno da fazenda Macuca, neste caso, as localidades de Poço Comprido e Palmeirina.

4 OS CONCEITOS DE HIBRIDAÇÃO, CONTRACULTURA E (RE)INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES NO BOI DA MACUCA

4.1 SIGNIFICADOS HÍBRIDOS: À LUZ DE CANCLINI

Iniciando uma abordagem teórica neste trabalho entendemos que é importante discorrer, ainda que preliminarmente, sobre alguns conceitos que aqui serão utilizados. Como ponto de partida, trataremos do conceito de hibridação cultural, assim como as dinâmicas relativas aos chamados processos de hibridação. Conforme anunciado, o embasamento teórico sobre este conceito estará referenciado — principalmente, mas não exclusivamente —, na obra *Culturas Híbridas - Estratégias para entrar e sair da modernidade*, do antropólogo social argentino Néstor García Canclini.

Para iniciar a reflexão, evocaremos uma outra obra do mesmo autor. Em seu livro *As Culturas Populares no Capitalismo*, ele traz a seguinte indagação: “O que é a cultura popular: criação espontânea do povo, a sua memória convertida em mercadoria ou o espetáculo exótico de uma situação de atraso que a indústria vem reduzindo a uma curiosidade turística?” (Canclini, 1983, p. 11). Embora esteja longe de nos parecer uma definição peremptória, este questionamento aponta para a imprescindível condição que as diversas produções culturais se encontram na contemporaneidade. Na perspectiva do capitalismo, os bens culturais podem se converter em mercadorias e como tais, estariam sujeitos às influências que recaem sobre elas. Entendemos que é importante que não percamos este ângulo de visão.

No que se refere à concepção de hibridismo propriamente dita, Canclini nos parece categórico: “Parto de uma primeira definição: entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (Canclini, 2008, p. XIX). Hibridação, portanto, trata-se de um conceito não linear, que pelo contrário, pode se apresentar bastante sinuoso a depender da complexidade dos elementos a serem investigados em cada processo. A título de exemplo, trazemos um extrato do texto do próprio Canclini, quando relata as dinâmicas experimentadas por um elemento imagético da cultura mexicana, naquele caso, um tema costumeiramente aplicado a peças da arte cerâmica local:

Pretendo me deter em um exemplo — os diabos de Ocumicho — Entre os muitos que manifestam essa função do humor nas festas e no artesanato.[...] Os diabos são hoje uma tradição tão útil para que os habitantes de Ocumicho se identifiquem frente a outros quanto sua língua e suas cerimônias antigas, ainda que tenham nascido há apenas três

décadas. Por que começaram a fazê-los? Dão uma explicação econômica e contam dois mitos. [...] Um deles diz que “o diabo vagava por Ocumicho e perturbava a todos. Entrava nas árvores e as matava. Entrava nos cachorros e eles não paravam mais de se agitar e de gritar. Em seguida começou a perseguir as pessoas, que ficaram doentes e enlouqueciam. Ocorreu a alguém que seria preciso dar-lhe lugares onde pudesse viver sem incomodar ninguém. Por isso fizemos diabos de barro, para que tivesse onde ficar.” O outro relato refere-se a Marcelino, um rapaz órfão, homossexual, iniciado pela avó na cerâmica, que começou a fazer “belas figuras” há uns trinta anos; Primeiro fez anjos e depois se dedicou aos diabos. [...] Ao ver como suas vendas cresciam rapidamente, que o convidaram para feiras artesanais na Cidade do México e em Nova Iorque, os vizinhos aprenderam e aperfeiçoaram a técnica, continuaram variando as imagens mesmo depois da morte de Marcelino, que ocorreu quando ainda era jovem. (Canclini, 2008, p. 223-233).

Continuando sua narrativa sobre o papel das imagens na representatividade cultural e, naturalmente, seu papel na economia, é reportado que hoje em dia, os diabos de porcelana circulam por todo país como um dos símbolos da arte nacional. Atualmente, suas imagens são confeccionadas a partir da mescla entre elementos da modernidade, do cotidiano das sociedades e de diversas outras temáticas — incluindo entre estas, passagens sacras, como presépios e a última ceia. As peças apresentam os personagens *diabólicos* em diversas situações:

Chegam a pilotar aviões ou helicópteros, falam ao telefone, dedicam-se à venda ambulante nas cidades, brigam com a polícia e fazem amor com sereias, ou com uma mulher purépecha montada em um animal de sete cabeças. É uma arte que fala de sua vida típica e de suas migrações (diabos em cima do teto de ônibus que viajam para os Estados Unidos). Ri dos ritos católicos (que praticam sincreticamente), e seduz pela liberdade com que recia as idas e vindas entre o tradicional e o moderno. Arte que os representa, mas que é feita para outros. (Canclini, 2008, p. 233)

Temos aqui um exemplo, que, embora trazido pelo autor direto do universo da cultura mexicana, se presta, no contexto deste trabalho, a ilustrar os processos de hibridação. Neste caso, como um artefato que teve sua criação motivada por um mito, que como tal, estava *fundamentado* em crenças sobre elementos metafísicos, se tornou uma peça importante para a identificação cultural de um povo ao mesmo tempo em que — e talvez em consequência disso — também passou a compor parte importante na economia no mercado da arte local e nacional. Dispondo os elementos desta observação de uma maneira fatorada, temos: a adoção de uma imagem cuja *utilidade* se instalava no continente das crenças; sob um outro olhar, a inspiração de um artista que deliberadamente, por motivos seus, optou por uma temática para suas obras, e, por fim, a percepção de que, uma vez reconhecendo-se o tema — neste caso, os diabos de Ocumicho — como algo promissor, grande parte da rede de artistas se utilizou do *leitmotiv* para incorporar diversos elementos concretos e simbólicos como variações de um mesmo tema.

Observando atentamente este elemento da arte da cerâmica do México, nos deparamos com o resultado de um inegável processo de hibridação cultural.

Figura 16 – Diabos de Ocumicho – Arte cerâmica mexicana



Fonte: SECTUR México – Twitter⁷³

Trazendo o conceito para nosso objeto de estudo, o Boi da Macuca, elencamos algumas considerações para consubstanciar a análise. Para tratarmos das hibridações culturais que reconhecemos presentes nesta Entidade Cultural, dispomos os elementos que observamos na proposta musical da agremiação. À época de sua fundação, a Macuca tinha uma concepção musical bem estabelecida e aplicada às suas realizações. Em um primeiro momento, os festejos contavam com um número de participantes mais modesto — em comparação com o atual panorama de público da Entidade, naturalmente —, contudo, ainda assim, as sonoridades que reuniam os apreciadores da brincadeira naquela ocasião, eram compostas fundamentalmente por peças do cancionário oriundo do que podemos chamar de música de tradição rural do Nordeste. Neste conjunto figuram composições que se tornaram antológicas nas performances de Luiz Gonzaga e Dominginhos, além de outros nomes de equivalente

⁷³ Secretaría de Turismo del Gobierno de México, disponível em https://twitter.com/SECTUR_mx/status/1375526455199862785 acessado em 20/07/2023.

representatividade no gênero. Ao longo de sua trajetória, o Boi da Macuca experimentou alguns pontos de inflexão no que se refere às suas concepções musicais. Em sua primeira fase, aqui delimitada desde a fundação até o ano de 2015, observamos a predominância de uma característica timbrística bem marcante sobre a performance do grupo itinerante, assiduamente presente às festas do ciclo junino e carnavalesco. Falamos das sonoridades da sanfona, zabumba, triângulo e vozes; notadamente uma configuração afeita à execução do forró, em todas as suas varáveis. Para além da disposição instrumental, o repertório da Entidade recebeu mudanças com o passar dos anos. Vale a ressalva de que essas mudanças foram paulatinas, não sendo possível a esta pesquisa precisar sobre datas. Transcendendo aos clássicos do forró, o grupo passou a adicionar músicas de artistas como Gilberto Gil e Alceu Valença, cujas composições eram ajustadas à execução dentro das sonoridades propostas pela brincadeira do Boi. E eis que, além das folias itinerantes, a Macuca inicia a realização de eventos no formato de festivais. Nestas festas — que contavam com estrutura de palco — o olhar da agremiação sobre a proposta musical a ela associada também sofre sensíveis influências. Gêneros diversos começam a circular no fazer musical da Macuca. Sobre os grupos e artistas que estiveram presentes nos festivais podemos mencionar, Hermeto Pascoal, Mestre Ambrósio, Arnaldo Antunes, Marcelo Jeneci, Academia da Berlinda, Ave Sangria, Otto, Flaira Ferro e Mariana Aydar, entre tantos outros.

Em nossa análise, percebemos que este trânsito de artistas com concepções musicais tão diversas e distintas corroborou o momento de inflexão mais representativo na música da Macuca: a chegada das sonoridades da orquestra do maestro Oséas nos cortejos da Entidade. Concordamos com Canclini quando diz que é preciso “estudar os processos de hibridação situando-os em relações estruturais de causalidade. E dar-lhe capacidade hermenêutica: torná-lo [o conceito] útil para interpretar as relações de sentido que se reconstroem nas misturas.” (Canclini, 2008, p. XXIV). Ressaltando que, de fato, não reconhecemos, na produção cultural da Macuca a hibridação em si, como algo acabado, definido; mas percebemos, com nitidez, processos de hibridação cujos elementos estão ligados às suas posições, claramente estabelecidas no que se refere às suas concepções sobre cultura popular. Quando a Entidade insere peças de artistas de segmentos distantes dos contextos junino ou carnavalesco em eventos destes dois ciclos de festas; a agremiação está levando à frente uma ação na qual reconhece a importância de se promover uma visibilidade maior de diversos artistas em outras frentes de difusão, como, por exemplo, os potentes cenários das festas do carnaval e do São João. Naturalmente, há, uma adesão do público que participa desta troca de maneira ativa, e, numa certa medida, endossando as ações da Entidade nesta esfera.

Nestas ações, um outro elemento importante na construção da proposta musical do Boi da Macuca é o reconhecimento dos conceitos de multiculturalidade e interculturalidade. Sobre este debate, Canclini escreveu:

A hibridação, como processo de interseção e transações é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade. As políticas de hibridação serviriam para trabalhar democraticamente com as divergências, para que a história não se reduza a guerras entre culturas [...] Podemos escolher viver em estado de guerra ou estado de hibridação. (Canclini, 2008, p. XXVI-XVII)

Como nos lembra o teórico argentino, o campo da cultura pode se tornar bastante beligerante quando pessoas ou grupos ligados a determinadas expressões estéticas defendem seus pontos de vistas acreditando que podem considerá-los como absolutos. Ao nosso ver, a agremiação estudada oferece uma proposta musical que abraça o conceito de interculturalidade mais fortemente. Considerando que estamos falando de uma mistura de tradições e conceitos, podemos entender que a compreensão objetiva de parte do público possa tornar-se nublada ao se deparar com este tipo de amálgama, até então raramente visto nos contextos citados. Contudo, trata-se do *preço* da inovação, da ousadia em propor algo que, embora seja resultante de uma aparente mixórdia, traz, como peças desse mosaico, componentes estéticos conhecidos e mais que isso, consagrados pelo grande público quando apresentados em outros contextos.

Cabe a ressalva de que

a primeira condição para distinguir as oportunidades e os limites da hibridação é não tornar a arte e a cultura recursos para o realismo mágico da compreensão universal. Trata-se, antes, de colocá-los no campo instável, conflitivo, da tradução e da “traição”. As buscas artísticas são chaves nessa tarefa, se conseguem ao mesmo tempo ser linguagem e ser vertigem. (Canclini, 2008, p. XL)

A Macuca realiza seu ativismo cultural transitando com bastante conforto e tranquilidade neste terreno supostamente escorregadio dos processos de hibridação. Ao que parece, a Entidade convive em harmonia e consciência no que se refere ao planejamento e implementação de sua maneira de ver e de se relacionar com seu público e por extensão com a sociedade.

Os processos de hibridação — e, com os devidos ajustes semânticos, o próprio fenômeno da hibridação — se fazem presentes no ativismo cultural, sobretudo no universo da música do Boi da Macuca quando a Entidade oferece sonoridades que contém aspectos do frevo, do forró, da música contemporânea urbana e dos clássicos da chamada Música Popular Brasileira. A pessoas que, de alguma maneira vivenciam a experiência de estar nos eventos da

Macuca, talvez nem sempre se apercebam disso, porém, este estudo entende que este segmento do público está participando de um momento histórico no qual o privilégio de apreciar o resultado de tantos elementos intensos lhes é oferecido francamente nos diversos cenários em que o Boi se revela como potencial difusor de uma proposta verdadeiramente intercultural e democrática.

Os diversos cenários contemporâneos apontam, cada vez mais para a necessidade do reconhecimento das heterogeneidades, embora paradoxalmente existam movimentos na intenção de horizontalizar os costumes. É importante colocar a atenção em ações que, respeitando as tradições — em suas complexas e nada estáveis dinâmicas — se movimentam na direção de trabalhar na busca da garantia de uma sociedade que considere e respeite as diferenças e, mais que isso, possa vivenciar a potência que a cultura pode oferecer, quando livres de quaisquer amarras. Sobre a questão, Canclini pontua: “ [...] o tradicionalismo substancialista incapacita para viver no mundo contemporâneo, que se caracteriza, como logo teremos oportunidade de analisar, por sua heterogeneidade, mobilidade e desterritorialização.” (Canclini, 2008, p. 166).

Por fim, percebemos que é significativo o movimento que a Entidade Cultural Macuca vem desenvolvendo ao longo de sua trajetória. Insistimos, mesmo respeitando elementos tradicionais, o grupo não se vê atado a quaisquer grilhões tradicionalistas, estando muito mais atento às demandas da contemporaneidade e assim, vem apresentando *resultados culturais* que, em nossa análise, se configuram como inegáveis frutos dos processos de hibridação.

4.2 ASPECTOS DA CONTRACULTURA NO UNIVERSO DO BOI

Ao optar pelas reflexões a partir do conceito de contracultura como parte do embasamento teórico para este trabalho, pudemos perceber, com maior nitidez, o quanto a sociedade contemporânea está repleta de elementos contraculturais. Alguns dos costumes que muitas vezes hoje são considerados como triviais, se enquadram em um campo do que, há algum tempo foi considerado como sendo o de atitudes questionadoras e até mesmo subversivas. Em seu livro *Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades*, o pesquisador Leon Kaminski comenta:

A revolução cultural pretendida no final dos anos 1960 pode não ter se concretizado, mas muitas das mudanças preconizadas se realizaram no campo dos costumes. A

população é cada vez mais livre sexualmente, novas formas de amar e de se relacionar emergem na sociedade. Se a utilização de substâncias alteradoras da consciência cresceu e gerou uma verdadeira guerra às drogas, diversos países têm procurado legalizar ou descriminalizar seu uso. O estilo de viagem contracultural, caracterizado pela mochila às costas e o mínimo de gastos, popularizou-se e é hoje um nicho do mercado turístico. A produção cultural independente, acompanhando as inovações tecnológicas, é cada vez maior e alcança um público muito mais amplo através da internet. [...] Diversas pautas da contracultura foram incorporadas pelo sistema e perderam seu vigor transformador. Outras permanecem subversivas, como formas de resistência numa sociedade cada vez mais desigual. (Kaminski, 2019, p. 36)

A contracultura foi um fenômeno social que se apresentou como uma oportunidade para que determinados questionamentos pudessem ser postos à vista nas sociedades ocidentais no início da década de 1970. O movimento, embora não apresentasse uma proposta única e menos ainda sistematizada, teve como principais adeptos os jovens da época. O historiador e acadêmico Theodore Roszak, considerado um dos primeiros autores a trazer a temática da contracultura para o debate teórico, percebeu naquele extrato da sociedade, uma potência diferenciada para uma bem-sucedida *implementação* do ideário da contracultura. Sobre este aspecto, o autor coloca:

De meu ponto de vista pessoal, muito mais que simplesmente “merecer” atenção, a contracultura necessita urgentemente dela; pois não sei onde poderemos encontrar, salvo entre esses jovens rebeldes e seus herdeiros das próximas gerações, a insatisfação radical e a inovação capazes de transformar essa nossa desnorteada civilização em algo que um ser humano possa identificar como seu habitat. (Roszak, 1972, p. 7)

A seguir, trazemos possibilidades de entendimento apresentadas pelo teórico Carlos Alberto Messeder Pereira sobre o conceito:

Pode-se entender contracultura, a palavra, de duas maneiras: a) como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60; e b) como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical. No primeiro sentido, a contracultura não é, só foi; no segundo, foi, é e certamente será. (Pereira, 1988, p.9)

Vista como um fenômeno social, a contracultura teve como um de seus principais pilares a atitude questionadora sobre o sistema tecnocrático que, já naquela época, buscava, através de uma espécie de padronização de costumes — que normalmente era ancorada em preceitos moralmente rigorosos e cerceadores — controlar tanto quanto possível, o modo de pensar e de agir da sociedade. Com maior visibilidade nos Estados Unidos e Inglaterra, aquela proposta de uma atitude *libertadora* ultrapassou fronteiras e encontrou muitos adeptos em várias partes do globo, incluindo no Brasil, naturalmente.

Uma das possíveis explicações sobre a massiva adesão da novidade por parte da juventude setentista, está relacionada com as ações na tentativa da quebra de todas as formas de preconceitos. A ideia era propor uma reflexão — e uma atitude — na qual fosse possível olhar além da nossa própria cultura particular, buscando dissolver qualquer tipo de hierarquia que defendesse que esta ou aquela cultura era superior às outras, fossem elas pretéritas ou que viessem a surgir. Resumidamente, foi um movimento de contestação sobre os padrões da sociedade da época. Ocorre que, para além de ciclos temporais, as sociedades ocidentais sempre sofreram com várias formas de controle impostas pelos segmentos mais poderosos. E então, com o advento das atitudes contraculturais, vem à tona uma espécie de desestabilização daquilo que poderia ser considerado “condutas normais de comportamento”. Convém destacar que, ainda que não sejam nomeados por contracultura, movimentos na busca de uma sociedade mais justa e livre tendem a reaparecer de tempos em tempos. Romantizações à parte, ao que parece, faz parte das dinâmicas humanas este ímpeto na direção de um mundo melhor.

A partir de um outro viés, o pesquisador Artemilson de Lima provoca um questionamento sobre a postura subversiva da contracultura:

Para começar a estabelecer os canais desse diálogo, talvez fossem necessárias duas indagações: 1) o fenômeno da contracultura, independente do contexto histórico ou geográfico, ao questionar, negar e combater um modelo de vida consolidado pelo capitalismo ocidental, constitui-se de fato um contradiscurso totalmente distanciado desse modelo? 2) O termo em si, contracultura, enceta, de fato, uma proposta oposta à cultura no interior da qual surgiu, ou é uma possibilidade aberta pelas brechas existentes nessa cultura, sendo, portanto, dela constituinte, ainda que disposta a criticá-la? (Lima, 2013, p. 5-6)

Apresentados alguns dos ângulos sobre o ideário contracultural, vamos iniciar um debate trazendo a realidade do Boi da Macuca à baila; visto que defendemos que um catalizador — talvez o principal —, nos processos de hibridação experienciados por aquela Entidade Cultural encontra aporte em traços da contracultura.

Como foi apresentado em algumas passagens deste trabalho, o perfil da Entidade Cultural Boi da Macuca está intimamente em alinhamento como modo de vida de seu fundador José Oliveira Rocha, o Capitão Zé da Macuca. Dito isto, lançamos um olhar sobre algumas das atitudes de Zé, naturalmente aquelas ligadas às suas ações como agente cultural, mas neste caso, também buscaremos observar alguns dos aspectos relativos à sua forma de se reconhecer como cidadão do mundo.

Quando, no Brasil, foram percebidos os primeiros sinais do *desbunde* — termo utilizado no país para aludir ao modo de comportamento associado aos costumes contraculturais — José

Oliveira estava na flor da juventude, na casa dos seus vinte anos de idade. Vale lembrar que o contexto histórico brasileiro experimentava um período de cerceamento das liberdades individuais e coletivas. O país vivenciava o período de regime militar com todas as imposições dele decorrentes. Naquele cenário, Zé da Macuca estava em contato com outros jovens em um ambiente universitário no qual não era incomum que alguns debates sobre política, arte e cultura fossem desenvolvidos. Esta experiência foi determinante para as concepções sobre cultura e política que o próprio Zé defenderia no futuro, na agremiação que viria a criar. O Capitão da Macuca e seus contemporâneos viveram sincronicamente um momento icônico da cultura nacional. O movimento tropicalista, por exemplo, se configura como um marco no campo da música, no qual verificamos nítidos traços contraculturais. Uma parcela significativa da juventude brasileira percebeu que aspectos como o modo se vestir, a maneira de se posicionar frente às injustiças e, naturalmente suas escolhas sobre o que vivenciar no universo da cultura já se mostravam como maneiras de questionar a realidade que estava posta. Sobre este pormenor, evocamos, mais uma vez, a fala do pesquisador Artemilson de Lima:

(...) talvez seja possível compreendê-la [a contracultura] como um necessário movimento desviante, não ordenado, oportuno, na medida em que identifica e denuncia o espectro nefasto dos caminhos que a sociedade tomava naquele momento, sob a batuta grosseira do estado militar que, em certa medida, era representativo de uma elite, contra a qual a juventude se insurgia. (Lima, 2013, p. 10)

Por estar imerso naquele contexto, Zé da Macuca, que sempre demonstrou um posicionamento político alinhado aos princípios democráticos, por certo absorveu aquelas influências e as incorporou em seu modo de vida. Nos parece que é interessante frisar que as formas de expressão artística, entre elas a música — diríamos que, sobretudo esta —, também representavam uma nova forma de militância política. A partir de uma ação aparentemente mais velada, a juventude brasileira se posicionava de forma pacífica e através da arte. O autor Celso Favaretto comenta:

Mas convém esclarecer que a denominação contracultura, assumiu uma especificidade nos rastros do tropicalismo associada às designações de uma nova atitude caracterizada pelas designações “nova consciência”, “nova sensibilidade” “curtição” e “desbunde”, em que a ênfase se dá no comportamental, na vida aberta, livre do racionalismo, do autoritarismo, do moralismo e da burocratização. (Favaretto, 2017, p.190)

Observamos aqui uma oportunidade para um destaque acerca de um dos movimentos mais emblemáticos e bem marcados nas páginas da história da música popular brasileira — o tropicalismo — e sua estreita conexão com a contracultura e, por extensão, com as concepções

musicais que viriam a ser defendidas pela Macuca. Como um dos ícones da cultura e da música popular, com indiscutível relevo, percebemos em Luiz Gonzaga uma das referências que influenciaram aquele momento da música no país. Inundados pelas diversas influências contraculturais advindas do estrangeiro — por exemplo, Hendrix, Joplin e mesmo os Beatles —, os tropicalistas, a seu modo, revisitaram a música forjada nas caldeiras da cultura popular brasileira. Sobre este particular, percebemos que a música do Nordeste, em suas formas mais próximas do que podemos entender como originárias e tradicionais, serviu como manancial para a construção de uma identidade para o movimento tropicalista. Na canção “Geleia Geral”, gravada no disco “Tropicália ou Panis et circenses” no ano de 1968, percebemos uma atmosfera que flerta com as sonoridades do baião mescladas com timbres considerados modernos para a época. Curiosamente, o refrão desta composição traz a imagem do folgado popular em uma construção que bem pode figurar como uma *autêntica* loa de bumba-meu-boi: “Ê bumba iê iê boi/ Ano que vem, mês que foi/ Ê bumba iê iê iê/ É a mesma dança, meu boi.”⁷⁴ De modo patente, temos uma referência à imagem da manifestação do boi-bumbá e, no mesmo verso, uma referência ao estilo *iê iê iê*, associado a uma proposta de música descolada das tradições populares.

Nas palavras de um dos artífices do tropicalismo: “Luiz Gonzaga é um semideus. De semideus, ele tornou-se um mestre, uma referência, depois tornou-se um amigo também.”⁷⁵ E eis que Luiz Gonzaga ocupa, na proposta musical da Macuca, um lugar de destaque. Uma agremiação que agrega diversos outros traços contraculturais traz, em suas concepções, um artista que, de certo modo foi referência para a produção de uma música brasileira, à época considerada *nova*, e elaborada a partir da fusão entre tradição e modernidade. Mais uma vez, constatamos que a cultura popular e a contracultura não são antagônicas; ao contrário, podem ser consideradas como dois elementos de uma potência pujante quando inteligentemente combinados.

Os valores associados à ideia de liberdade comportamental — e sexual — também merecem destaque em nossa análise. Observando atentamente, podemos perceber que muitos dos aspectos da cultura popular, como o universo do forró, por exemplo, carregam um forte peso do patriarcado, ou, para dizer com maior exatidão, do machismo e até da misoginia. Alinhada com o ideário da contracultura que, como vimos, tem a salvaguarda da liberdade dos costumes nas práticas do afeto, o Boi da Macuca acolhe em seu público, de maneira indistinta

⁷⁴ Refrão da canção *Geleia Geral*, gravada em 1968 e que tem como autores Gilberto Gil e Torquato Neto.

⁷⁵ Comentário de Gilberto Gil no twitter. Disponível em <https://twitter.com/gilbertogil/status/1338091733733748736>. Acessado em 04/05/2023.

a *todes*. Cabe registrar que nas celebrações da Entidade Cultural, a presença da comunidade LGBTQIAPN+ sempre foi garantida e respeitada.

O amor livre e a quebra de preconceitos e quaisquer outras discriminações são traços irrefutáveis da contracultura e, nas ações da Macuca, vemos a concretude desses valores em todos os seus eventos, onde um cenário de liberdade e respeito está sempre estabelecido. Para além dos momentos das festas do grupo, entendemos que é importante frisar que, neste pormenor, a Entidade vai mais além. Defender e garantir as liberdades relativas às diversas orientações sexuais — ou à negação destas orientações, naturalmente — é um preceito condutor da boa convivência nas sociedades contemporâneas, mesmo que, lamentavelmente, ainda não seja esta a realidade instalada. Atenta ao contexto, a Macuca avança adentrando pelos sinuosos caminhos das tradições populares que, insistimos, são impregnadas de aspectos do patriarcado. Assim, a agremiação nos mostra que é possível romper com tais preconceitos provando que da forma como a cultura popular se faz notar no Boi, ela também salienta este traço contracultural, levando ao seu público uma proposta de brincadeira na qual as diferenças são acolhidas e, à luz da pluralidade que a Entidade leva como uma de suas características, se converte em um elemento socialmente enriquecedor que o grupo oferece a macuqueiros.

Ainda sobre este destaque, registre-se que a curadoria da Entidade também está alinhada à questão. Para além de quaisquer discriminações, também nos palcos dos eventos da Macuca estão presentes artistas que se destacam por suas propostas de trabalho, independentemente de quaisquer questões de gênero.

Mudando o foco para outro ângulo, constatamos outra convergência da Entidade com o ideário da contracultura: a atmosfera *libertária*. Ao imergir nas celebrações da Macuca, o público se expõe a uma experiência na qual vivência sensações bem particulares. Nos eventos realizados na fazenda, por exemplo, o cenário rural oferece uma real possibilidade de conexão com elementos da natureza — águas em fontes naturais, ampla área verde, espaço para *camping*. Este distanciamento geográfico dos grandes centros urbanos que pela própria disposição são fartos de elementos artificiais, evidencia um contraste nítido, que vem corroborar o universo contracultural. O ambiente verificado nesses eventos se alinha a ideais de paz, amor, fraternidade e festa que, como sabemos, são pilares da contracultura. Some-se a este cenário o uso de bebidas alcóolicas como elemento que se propõe a expandir a consciência para *apurar* as experiências sensoriais, outro componente contracultural que adere a propostas de experiências de liberdade.

Uma outra característica, um tanto etérea, contudo, marcada pelos que fazem as festas é o ambiente *místico-mágico* que envolve os eventos, sobretudo no sítio, na zona rural de

Correntes. Como comenta o filósofo brasileiro e profundo conhecedor das concepções ligadas à contracultura no Brasil, o estudioso Luiz Carlos Maciel, considerado o “Pai da contracultura brasileira”:

Em primeiro lugar, as filosofias racionalistas foram decididamente abandonadas pela contracultura em favor do que essas mesmas filosofias chamavam de pensamento mágico ou supersticioso, que era o pensamento primitivo de culturas consideradas primitivas, nas quais a magia desempenhava um papel fundamental. O mundo não estava ordenado objetivamente para que a ciência ocidental pudesse decifrá-lo através de seu cálculo, mas ele apresentava uma pluralidade mágica que só o ritual mágico, o xamã, o feiticeiro é que poderia penetrar nesse mistério, que é esse mistério da magia.⁷⁶

O próprio Zé da Macuca destaca esta atmosfera um tanto mística que envolve a Macuca em muitas de suas falas, quando, por exemplo relata: “Esse... o lugar que tem uma energia poderosa como tem esse lugar, que é sabido. Que as pessoas sentem quando chegam aqui nesse lugar. Essa energia, essa energia... Que não é a minha energia, é a energia desse espaço físico”⁷⁷ A tomada de consciência sobre esses elementos místicos e supostamente metafísicos também alimentam as conexões entre o Boi da Macuca e a contracultura, reforçando essas identificações e aproximações com aquela concepção filosófica.

Outro traço característico presente nas ações de Zé Oliveira Rocha está associado à apreciação musical propriamente dita: o criador da Macuca era conhecido por suas escolhas no tocante à apreciação da arte dos sons, como relata Rudá Rocha em depoimento:

Meu pai, ele foi um apreciador de música muito apurado, sabe? Tinha um gosto musical muito apurado, de várias vertentes. Assim: era muito amplo. Ele gostava de fazer a trilha sonora do dia dele e ele ouvia música da hora que acordava, cinco, seis horas da manhã o som já tava ligado, sempre gostou de ter som bom que sonoriza a casa e a fazenda inteira até o momento de dormir. Então... E ele gostava muito da música instrumental, meu pai sempre foi um admirador do jazz, do jazz brasileiro, inclusive da música instrumental nordestina, que tem Hermeto Pascoal como um dos maiores ícones. Ele sempre foi um apreciador. E o dia a dia dele ia avançando de acordo com a música. Ele colocava uma música instrumental relaxante no início pra acordar e isso ia avançando com o passar do tempo de forma que à medida que a temperatura e o trabalho ia aquecendo, a música também ia aquecendo.⁷⁸

Considerando que o simples fato de ir além das tradições mais pétreas nas quais a sociedade da época se via envolvida já configura em si, uma ação questionadora; expressar uma apreciação musical assim plural e que não se comprometia com padrões, sobretudo no universo

⁷⁶ A Contracultura e o Pensamento Mágico - a Pluralidade de Saberes Ancestrais. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AfKgfZjr0oc> . Acessado em 20/02/2023.

⁷⁷ Depoimento registrado no acervo da entidade <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ> . Acessado em 16/04/2023.

⁷⁸ A vida de Zé antes do Boi da Macuca . Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> acessado em 25/04/2022.

rural, se somava à personalidade do Capitão como um representante do ideário contracultural, mesmo que a seu modo.

Zé da Macuca foi uma pessoa que levou novas formas de pensar ao seu lugar de origem. Após suas andanças pelo Brasil, ao retornar à Fazenda Macuca, ele ajudou a disseminar arte e cultura nos arredores da localidade. No mesmo documentário, seu filho, Rudá, também menciona este particular de Zé:

E com essas pessoas, meu pai teve uma conexão muito forte, sabe? Ele é muito respeitado, muito amado por todo mundo. E ele trouxe muitas novidades com os hábitos dele e isso se misturou de uma forma muito harmônica com o jeito dele, com as coisas, com o pensamento moderno que ele tinha, com a coisa de vir trazendo arte e cultura pra região e se conectando de uma maneira muito forte com o lugar e com as pessoas que fazem o lugar. Meu pai teve uma conexão incrível. Ele não queria sair daqui.⁷⁹

Aqui, percebemos outro traço contracultural: a ligação com os elementos naturais como forma de distanciamento em relação à tecnocracia urbana. Outro destaque se percebe, neste depoimento de seu filho: além de expressar um pensamento e uma postura considerada moderna, ou seja, divergente dos padrões vigentes, Zé da Macuca atuou como um difusor da arte e da cultura na região, estando entre as principais referências locais neste campo.

O autor Carlos Alberto Messeder Pereira, em uma passagem de seu livro *O que é contracultura*, nos traz outro aspecto da contracultura que identificamos nas ações da Macuca:

Principalmente durante a segunda metade da década de 60, os grandes acontecimentos musicais da contracultura foram os festivais. Reunindo um número enorme de grupos, compositores e intérpretes — e, obviamente, um público gigantesco —, esses happenings musicais eram uma ocasião única para o encontro daqueles que, às vezes desesperadamente, tentavam criar um mundo novo que fugisse aos limites do Sistema. (Pereira, 1988, p. 46)

É sabido que entre os três eventos regulares do calendário da Macuca estão os festivais. Ao longo dos anos, estes eventos se apresentaram com diversas propostas, até que recentemente — no ano de 2019⁸⁰, precisamente — o modelo Festival Macuca das Artes vem se consolidando como evento regular na Zona Rural de Correntes/PE. Cabe o registro de que esta celebração costuma ser realizada a partir de uma concepção que procura ter a interação com a natureza

⁷⁹ A vida de Zé antes do Boi da Macuca . Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> acessado em 25/04/2022. Grifo nosso.

⁸⁰ Site Macuca Oficial - Linha do tempo Disponível em <https://www.macuca.com.br/linhadotempo> . Acessado em 25/04/2022.

como uma de suas orientações principais. Assim como ocorria no caso de algumas edições de festivais estrangeiros, como no famoso festival de Woodstock — realizado em agosto de 1969, nos Estados Unidos —, o público participante assiste às apresentações ao ar livre, contemplando as performances artísticas que acontecem nos palcos ao mesmo tempo em que vivenciam uma experiência sensorial única. Ainda sobre a proposta do Festival Macuca das Artes, trata-se de um evento que acontece por dias seguidos, e, em virtude disto, o gramado da fazenda é disponibilizado para a instalação de barracas de camping de modo a promover uma interação ainda maior entre o público e o cenário da zona rural. Como outro detalhe importante sobre características da contracultura, conste que a curadoria dos eventos tem se mostrado atenta à uma lista de atrações que possa garantir variados estilos artísticos, não só no universo da música, convém lembrar.

Concordamos com o pensamento do pesquisador Carlos Alberto Messeder Pereira: “é difícil negar que a contracultura seja a mais recente ou a última (pelo menos até agora) grande utopia radical de transformação social que se produziu no Ocidente.” (Pereira, 1988, p. 20-21). Dito isto, registramos que, a partir destas constatações, a nossa análise insere o Boi da Macuca dentro do universo dos representantes contemporâneos do ideário da contracultura. Ainda que o grupo não se declare verbalmente como militante daquela concepção de mundo, a agremiação segue, levando adiante suas ações, livre de preconceitos ou grilhões que possam limitar sua liberdade de expressão ou a criatividade de quem adere a suas concepções *dionisiacas* sobre cultura popular.

4.3 O BOI E SUA DINÂMICA: TRADIÇÕES REINVENTADAS

Nos parece curioso que ao falar de uma manifestação popular, com mais de três décadas de história, precisemos ficar atentos a alguns cuidados para não cair na *cilada* de nos referirmos ao Boi da Macuca como um exemplo ferrenho em defesa de tradições arraigadas no passado: um bastião dos costumes antigos... Ora, como informam os estudos sobre o folclore brasileiro, os folguedos de bumba-meu-boi e boi-bumbá, assim como muitas de suas variáveis, remontam a um passado distante. Acontece que a Macuca não abriga um boi comum.

Esta pesquisa teve como objetivo principal a investigação da proposta musical da Entidade cultural. Contudo, embora por si só, este elemento artístico já se configure como um aspecto sobre o qual repousam elementos tradicionais, entendemos que é imprescindível que

tenhamos em mente que a música da Macuca está permanentemente sendo influenciada por diversos fatores, sempre revisitada.

Como bem registrou o pesquisador Elder Maia Alves, “Não é preciso muito esforço para perceber que os grupos culturais [...] fazem parte de um movimento maior de tradicionalização e retraditionalização dos conteúdos das chamadas culturas populares. (Alves, 2011, p.358). Observando os termos *tradicionalização* e *retraditionalização*, lançamos um olhar sobre o debate teórico acerca desta temática. Entendendo que os grupos culturais — para usar a expressão do autor citado — agregam este potencial em suas ações, como discernir entre o que seja uma tradição atávica, antiga, que se mantém atravessando os tempos; e um “costume” mais recente, mas que, no entanto, se anuncia como um elemento promissor em um determinado contexto? A própria estrutura do termo sugere uma ação — potencialmente premeditada, planejada — sobre a construção e difusão de ações ou costumes associados a algum tipo de protocolo ou evento de outras naturezas. Mas é na palavra *retraditionalização* que reconhecemos uma provocação realmente interessante. A ideia de se tomar elementos tradicionais e reinventá-los nos parece empolgante, embora desafiadora. Evocamos o teórico Eric Hobsbawm:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawm, 2021, p. 8)

A partir desta explicação, nos aproximamos de uma compreensão mais palpável sobre o conceito de tradição. Uma vez que acolhemos esta perspectiva, adquirimos a noção de que sim, alguns dos traços percebidos como tradicionais pelos diversos grupos sociais, podem ter sido meticulosamente pensados para que se pudesse obter este ou aquele efeito, de maneira exitosa. Naturalmente, no contexto deste trabalho não nos posicionamos de forma crítica sobre situações como esta. À pesquisa cabe realizar a observação e análise da matéria. Vamos a outro fragmento que Hobsbawm nos apresenta:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo — às vezes de poucos anos apenas — e se estabeleceram com enorme rapidez. (Hobsbawm, 2021, p. 7)

E eis que chegamos a um ponto essencial no debate. Defendemos que as tradições são sempre inventadas e permanentemente reinventadas. No universo das culturas populares, esta constatação se mostra muito nitidamente. Tomemos como exemplo, a questão do forró enquanto elemento tradicional do Nordeste brasileiro. Ora, como coloca o historiador e pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “O baião será a “música do Nordeste”, por ser a primeira que fala e canta em nome desta região.” (Albuquerque Júnior, 2011, p 176). Temos aqui um elemento tradicional do Nordeste — neste caso, uma amostra de suas múltiplas sonoridades — que basicamente, estava *no lugar certo e na hora certa* quando ganhou visibilidade. Vale salientar que do ponto de vista estético, as sonoridades do Nordeste estão repletas de outros elementos que não são, a rigor, necessariamente classificados como musicais. Por exemplo, a forma de pronúncia, a dicção e o sotaque são traços que em boa medida indicam características daquela região. Isso sem falar, no caso das canções, dos conteúdos das narrativas e das — não tão infrequentes — digressões que se apresentam quando o intérprete discorre a falar ou contar histórias no meio das gravações, revelando sonoridades *não musicais* bem peculiares.

Chegando à realidade da Macuca, nos deparamos com uma manifestação que teve sua história iniciada a partir das vivências de seu criador, o Zé da Macuca. Como já foi aqui exposto, o Capitão foi um defensor ferrenho da cultura popular, que como se sabe, encontra nas tradições alguns de seus alicerces. Observando o histórico do idealizador da brincadeira em sua faceta de apreciador de arte e cultura popular, percebemos que Zé foi uma pessoa que absorveu elementos artísticos e, portanto da cultura popular a partir de várias direções. Embora jamais tenha negado sua admiração pela obra musical de estrelas da música nordestina, do mesmo modo, ainda que apoiado nos ombros de *gigantes* da tradição musical, jamais se furtou de lançar o olhar na direção de outros estilos musicais — inclusive considerados de vanguarda — consciente de que as tradições são dinâmicas. Por extensão, esta sua maneira de ver o mundo passou a ser incorporada como uma das características notadas nas ações culturais da Entidade.

Aqui chegamos à constatação de uma contradição: como inovador que foi, Zé da Macuca reuniu o tradicionalismo da cultura popular com aspectos da vanguarda, presentes no ideário da contracultura. Porém, o resultado desta miscelânea se configura como traço *sui generis* nas sonoridades da Macuca. Embora as lideranças da brincadeira mantenham suas posições no que se refere a um destaque para a música de Pernambuco e, por consequência do Nordeste, o pensamento direcionado para a livre expressão musical predomina no contexto. Concordamos com o teórico Durval Muniz de Albuquerque Júnior quando ele nos lembra que

“nenhuma sonoridade é *naturalmente* nordestina”⁸¹. Dito isto, parece-nos coerente a ideia de que, em sua concepção musical, o Boi da Macuca esteja reinventando uma tradição através de uma atitude que vai de encontro com alguns padrões que, embora ainda muito presentes na contemporaneidade, nos parecem um tanto anacrônicos; como a prática de executar determinados repertórios somente em momentos *adequados* do calendário de festas. Ou seja, à luz da tradição, por exemplo, as sonoridades do forró deveriam ser apreciadas somente no ciclo junino, assim como o frevo, somente no carnaval.

Queremos marcar que, neste momento da agremiação aqui estudada, não percebemos a intenção de uma ruptura radical, deliberada e inconsequente com as tradições nordestinas. A Macuca transita com seu ativismo cultural, revisitando elementos do passado de maneira respeitosa, reverente. Contudo, a Entidade também se coloca no papel de difusora de aspectos da contemporaneidade. Assim, torna-se natural que, em certa medida, ocorram fusões entre tradição e modernidade em sua concepção musical.

Novamente, Hobsbawm:

Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.(...) Em todos estes casos, a inovação não se torna menos nova por ser capaz de revestir-se facilmente de um caráter de antiguidade. (Hobsbawm, 2021, p. 12-13)

Observando o público reunido nos eventos da agremiação, constatamos que o movimento se dá nos dois sentidos. Afinal, a brincadeira do Boi não exige uma contemplação distante e reverente, estamos falando de uma manifestação plenamente participativa por parte de seus seguidores. Aqueles que se interessam pela oferta apresentada pela Macuca enxergam ali uma mistura de elementos atraente, e isso, naturalmente, corrobora a tese de que uma outra tradição — talvez uma nova — esteja sendo forjada e se sedimentando no campo das culturas populares do Nordeste brasileiro.

Em sua música, a festa do Boi da Macuca apresenta um diálogo pleno entre tradição e modernidade. Em nosso entendimento, este diálogo resulta em uma expressão cultural fluida. Nossa análise não percebe que existam pretensões objetivas, por parte da Entidade, na direção de revolucionar a estética musical vigente. Pelo contrário, este diálogo ao qual nos referimos estabelece permanência e inovação em um mesmo brinquedo, pois, como reflete o teórico britânico, “Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não devem ser

⁸¹ Conferência de Abertura com a palestra do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior no VII COLÓQUIO DE PESQUISA DO PPGM/UFPB – As sonoridades da tradição: arquivo sonoro e identidade regional nordestina. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Mxs8lDorkrY&t=843> . Acessado em 13/06/2023.

confundidas com a “invenção de tradições”. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. (Hobsbawm, 2021, p. 15).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma manifestação do quilate do Boi da Macuca oferece um desafio de proporções colossais para qualquer proposta de trabalho que abrace o compromisso de esmiuçar uma agremiação como esta em todas as suas nuances. Não obstante, nos propomos a realizar uma leitura dentro das possibilidades apresentadas para um trabalho de pesquisa que considerou o recorte anunciado, sobretudo devido ao tempo aplicado para a realização das etapas, que seguiram desde o planejamento, passando para a execução da pesquisa propriamente dita, até finalmente poder alcançar às análises do material coletado.

Ao nos aproximarmos do final desta breve investigação, nos encontramos com um apanhado de reflexões que se mostram, ao nosso ver, bastante complexas sobre cultura popular. Embora, como foi abertamente defendido nestes escritos, o Boi da Macuca se apresente como uma manifestação peculiar, *sui generis*; nos parece inegável a dedução de que, guardadas as devidas proporções e singularidades, outros grupos situados nas fileiras da expressão das culturas populares possam se enquadrar em grande parte dos aspectos aqui observados. Obviamente, isso expande ainda mais o debate.

Agremiações como o Bloco Carnavalesco Misto da Saudade, o Grêmio Lútero Recreativo Cultural Misto Carnavalesco Eu Acho é Pouco, o Clube Carnavalesco Mixto (*sic*) Elefante de Olinda, a Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos, o Clube de Alegorias e Críticas Homem da Meia Noite, o Bloco Carnavalesco Mixto (*sic*) Trinca de Ás e o Bloco Carnavalesco Lírico Cordas e Retalhos — para citar alguns exemplos — figuram no horizonte de grupos que levam em seus flabelos, estandartes, fantasias e sonoridades, representações nítidas sobre as diversas expressões artísticas, especialmente as musicais, das quais figuram como defensores, no cenário carnavalesco, neste caso, da cultura pernambucana. Há que se considerar que para além do ativismo estético e artístico dos referidos blocos e similares, existe o lado de profissionalização do trabalho, ilustrando, mais uma vez que, discordando de pensamentos por ventura passadistas, não há incongruência entre ativismo cultural e empreendedorismo.⁸² Pelo contrário, entendemos que sobretudo na contemporaneidade, com tudo que de mercantil lhe é inerente, o trabalho de defesa e manutenção de tradições — as antigas ou aquelas recentemente inventadas — só se torna

⁸² A título de exemplo, podemos observar que a agremiação Clube Carnavalesco Mixto (*sic*) Elefante de Olinda está cadastrada como Associação Privada desde o ano de 1974. <https://www.situacaocadastral.info/cnpj/clube-carnavalesco-mixto-elefante-de-olinda-10400356000176> acessado em 22/09/2023.

possível quando se amplia o campo de visão por sobre as *redomas* construídas a partir de romantizações descoladas de uma dicotomia reflexão-ação mais voltada para o pragmatismo.

Junto a esses grupos carnavalescos, o Boi da Macuca surge de modo a se alinhar a este *modus operandi* que busca trazer em suas ações um equilíbrio entre sustentabilidade e oferta de espetáculos ligados à cultura popular e a aspectos da arte contemporânea e de vanguarda. Entendemos que embora a Macuca se alinhe em muitos pontos entre as agremiações citadas acima, salientamos outrossim que a Entidade difere por suas ações que se mostram mais ampliadas, tanto em eventos de palco quanto nas ruas em seus cortejos. Para além do repertório singular, que oportuniza uma conexão entre tantos outros estilos musicais e as sonoridades juninas e carnavalescas, ao fim do trabalho verificamos, como foi mostrado nesta pesquisa, que eventos espalhados ao longo dos meses do ano com nuances não necessariamente carnavalescas ou juninas — como no Macuca das Artes, onde outras linguagens artísticas têm lugar — só se encontra no Boi do Capitão Zé da Macuca.

No que se refere ao tempo de trabalho, vale lembrar que a pesquisa foi realizada no período de vinte e quatro meses, tempo de duração do Curso de Mestrado no PPGMúsica/UFPE. Portanto, os resultados do trabalho estão situados no universo que cabe neste âmbito.

Naquilo que concerne às etapas do processo de pesquisa, entendemos que é importante ressaltar que o trabalho foi realizado de forma contínua, no entanto não linear. Considerando que na época de início dos trabalhos a sociedade ainda estava sob isolamento físico por conta da pandemia da COVID-19, nesta etapa não foi possível realizar observações de campo. Como se sabe, os ciclos carnavalesco e junino nos anos de 2021 e 2022 não foram realizados como de costume, ou seja, nos cenários das ruas, festas fechadas entre outras situações nas quais a presença de grandes aglomerações humanas fazem parte do quadro. Aquele contexto nos fez reorganizar os objetivos da pesquisa de modo a fazer uso do material disponível nos diversos canais que a Entidade apresenta em suas redes sociais. Além disso, a pesquisa também contou com análise dos conteúdos disponibilizados pela imprensa. Convém registrar que, de início a proposta seria realizar uma pesquisa de campo na qual o Boi da Macuca seria investigado em seus diversos cenários, a saber, suas manifestações no ciclo carnavalesco, nos festejos juninos e, nos eventos realizados na Fazenda Macuca, com destaque para o Festival Macuca das Artes. Para além das limitações físicas impostas pelo isolamento social naquele momento, somaram-se outras questões de ordem pessoal e profissional que se revelaram como impedimentos para que aqueles planos iniciais fossem levados adiante. Contudo, após a apresentação do pré-projeto de pesquisa que continha a proposição inicial, uma excelente adaptação dos objetivos da

pesquisa foi apontada no processo de orientação, habilmente conduzido pelo Professor Dr. Amílcar Almeida Bezerra. A partir de então os trabalhos puderam fluir em todas as etapas. Entendendo as transformações da concepção musical da Macuca como resultantes de processos de hibridação cultural, o olhar sobre os conceitos de contracultura e reinvenção das tradições revelou uma proposta de estudo que, embora ligeiramente afastada das ideias iniciais contidas no pré-projeto, mostrou-se como envolvente, considerando o objeto de estudo em tela.

Naquilo que se refere às dificuldades encontradas no processo de trabalho, podemos destacar, em primeiro lugar, a restrita bibliografia específica sobre o Boi da Macuca como aspecto da cultura popular de Pernambuco. Como costuma ocorrer em situações análogas quando se investiga manifestações peculiares como esta, o trabalho experimentou, em certa medida, uma espécie de protagonismo sobre alguns dos registros relevantes sobre a Entidade Cultural. Naturalmente, esta percepção impôs uma responsabilidade ainda maior sobre a realização da pesquisa. Mesmo enfrentando as dificuldades aqui apresentadas, uma vez aplicada a metodologia de trabalho definida com a orientação, entendemos que embora uma pesquisa *in loco*, por certo, enriqueceria o conjunto de elementos para análise, as adequações realizadas garantiram o êxito da pesquisa, insistimos em dizer, neste contexto.

Outro registro relevante refere-se aos momentos em que o isolamento físico imposto pelas questões de biossegurança foi flexibilizado. A partir daquela mudança de conjuntura — que se deu bem depois do início do trabalho investigativo —, tornou-se possível a observação de campo. Com o olhar voltado para a realização das festas da Macuca, a observação, captou uma situação bastante singular: a agremiação estava retornando às suas atividades presenciais após um longo período de atividades realizadas remotamente. Foram observados eventos fechados, as prévias de Carnaval e de São João; bem como foi possível acompanhar de perto os cortejos oficiais no Carnaval e no São João de 2023 no Sítio Histórico na cidade de Olinda. Os dados coletados — registros audiovisuais e breves entrevistas — Embora não tenham sido determinantes considerando os objetivos do trabalho, naturalmente somaram valiosos elementos para a realização das análises.

Sobre a metodologia de trabalho no processo de pesquisa, entendemos que, embora haja sempre a possibilidade de aprimoramentos, a dinâmica aplicada se mostrou devidamente adequada. Chegando ao seu final, avaliamos que o trabalho encontrou um equilíbrio satisfatório, considerando os aspectos favoráveis e mesmo aqueles considerados mais desafiadores. Não obstante, a pesquisa, inserida em seu devido contexto, foi capaz de contemplar todos os objetivos propostos para o momento.

A partir de nossas conclusões, percebemos o Boi da Macuca como uma manifestação caracterizada pelo hibridismo. Esta assertiva se fundamenta no fato de que, apresentando elementos tradicionais e aspectos do fenômeno da contracultura, o folguedo leva a seu público um harmonioso amálgama de complexas combinações. Em nenhuma das facetas observadas nesta pesquisa, fomos capazes de reconhecer aspectos supostamente *puros* — na expressão mais objetiva do termo — neste momento histórico daquela entidade cultural. Percebemos que, como reportou Canclini,

Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado. Mas essa multiplicação de oportunidades para hibridar-se não implica indeterminação, nem liberdade irrestrita. A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo. (Canclini, 2008, p. XXIX)

Os processos de hibridação estão presentes no ativismo cultural da agremiação e, ao que nos parece, isso se configura como um traço marcante da Macuca em suas ações orientadas por princípios que defendem a criatividade e que, portanto, acolhem *novidades* e as incorporam às suas práticas. O Boi recupera aspectos da cultura popular tradicional e os reapresenta, em grande medida, à luz do ideário da contracultura. Este traço tão peculiar a esta agremiação nos chama bastante a atenção. Não trata-se de uma manifestação contemporânea que apenas defende as tradições populares. Mais que isso, a Macuca revisita valores contraculturais aplicando-os no exercício da vivência da cultura popular garantindo um permanente diálogo entre o passado e a contemporaneidade. Deste modo, o Boi vem revisitando e, em alguma medida, recriando suas práticas, a partir do uso atencioso de seus *binóculos* e de seus *retrovisores*. Artistas, tecnologias e espaços vem sendo incorporados à história da agremiação em um fluxo contínuo. A pesquisa mostrou que aquilo que outrora começou como uma festa entre amigos próximos, vem tomando o aspecto de um fenômeno cultural de grande envergadura.

Ao final deste trabalho de pesquisa, naturalmente identificamos alguns pontos que se apresentam como potenciais temas para o desenvolvimento de novas investigações. Entre as possibilidades que neste momento nos chamaram a atenção, elencamos alguns destaques. Uma análise mais pormenorizada das manifestações da Macuca enquanto evento musical, à luz de referenciais teóricos mais alinhados com um estudo neste campo parece-nos interessante. Tendo a música como força motriz e, dada a riqueza e complexidade com as quais este elemento se desenha na Entidade, enxergamos um campo vasto a ser investigado em possíveis novos estudos. Na cena contemporânea, a questão da sustentabilidade da agremiação, assim como de

outros grupos análogos, também carece de um olhar mais pormenorizado. Numa conjuntura na qual a indústria cultural se encontra definitivamente ocupando uma posição fortemente influenciadora, ampliar a visão para além de um suposto *anticapitalismo* e verificar o fenómeno com a devida perspectiva analítica, da mesma forma, nos parece algo promissor. Destacamos ainda, como mais um dos achados da pesquisa, a importância das ações da Macuca no campo da economia da região de Correntes. Entendemos que uma vez estando na condição de eventos anuais daquela localidade, as festas realizadas já fazem parte, em alguma medida, da expectativa dos diversos segmentos da economia local — hotelaria, gastronomia, turismo etc. — e portanto, a dimensão dos eventos na fazenda ultrapassam as questões artístico-culturais, como podemos inferir.

Ainda nestas breves conclusões, destacamos que, ao reconhecermos as características das manifestações do Boi da Macuca em dois espaços principais, a saber, litoral e interior ou ainda Região Metropolitana do Recife e a cidade de Correntes com seu entorno, vemos, como auspiciosa possibilidade, uma derivação deste trabalho envolvendo pesquisas mais setorializadas do ponto de vista da territorialidade, sobre os dois contextos aqui citados.

O conceito de ativismo cultural, que se apresenta como uma temática flagrantemente contemporânea e que portanto, se mostra como matéria para um debate urgente, nos parece passível de ser abordado em trabalhos acadêmicos vindouros. O âmbito no qual esta pesquisa se insere não favoreceu um aprofundamento adequado de tópicos como estes aqui listados, porém, estes cenários que agora enxergamos para possíveis desdobramentos desta pesquisa não esgotam as perspectivas de estudo sobre a Macuca, contudo, reconhecendo a pluralidade de elementos a serem observados e analisados, ousamos expor estas ideias como pontos de partida para futuras investigações.

Após a realização deste trabalho de pesquisa, observamos que o Boi da Macuca adere a um conjunto de entidades comprometidas com a manutenção das tradições e que atuam como artífices na construção de novas formas de se vivenciar a arte como elemento indissociável da cultura regional. Neste sentido, percebemos a Macuca como relevante protagonista de ações voltadas para a preservação e difusão de aspectos representativos da arte na sociedade pernambucana e brasileira.

Finalmente, esperamos que este trabalho possa servir como uma modesta referência para dar início a novas pesquisas no campo das culturas populares, este universo que, embora esteja repleto de temáticas abundantes, permanece em compasso de espera por novos olhares que possam corroborar o entendimento destes fenômenos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- CANCLINI, N.G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. **Consumidores e Cidadãos : conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- _____. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4ª ed. São Paulo, Edusp, 2003.
- CARVALHO, Aline. **Produção de cultura no Brasil: da Tropicália aos Pontos de Cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Luminária academia, 2009.
- FAVARETTO, C. **A contracultura, entre a curtição e o experimental**. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 1, n.3, p. 181-203, 2017.
- FERNANDES, Cíntia Sanmartin [et al]. **Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre. Sulina, 2022.
- FREIRE Filho, João; Herschmann, Micael (org.). **Comunicação, cultura e consumo. A (des)construção do espetáculo contemporâneo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ªed.Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2020.
- HOBSBAWM, E. ;T. R. **A Invenção das Tradições**. 14ª ed. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura como recurso**. Coleção cultura é o quê? Salvador. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. 2012.

KAMINSKI, Leon (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades**. Curitiba, Editora CRV. 2019

LIMA, A de. **Excursão sobre o conceito de contracultura**. HOLOS, v. 4, p. 183-192, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. (Coleção Primeiros Passos). Rio de Janeiro, Brasiliense, 1988.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**. Petrópolis, Vozes, 1972.

SEEGER, A. **Etnografia da Música**. Cadernos de Campo, v. 17, n. 17, p. 237 – 260, Programa de Pós-graduação em Comunicação- Universidade Federal de Pernambuco, v. 10, março 2008.

SILVA, Francisco R. S. A. **Boi da Macuca uma invenção viva na contemporaneidade: perspectivas e tensões para os estudos de tradição na cultura popular**. Recife, Fundarpe, 2012.

TROTTA, F. **Gêneros Musicais e Sonoridade: construindo uma ferramenta de análise**. Rio de Janeiro, Ícone - UFRJ, 1997.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima**. 2ª ed. São Paulo. Anita Garibaldi, 2010.

A Contracultura e o Pensamento Mágico - a Pluralidade de Saberes Ancestrais. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AfKgfZjr0oc> . Acessado em 20/02/2023.

A Invenção de Zé: o Boi da Macuca. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6wm-kWIEDBo> Acessado em 17/04/2023

A vida de Zé antes do Boi da Macuca <https://www.youtube.com/watch?v=cUh4jDbasTI> . acessado em 18/04/2023).

As fases do cortejo e o futuro da Macuca daqui por diante. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VfLihA2GNMQ> . Acessado em 16/04/2023.

Boi da Macuca – Depoimento de Zé da Macuca 2019. Depoimento de Zé da Macuca em 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DITsQQiG-B0> Acessado em 14/04/2023.

Carnaval Digital 2021 - Boi da Macuca Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NHq4PiPxgo&list=RDtTGTDn2mivQ&index=4> acessado em 06/04/2023.

Cultura.PE Disponível em <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/musica/a-psicodelia-toma-conta-do-macuca-jazz-improviso/>. Acessado em 22/06/2023.

Cultura.PE. Disponível em <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/desfile-do-boi-da-macuca-toma-as-ruas-de-olinda-neste-fim-de-semana/> .Acessado em 22/06/2023.

Diário de Pernambuco. Disponível em <https://www.diariodepernambuco.com.br/ultimas/2021/05/morre-o-ativista-cultural-ze-da-macuca-idealizador-do-boi-da-macuca.html> Acessado em 16/04/2023.

Entrevista de Zé da Macuca em 13 de abril de 2016 concedida à rede globo de televisão. Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/05/21/ze-da-Macuca-fundador-do-boi-da-Macuca-morre-aos-67-anos-no-recife.ghtml> Acessado em 15/03/2023.

Folha de São Paulo Ilustrada em 09 de fevereiro de 2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0902200021.htm> acessado em 14/03/2023.

Impact Hub Brasília. Disponível em <https://brasil.impacthub.net/terceiro-setor-conheca-os-conceitos-de-ong-osc-instituto-fundacao-e-associacao/> . Acessado em 16/07/2023.

JC Play – Maestro Oséas do Ceroula. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5wh9EbMsFzI> Acessado em 16/04/2022.

JC TV Ponto de entrevista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=diz4Odlg3UY&t=6s> Acessado em 02/04/2023.

O que Zé da Macuca significa por centenas de pessoas . Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ypeksZVFEho> Acessado em 10/05/2022.

Podcast É noisy (Máquina 3) Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WXPk5IFmI3E> . Acessado em 15/03/2023.

RECBEAT Festival . Disponível em <https://www.recbeatfestival.com> Acessado em 01/04/2023.

Recife recebe título de cidade criativa da UNESCO. Disponível em <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/08/11/2021/recife-recebe-titulo-de-cidade-criativa-da-unesco#:~:text=Cidade%20que%20tem%20na%20m%C3%BAfica,da%20Unesco%2C%20na%20categoria%20M%C3%BAfica> Acessado em 20/04/2023.

Revista Continente fev. 2020. Disponível em <https://revistacontinente.com.br/secoes/curtas/boi-da-Macuca> Acessado em 14/04/2023.

RUDÁ ROCHA- VENEZA CAST #15. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1FjzhqRgg6A> Acessado em 22/03/2023.

Secretaría de Turismo del Gobierno de México. Disponível em https://twitter.com/SECTUR_mx/status/1375526455199862785 Acessado em 20/07/2023.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Disponível em <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/quais-os-tipos-de-associacao-sem-fins-lucrativos,27b597daf5c55610VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acessado em 16/07/2023.

Site Macuca Oficial - Linha do tempo Disponível em <https://www.macuca.com.br/linhadotempo> . Acessado em 25/04/2022.

Transparência.CC. Dados atualizados em 22/06/2023. Disponível em <https://transparencia.cc/dados/cnpj/41752322000174-PE-instituto-boi-da-macuca-im/> . Acessado em 22/07/2023.

Twitter Gilberto Gil. Disponível em <https://twitter.com/gilbertogil/status/1338091733733748736> . Acessado em 04/05/2023.

Val visita especial Zé da Macuca. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vtSgx2-aTCg> Acessado em 17/04/2023.

VII COLÓQUIO DE PESQUISA DO PPGM/UFPB – As sonoridades da tradição: arquivo sonoro e identidade regional nordestina. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Mxs8IDorkrY&t=843> . Acessado em 13/06/2023.

ANEXO A – IMAGENS MACUCA

Imagem A – Oficina de música – Festival Macuca das Artes 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem B – Oficina de figurino – Festival Macuca das Artes 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem C – Oficina de artes plásticas – Festival Macuca das Artes 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem D – Oficina de reisado – Festival Macuca das Artes 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem E – Produtos caracterizados da Macuca – Carnaval 2023



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem F – Abre-alas da agremiação – Carnaval 2023



Fonte: Acervo do autor

Imagem G – Estandarte da agremiação – Carnaval 2023 e FIG 2023



Fonte: Acervo do autor

Fonte: Fotografia Lucas Maia

Imagem H – Boi da Macuca na Europa – 1998



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem I – Rótulo da cerveja EKAUT edição comemorativa 30 anos da Macuca – 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem J – Homenagem do Homem da Meia-noite ao Boi da Macuca – 2023



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem K – Casa da Fazenda Macuca



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem L – Cartaz programação de cinema – Festival Macuca das Artes 2019



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem M – Carros de boi em cortejo da Macuca



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem N – Rudá Rocha, Zé da Macuca e Ariano Suassuna –
Festival de Inverno de Garanhuns 1995



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem O – João Faustino, Zé Romão e Benedito da Macuca – São João Macuca 2001



Fonte: Redes sociais da entidade

Imagem P – Rudá Rocha e Zé da Macuca



Fonte: Redes sociais da entidade